



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
GRACIELA MASSIRONI CARUS
VANESSA CUSTÓDIA INÁCIO

**RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO DOCÊNCIA
CAPITÃES DA AREIA: UMA (RE) LEITURA, DIVERSOS OLHARES**

FLORIANÓPOLIS
2016

GRACIELA MASSIRONI CARUS
VANESSA CUSTÓDIA INÁCIO

**RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO DOCÊNCIA
CAPITÃES DA AREIA: UMA (RE) LEITURA, DIVERSOS OLHARES**

Relatório Final de Estágio de Docência elaborado na disciplina de Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas Vernáculas sob orientação da Professora Dra. Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott.

FLORIANÓPOLIS
2016

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à professora Isabel Monguilhott pela orientação e aos nossos familiares pelo apoio e companheirismo. Em especial, agradecemos uma à outra, pelo incentivo, pelos esclarecimentos, pelas reclamações que nos fortaleceram e principalmente, pela amizade construída.

RESUMO

O presente relatório tem por objetivo a reflexão e o registro das atividades desenvolvidas no período da experiência de estágio docente realizado pelas graduandas Graciela MassironiCarus e Vanessa Custódia Inácio na disciplina Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II do Curso de Letras – Língua Portuguesa e Literaturas da Universidade Federal de Santa Catarina no primeiro semestre de 2016, sob orientação da professora Dra. Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott. Tal experiênciafoirealizada na turma 3.11 no terceiro ano do ensino médio, na E.E.B. Profª Maria José Barbosa Vieira.

Palavras-chave: Relatório, Reflexão, Registro, Estágio docente, Ensino médio.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1.DOCÊNCIA NO ENSINO MÉDIO	9
1.1. DESCRIÇÃO DO ESPAÇO ESCOLAR.....	9
1.1.1. A escola	9
1.1.2. A turma 3.11.....	12
1.1.3. A professora	14
1.1.4. Análise crítica das aulas observadas, por Graciela Carus.....	14
1.1.5. Análise crítica das aulas observadas, por Vanessa Inácio	18
1.2. PROJETO DE DOCÊNCIA	20
1.2.1. Escolha do tema e justificativa	20
1.2.2. Referencial teórico.....	22
1.2.3. Objetivos.....	28
1.2.4. Conhecimentos abordados.....	30
1.2.5. Metodologia.....	30
1.2.6. Recursos.....	32
1.2.7. Avaliação	34
1.2.8. Planos de aula	36
1.3. RELATOS DO EXERCÍCIO DE DOCÊNCIA.....	81
1.3.1. Relato das aulas	81
1.3.2. Reflexão sobre a prática pedagógica no projeto docente.....	85
2. DOCÊNCIA NO PROJETO EXTRACLASSE.....	87
2.1. O PROJETO EXTRACLASSE	87
2.1.1. Apresentação	87
2.1.2. Justificativa	88
2.1.3. Reflexão teórica	89
2.1.4. Objetivos.....	94
2.1.5. Metodologia.....	95
2.1.6. Cronograma	96
2.1.7. Recursos.....	96
2.1.8. Avaliação	97
2.1.9. Planos de aula	97

2.2. RELATOS DA DOCÊNCIA NO PROJETO EXTRACLASSE	139
2.2.1. Relato das aulas	139
2.2.2. Reflexão sobre a prática pedagógica no extraclasse.....	142
3. A REALIDADE VIVIDA NAS ESCOLAS.....	143
3.1. ENSAIOS INDIVIDUAIS.....	143
3.1.1. O que está acontecendo nas aulas de Língua Portuguesa? Por Graciela Carus	143
3.1.2. O período noturno e suas discrepâncias, por Vanessa Inácio	145
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	147
5. REFERÊNCIAS	148
5.1. Referências do espaço escolar.....	148
5.2. Referências do projeto de docência.....	149
5.3. Referências dos ensaios individuais	150
5.4. Referências do projeto extraclasse.....	151
6. ANEXOS	152
6.1. Documentação.....	152
6.2. Descrição do espaço escolar	152
6.3. Projeto de docência.....	152
6.4. Projeto Extraclasse.....	152

INTRODUÇÃO

Como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas Vernáculas, o presente relatório foi produzido a partir das vivências no estágio docente realizado na turma 3.11 do terceiro ano da Escola de Educação Básica Profª Maria José Barbosa Vieira, localizada no bairro Praia Comprida, São José. A orientação durante essa experiência docente foi da professora doutora Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott, e permeou desde as instruções iniciais para o relatório de observação, perpassando nosso projeto docente e finalizando com o projeto extraclasse, resultando no presente escrito.

Num primeiro momento foi necessário o contato com a escola e com os envolvidos (alunos, professores, servidores), para isso tivemos um período de 10h/aula, que abrangeu desde o contato com o espaço escolar até as aulas observadas da professora titular. No presente relatório, a seção que descreve esse processo é intitulada de “1.1. Descrição do espaço escolar”. Neste tópico, está inserida a descrição da escola, da turma, bem como faz referências a professora e a nossa análise das aulas observadas.

A seção seguinte é “1.2. Projeto de docência”, é onde se insere todo nosso planejamento do exercício de docência. Partimos da escolha de um tema e sua justificativa, passando pelo referencial teórico que nos deu suporte para a execução do projeto, especificamos os objetivos e conhecimentos abordados e passamos a metodologia que empregamos, incluindo os recursos e avaliação e por fim, aos planos de aula.

Em seguida, tem-se a seção “1.3. Relatos do exercício de docência”, onde passamos as descrições das aulas dadas, ou seja, da nossa prática pedagógica e segue por uma reflexão acerca de tal prática.

Abordamos no tópico “2. Docência no projeto extraclasse”, todo o projeto criado para trabalhar com as turmas de terceiro ano do período diurno. Ou seja, unificamos alunos de diferentes turmas, e trabalhamos com um grupo maior de alunos. Este tópico está dividido nas seções em que fazemos a apresentação do projeto, justificamos o tema, descrevemos nosso embasamento teórico, pontuamos nossos objetivos, dissertamos sobre a metodologia empregada, apresentamos as atividades através de um cronograma, relatamos os recursos utilizados, bem como a forma de avaliação e por fim, os planos de aula.

Seguimos com os relatos da docência no projeto extraclasse, onde na seção 2.2.1 tem-se o relato das aulas e na seguinte, 2.2.2 é possível verificar a reflexão feita a partir da prática pedagógica.

No tópico intitulado “3. A realidade vivida nas escolas” temos os ensaios individuais, que priorizam a reflexão sobre as observações, realizações e a própria experiência docente.

Para finalizar, pontuamos nossas considerações e conclusões finais na seção “4. Considerações Finais”, na seção “5. Referências”, trazemos as bibliografias utilizadas e finalizamos com os anexos, desde documentos necessários para a realização do estágio, questionários aplicados, até fotos de atividades e da turma.

1.DOCÊNCIA NO ENSINO MÉDIO

1.1. DESCRIÇÃO DO ESPAÇO ESCOLAR

1.1.1. A escola

A Escola de Educação Básica Profª Maria José Barbosa Vieira, conhecida pelo apelido de "Cemajoba" localiza-se na Rua Joaquim Vaz, nº 1413, no bairro Praia Comprida – São José, funcionando sob a direção de Marlon Pires Sarmiento.

Segundo o Projeto Político Pedagógico, a escola foi fundada no ano de 1984, com o mesmo nome, e atendia alunos do Ensino Fundamental, depois a instituição de ensino passou por algumas mudanças:

Em 18 de fevereiro de 1986 passou a chamar-se Colégio Estadual Maria José Barbosa Vieira com a implantação do ensino médio para atender a clientela do Colégio “Monsenhor Frederico Hobolt”, em decorrência de seu fechamento, pois este oferecia, a seus alunos, Curso Técnico de Contabilidade. (PPP CEMAJOBA, p.2)

Atualmente, o Colégio Estadual Maria José Barbosa Vieira (CEMAJOBA), atende somente alunos do Ensino Médio, privilegiando jovens da Grande Florianópolis. O colégio participou do projeto “Escola Jovem” - um projeto do Governo Federal em parceria com o Governo Estadual e funcionou aproximadamente até 2008. Segundo o Portal do MEC o projeto também conhecido como “Programa de Melhoria e Expansão do Ensino Médio”, foi criado em 1997, para aperfeiçoar a qualidade e eficiência do Ensino Médio. Outro ponto interessante que merece nossa atenção é o Plano de Gestão Escolar 2016/2019 do colégio, elaborado em consonância com o princípio de gestão democrática, objetivando uma democracia emancipadora e autônoma que propõe a descentralização da gestão escolar. A proposta tem como objetivo geral uma educação pública de qualidade para todos, de forma justa, com equidade e democracia, assim nessa perspectiva interessa mencionar que a escola visa:

Oferecer educação pública de qualidade social, de forma justa, igualitária e democrática, assegurando ao máximo a socialização do saber, instrumento de fortalecimento pessoal, cultural e social, de forma que permita ao educando refletir e agir como um cidadão autônomo, consciente, responsável e atuante na sociedade em que está inserido. (Plano de Gestão Escolar – CEMAJOBA, p.4)

É relevante destacar que o colégio vem atingindo ótimos índices de aproveitamento dos alunos no vestibular e no ENEM, conforme dados discriminados no PPP: em 2011 foram aprovados 32 alunos na UFSC, ficando em 21º lugar no Estado; no ano seguinte, em 2012 esse índice subiu para 34 alunos¹ aprovados, deixando a Escola em 19º lugar em Santa Catarina, e em 2013 a aprovação foi de 47 alunos deixando a escola em 9º lugar no Estado. Os dados apontados pressupõem uma melhoria na qualidade de ensino da escola pública estadual e conduzem a uma reflexão acerca dos resultados da aprendizagem dos alunos.

Atualmente o colégio CEMAJOBA possui 31 turmas de Ensino Médio, divididas entre 1º, 2º e 3º ano, tendo no turno matutino 15 turmas com 623 alunos no total, no vespertino tem 10 turmas com 373 alunos no total, e no noturno são 6 turmas com 182 alunos no total. Assim, constatamos um total de 1178 alunos atendidos nesta unidade de ensino.



Construção da escola nova



Fachada atual da escola

Para atender esses alunos com uma aprendizagem significativa, os profissionais que atuam no colégio são, na maioria, efetivos e com pós-graduação, o que sugere pensar no processo de formação continuada dos professores como instrumento de valorização que propicia melhores condições de trabalho nos ambientes escolares, com o desenvolvimento de interessantes projetos pedagógicos junto aos alunos, fazendo do colégio uma instituição com mais qualidade:

¹ Há divergência nesse dado fornecido pelo PPP em relação ao Plano de Gestão que aponta 37 alunos aprovados.

[...] a escola desenvolve vários projetos pedagógicos para os quais há boa adesão dos professores. Exemplos: gincana esportiva, gincana cultural, simulado formato ENEM, Olimpíadas Matemática, Química, Dia do Estudante, Cinema na escola, Além dos muros da Escola, 12 horas de FUTSAL, Doação de Sangue, competições Atleta na Escola, Feira Científica e Cultural, Processo de Organização Coletiva para as formaturas, Confraternização Julina (sic), Ações Afirmativas da UFSC (Curso Pré Vestibular, palestras sobre cursos, etc). (Plano de Gestão Escolar, CEMAJOBA, p.5)

Pensando nisso o colégio disponibiliza aos professores alguns recursos tecnológicos (salas de multimídia), possibilitando aos docentes inovar e criar novas estratégias que auxiliam a prática pedagógica. Para isso faz-se necessário a reserva/agendamento desses materiais, através do site da escola.

Considerando ainda o documento de Gestão Escolar do CEMAJOBA os dados mais atualizados em relação aos professores (todos com nível superior na área), são de 55 em exercício de docência, sendo 35 efetivos e 20 temporários, e que atuam em outras atividades são 11 (comissionados, readaptados, atribuição de exercícios).

Quanto ao total do quadro de servidores e funcionários, a escola dispõe de:

67 (55 professores, 03 assistentes de educação, 01 assistente técnico pedagógico, 03 especialistas, 01 segundo professor, 02 atribuição de exercício, 02 ATP cedidos). Há 07 funcionários da APP, 03 merendeiras terceirizadas e 02 vigilantes terceirizados; formação: ensino fundamental e médio. (Plano de Gestão Escolar - CEMAJOBA, p. 6)

Em relação à estrutura, o colégio CEMAJOBA dispõe de um amplo espaço físico e equipamentos tecnológicos para o desenvolvimento de diversas atividades educativas, conforme consta no Plano de Gestão Escolar: uma biblioteca com 10 computadores, sendo 04 deles com acesso a internet; uma secretaria com 04 computadores; salas de aula, sendo 15 climatizadas; uma sala de Direção climatizada, com 04 computadores e 02 impressoras; 1 sala de especialistas climatizada com 02 computadores que necessitam de manutenção e 02 impressoras sem toner; uma sala de professores climatizada com dois ambientes, um espaço com mesas e outro com sofás, refrigerador de água, armários, 04 computadores antigos, um televisor 42 polegadas, e 01 copiadora. A escola ainda tem 01 cozinha com depósito para merenda, outra cozinha pequena no corredor da administração para professores e funcionários; sala de tecnologia climatizada com 20 computadores para alunos e 01 computador para o

professor; 01 sala destinada ao arquivo; 01 banheiro masculino e 01 banheiro feminino para os alunos e 01 banheiro exclusivo para professores e funcionários; 02 salas multimídia climatizadas e equipadas com TV de led, uma com home theater e CPUs; laboratório de Química e Biologia climatizado, com bancadas com cuba inoxidável; mini-auditório com capacidade para 120 lugares, cadeiras no modelo com braço, cedido ao curso pré-vestibular da UFSC no período noturno; laboratório de Matemática e Física climatizado com 01 computador; sala de LEFIS, atualmente cedida para o CEJA; área de convivência que dispõe de mesas e cadeiras para 120 alunos onde se servem merendas nos três turnos, 01 guarita para o vigia da escola e 01 bebedouro. Em relação à acessibilidade existe 01 rampa de acesso do estacionamento ao pátio, 01 rampa de acesso ao ginásio da escola; 01 rampa de acesso ao piso superior e sanitários adaptados precisando de reformas, além disso, a escola pretende adquirir uma cadeira de rodas.

A partir dos resultados observados foi possível evidenciar que o colégio possui uma boa estrutura física, apesar da necessidade de algumas reformas e manutenção de alguns equipamentos. Outro ponto positivo é a composição da estrutura pedagógica, com um grande número de funcionários efetivos e qualificados, destacando que o colégio possui um segundo professor para um aluno especial. Nesse contexto importa também apontar que: “A escola implantou um projeto piloto de curso semipresencial utilizando a plataforma de educação à distância Moodle.” (Plano de Gestão Escolar, p.9)

Com estas reflexões conseguimos perceber que o colégio CEMAJOBA exerce sua função social, visando à melhoria e qualidade de ensino com a prática de um conjunto de ações já mencionadas neste relatório, tais como: a valorização dos docentes através da formação continuada, boas condições de trabalho, recurso didáticos e tecnológicos, redução do número de alunos em sala de aula, entre outros.

1.1.2. A turma 3.11

Tendo como objetivo oferecer educação de qualidade para todos, o Projeto Político Pedagógico do CEMAJOBA (PPP, 2014, p. 4) visa formar “Um cidadão participativo, consciente de seus direitos e deveres, que vivencie atitudes de respeito, solidariedade, cooperação, responsabilidade social e repúdio às injustiças sociais.” Para auxiliar nessa formação, o colégio busca desenvolver atividades sobre a reflexão das relações sociais, relacionando com o conhecimento historicamente construído pela humanidade.

Para que se ofereça uma educação de qualidade para todos, conforme consta no PPP da escola como objetivo, é necessário que as turmas não estejam acima da capacidade para um bom rendimento tanto do aluno quanto do professor, portanto foi necessário no CEMAJOBA o desmembramento de algumas turmas, entre elas, a turma 3.11. Inicialmente a turma contava com 45 alunos, com o desmembramento a turma passou a ter 32 alunos. Desse total de alunos, 24 responderam ao questionário sociocultural aplicado. Quanto à faixa etária desses alunos, há uma pequena oscilação, variando (em sua maioria) entre 16 e 18 anos, salvo exceções com um pouco mais (20 anos). Dentre eles, há uma maioria do sexo feminino, 22 mulheres e 10 homens.

Em análise às respostas do questionário aplicado aos alunos, pode-se perceber que a maioria deles são moradores de São José, porém tem moradores de Palhoça e Florianópolis também. A maioria não trabalha e utiliza ônibus como meio de transporte para ir à aula.

Das respostas que obtivemos com o questionário, a grande maioria (14 dos 24 questionários) afirmaram gostar de Língua Portuguesa, no entanto somente oito (08) alunos responderam gostar de ler, ficando evidente que os alunos não possuem o hábito da leitura. Dos 24 questionários respondidos, 18 alunos responderam que pretendem fazer uma graduação, tendo alunos já cursando o nível técnico, devido a tais respostas é compreensível o interesse dos alunos em questões mais voltadas ao vestibular e ao ENEM (caso haja uma Oficina de Língua Portuguesa).

Pode-se perceber que é uma turma com bastantes dificuldades, no entanto a maioria dos alunos demonstrava interesse e respeito ao que a professora passava, ainda que houvesse bastante conversa paralela. Em alguns momentos foram presenciadas cenas de falta de respeito, onde determinados alunos e professora acabavam se alterando. Em geral, foi visto que os alunos têm o hábito de pedir para sair da sala, ir ao banheiro ou direção, os que saíam demoravam bastante para retornar, e isso foi presenciado com frequência. Nas últimas aulas de observação, a professora já controlava mais essa saída da sala, porém os alunos ainda pediam. Foi notado que poucos eram os estudantes que ficavam no celular, salvo uma ou outra exceção.

Por fim, é importante ressaltar que a turma aparenta ter um potencial a ser desenvolvido, e que nosso projeto de docência foi pensado justamente para estimular e colaborar com esse desenvolvimento.

1.1.3. A professora

Liliane Zonta, 37 anos, possui formação em Letras Espanhol, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Administração Comércio Exterior, pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). Atua há (4) quatro anos em atividades docentes, no entanto só está há (1) um mês na Escola de Educação Básica Maria José Barbosa Vieira, atuando no regime temporário (ACT). Possui a carga horária de 60 horas/semanais, distribuídas entre o CEMAJOBA e o Complexo Penitenciário de São Pedro de Alcântara. Atualmente não desenvolve nenhum projeto na escola, devido ao pouco tempo em que se encontra na mesma. Através do questionário aplicado à docente, a mesma afirmou gostar de ler, e além das obras literárias, lê livros de autoajuda (Augusto Cury, Padre Fábio de Mello, entre outros). A ministração das suas aulas, segundo Liliane, é primeiramente aplicando o conteúdo, após verificar o conhecimento dos alunos em relação ao que foi passado e tirar as dúvidas através de explicações, e por fim o teste de conhecimento através de atividades e participação.

Por fim, sua concepção de sujeito é o eu formado através do conhecimento da linguagem, e língua é o meio de comunicação da sociedade.

1.1.4. Análise crítica das aulas observadas, por Graciela Carus

"Sujeito é o eu formado através do conhecimento de linguagem, já língua é o meio de comunicação da sociedade." Esta é a concepção de língua e sujeito dada pela professora regente em entrevista, sendo relevante discorrer sobre os reflexos dessa concepção e suas implicações em sua prática pedagógica com o terceiro ano do ensino médio.

Sabemos que essas concepções podem ser vistas sob perspectivas de diferentes escolas de pensamento acerca do estudo da linguagem, tais como o estruturalismo com os estudos de Saussure focando na estrutura da língua; o gerativismo de Chomsky que defende a ideia de linguagem como uma faculdade mental nata do ser humano para aprender uma língua; os estudos de Bakhtin, com uma proposta de linguagem como forma de atividade social e de interação, entre outros.

A escolha de uma dessas concepções sugere/determina à prática pedagógica do professor em sala de aula, refletindo também no ensino da literatura. A propósito,

convém lembrar que "No ensino médio, a literatura continua sendo vítima de abordagens que privilegiam a história da literatura... uma supervalorização das características estéticas e estilísticas [...]" (BUNZEN, MENDONÇA, 2006, p.101) Além disso, existe a questão dos mitos concebidos sobre o ensino da literatura, que provocam um distanciamento do aluno leitor e as obras literárias, sendo relevante destacar os mitos da linguagem difícil e indecifrável ou somente a partir da leitura de obras literárias se escreve bem e a especificidade da linguagem literária criada com recursos estéticos e estilísticos valorizados pelos formalistas, estigmatizando qualquer relação com a linguagem no uso cotidiano. Existe ainda a questão da literatura como material utilitário, ou seja, voltado para o vestibular e conseqüentemente para o acesso a universidade.

Então, partindo do pressuposto que o objetivo do ensino de Língua Portuguesa é dominar a língua, conforme mencionado na Proposta Curricular de Santa Catarina interessa destacar que

A expressão "dominar a língua" é usual, mas parece impregnada da compreensão de seu funcionamento na base de uma guerra constante com uma materialidade que tem independência, ou uma certa configuração formal, ou seja, estabilidade. Seria preciso apreendê-la para aprendê-la. (PCSC, p.71)

O foco nessa questão surge devido às aulas observadas, quase todas desenvolvidas com uma abordagem centrada na gramática tradicional, predominantemente voltada para a forma, com o uso do livro didático e o conteúdo escrito no quadro. Com uma leitura fragmentada, a professora explica aos alunos as classes gramaticais, muitas vezes, reafirmando aquilo que está escrito.

Nesse sentido, percebe-se que a professora não considerou a bagagem acadêmica dos alunos - por ser uma turma do terceiro ano do ensino médio - chamou minha atenção o fato que não houve interação com os conhecimentos acumulados, fazendo do aluno um receptor passivo de conceitos já estudados. O professor precisa estar atento a essa questão e trabalhar de forma didática o conhecimento que os alunos trazem, desenvolvendo sua autonomia no processo de ensino aprendizagem, dando espaço para a atuação de um sujeito ativo dentro da sala de aula. Nesse contexto, volto ao aporte da Proposta Curricular de Santa Catarina que traduz

“Dominar a língua”, objetivo que se estabelece muito comumente, não pode significar meramente tornar-se senhor (usuário proficiente) de

um aparato gramatical e notacional, independentemente das relações que a língua serve para compor, relações que aparecem como acontecimentos discursivos, novos a cada ocorrência, e por isso mesmo exigindo de seus usuários muito mais que a gramática que conhecemos. (PCSC, p.74)

Dessa forma, na medida em que avançávamos em nosso estudo, ficava mais claro que o modelo educacional aplicado e observado na turma 3.11, não deveria ser seguido, pois o ensino vigente vem sofrendo profundas mudanças, bem como a estrutura do comportamento do aluno contemporâneo. Assim concluo não ser mais adequado o professor usar como ferramenta pedagógica um pacote de atividades prontas, muitas vezes comprometendo a relação entre o professor e o aluno. Inclusive essa relação ficou comprometida no momento em que algumas alunas questionaram o conteúdo gramatical trabalhado com a turma, e a professora demonstrando o poder que compete ao exercício de sua função no sistema educacional tradicional, se posicionou como aquela que detém o saber, enquanto o aluno deveria simplesmente ouvir e aceitar calado.

É interessante destacar um trecho do texto “A aula como acontecimento”, de GERALDI (2010) que conduz a uma reflexão que perpassa pelas aulas observadas, fazendo referência ao frade Comênio, século XVII², com a metáfora do organista, sugerindo que este executa qualquer sinfonia mesmo não sabendo compô-la, então compartilhando essa ideia

Esta passagem de um sujeito que produzia conhecimentos para um sujeito que sabe o saber produzido por outros e que o transmite instaura na constituição mesma da identidade profissional o signo da desatualização, porque como o professor não está produzindo os saberes que ensina, ele está sempre atrás destes saberes que estão sendo produzido por outros. (GERALDI, 2010, p. 85)

As atividades desenvolvidas nesse período de observação, me permite constatar que o uso do livro didático serviu como único suporte para a professora ministrar suas aulas, transmitindo um saber já produzido por outros e conhecido pelos alunos, fora de um contexto relevante para a turma do terceiro ano, verificado inclusive através do comportamento dispersivo e agitado dos alunos.

Documentos oficiais, tais como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional servem como parâmetros para o desenvolvimento mais centrado de um planejamento de

²Metáfora do frade Comênio, século XVII, período da expansão européia, cristianismo e evangelização.

aula compatível com o nível de ensino em questão, confirmando as hipóteses levantadas nesse relatório, onde

[...] a LDBEN/96 toma o ensino médio como etapa final da educação básica, essa fase de estudos pode ser compreendida como o período de consolidação e aprofundamento de muitos dos conhecimentos construídos ao longo do ensino fundamental. Espera-se, portanto, dessa etapa de formação o desenvolvimento de capacidades que possibilitem ao estudante: (i) avançar em níveis mais complexos de estudos; (ii) integrar-se ao mundo do trabalho, com condições para prosseguir, com autonomia, no caminho de seu aprimoramento profissional; (iii) atuar, de forma ética e responsável, na sociedade, tendo em vista as diferentes dimensões da prática social. (OCEM, 2006, p. 17)

Partindo desses pressupostos apresentados, alguns aspectos da metodologia desenvolvida pela professora, em geral constituída de textos extraídos do livro didático, sem a devida reflexão crítica, nos instigam a pensar na necessidade de redimensionar a prática docente no cotidiano escolar, abrindo possibilidades mais dinâmicas que busquem a efetiva interação do aluno. Essa reflexão faz-se necessária, uma vez que somente no último dia de observação da turma, podemos presenciar um trabalho envolvendo a oralidade, deixando uma lacuna no que compete ao trabalho com os eixos organizadores: fala-escuta/leitura-escrita.

Segundo Geraldi, o ensino de Língua Portuguesa deveria abranger três práticas que concentrem a leitura de textos, produção de textos e análise linguística. Assim

Estas práticas, integradas no processo de ensino-aprendizagem, têm dois objetivos interligados: a) tentar ultrapassar, apesar dos limites da escola, a artificialidade que se institui na sala de aula quanto ao uso da linguagem; b) possibilitar, pelo uso não artificial da linguagem, o domínio efetivo da língua padrão em suas modalidades oral e escrita. (GERALDI, 1984, p.25)

A ideia sugere considerar as práticas sociais da língua, refletindo sobre o que os sujeitos fazem com a modalidade oral e escrita bem como o tipo de valorações que constroem acerca dos usos da escrita. Somos construídos na linguagem, pois somos seres sociais e históricos - sujeitos em construção e a língua participa simultaneamente dessa dialética que ocorre entre indivíduos e sociedade. E o papel do professor, concomitante com a escola e os documentos parametrizadores devem proporcionar ao aluno sua evolução como sujeitos críticos, informados, aptos a se apropriar do discurso

do outro e a partir dele construir o seu próprio discurso.

1.1.5. Análise crítica das aulas observadas, por Vanessa Inácio

Após observar e discorrer sobre as dez horas/aula de Língua Portuguesa assistidas na turma de terceiro ano do ensino médio, o momento agora é de analisar e refletir acerca dessa experiência. A intenção não é julgar o que foi feito, mas sim verificar de qual forma esse processo pode ser construtivo nas próximas etapas que virão: planejamento das aulas e estágio de docência.

Num primeiro momento o que foi possível perceber foi a lacuna existente entre professor e aluno, em outras palavras, como a professora está há um mês com a turma não foi perceptível um entrosamento, e sim uma “queda de braços”, onde a professora se impunha demonstrando que era ela quem mandava na sala, quem determinava o que seria passado ou não, quem entraria ou sairia da sala, enfim, sempre que possível isso ficava claro para todos. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais

Ao professor cabe planejar, implementar e dirigir as atividades didáticas, com o objetivo de desencadear, apoiar e orientar o esforço de ação e reflexão do aluno, procurando garantir aprendizagem efetiva. Cabe também assumir o papel de informante e de interlocutor privilegiado, que tematiza aspectos prioritários em função das necessidades dos alunos e de suas possibilidades de aprendizagem. (PCN, 1998, 22).

O fato é que não entramos numa sala de aula para medir forças com alunos, entramos para ensinar, para ampliar horizontes, para debater, e a questão é, para que ensinamos o que ensinamos? Sabemos que atualmente tem-se um plano pré-estabelecido do que se deve ser ensinado, contudo sabemos que é preciso renovar esse modo de ensino da Língua Portuguesa, que mais afasta do que aproxima os estudantes. Segundo Irandé Antunes,

Não pode haver uma prática eficiente sem fundamentação num corpo de princípios teóricos sólidos e objetivos. [...] Se nossa prática de professores se afasta do ideal é porque nos falta, entre outras muitas condições, um aprofundamento teórico acerca de como funciona o fenômeno da linguagem humana. O conhecimento teórico disponível a muitos professores, em geral, se limita a noções e regras gramaticais apenas, como se tudo o que é uma língua em funcionamento coubesse dentro do que é uma gramática. (ANTUNES, 2003, p. 40)

A linguagem não pode ser vista somente como a expressão do pensamento, tampouco só como instrumento de comunicação e muito menos somente como forma de interação. A linguagem é ampla, complexa e engloba essas três concepções de linguagem, que podem co-existir e se auxiliarem para um maior sucesso no ensino da Língua Portuguesa. Ensinamos para que os cidadãos que estão inseridos no ambiente escolar sejam capazes de evoluir na sua posição crítica, sejam capazes de interpretar seus direitos e deveres, saibam lidar com as conversas e textos do seu cotidiano, sejam eles cultos ou vernaculares. É através da interação que o nosso “eu” existe, pois só há um eu, a partir de um “não-eu”, ou seja, do outro. É na interação, subvertida em linguagem/língua que aprendemos a respeitar as diferenças e opiniões alheias adversas a nossa. Dito isso, afirmo que não é cabível para uma turma de terceiro ano de ensino médio o conteúdo ser o que foi proposto: classes gramaticais. Os alunos ali presentes já estavam fartos de regras, ainda mais quando são expostas de forma avulsa, sem estarem inseridas em um contexto de que de fato faça sentido. Segundo as Orientações Curriculares para o ensino médio (2006), proposta pelo ministério da educação, o que se espera do aluno do ensino médio é

[...] (i) avançar em níveis mais complexos de estudos; (ii) integrar-se ao mundo do trabalho, com condições para prosseguir, com autonomia, no caminho de seu aprimoramento profissional; (iii) atuar, de forma ética e responsável, na sociedade, tendo em vista as diferentes dimensões da prática social. (OCEM, 2006, p. 17)

Portanto, o que deve ser refletido é de que forma o conteúdo que a professora passou será relevante para esse desenvolvimento acima citado. O que deve ser proposto como objeto de ensino é a junção de uma ação pedagógica juntamente com uma política que vise à construção do saber partindo do próprio aluno, sendo o professor o mediador dessas orientações. Não se pode simplesmente desconsiderar toda a vida escolar do aluno, e sim, aproveitar que são alunos em último ano da educação básica e que possuem uma vasta experiência escolar. O processo de mediação da leitura, dos conteúdos, da gramática não deve atender somente ao plano designado pelo Estado, mas também deve levar em consideração os sujeitos que estão constituindo aquele espaço escolar, suas vivências e experiências. Segundo Antunes

Já não há mais lugar para o professor simplistamente repetidor, [...], que fica, passivo, à espera de que lhe digam exatamente como fazer, como “passar” ou

“aplicar” as noções que lhe ensinaram. [...] O novo perfil de professor é aquele do pesquisador, que com seus alunos (e não, “para” eles), produz conhecimento, o descobre e o redescobre. Sempre. (ANTUNES, 2003, p. 36)

Dos quatro eixos básicos do ensino-aprendizagem (leitura, escrita, oralidade e análise linguística) foi possível verificar durante o período observado somente a escrita e a leitura brevemente, ainda que estejam interligadas, houve esse distanciamento e não foi possível ver metodologias que fizessem com que os alunos participassem oralmente e nem práticas de análise que proporcionassem reflexões sobre a organização, sobre o sistema, sobre o uso e funcionamento da língua em si.

Sobre a prática da escrita, infelizmente o período que iniciamos a observação coincidiu com o tempo em que os alunos já estavam finalizando e entregando as redações, então percebemos que o retorno dado foi somente o que as estagiárias colocaram conforme suas considerações nas correções. A professora falou brevemente sobre as redações. No entanto, os alunos apresentaram bastantes dificuldades com a escrita e sabemos que escrever requer muito mais do que simplesmente jogar palavras avulsas, requer leitura, releitura, escrita, reescrita, revisão, e principalmente decisão. O professor deve mediar essa escrita, fazendo com que o aluno não se perca no seu próprio texto auxiliando-o na fluidez e fruição da escrita. Deve fazer com o que aluno desenvolva algum posicionamento acerca do que vai escrever, fazendo uso de metodologias que auxiliem os alunos nessa etapa de desenvolvimento. O docente deve fazer a ligação entre o conhecimento que o aluno já possui e o que ele poderá desenvolver e assimilar para que não sejam impostos limites para o aprendizado e para a interação que pode haver entre o professor e o aluno, e entre os próprios alunos.

1.2. PROJETO DE DOCÊNCIA

1.2.1. Escolha do tema e justificativa

Como mencionado, o período de observação da turma, da escola e do trabalho da professora de Língua Portuguesa, antes da prática docente, foi importante para a escolha do tema, dos conteúdos e das formas mais adequadas para trabalharmos em sala de aula, levando em conta o contexto escolar. No entanto, temos que considerar os Parâmetros

Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM, p. 24), que definem as habilidades e as competências para o ensino médio a serem desenvolvidas, como sendo:

- Confrontar opiniões e pontos de vista sobre as diferentes manifestações da linguagem verbal;
- Compreender e usar a Língua Portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade;
- Aplicar as tecnologias de comunicação e da informação na escola, no trabalho e em outros contextos relevantes da vida;
- Analisar os recursos expressivos da linguagem verbal, relacionando textos/contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura, de acordo com as condições de produção, recepção (intenção, época, local, interlocutores participantes da criação e propagação das ideias e escolhas, tecnologias disponíveis);
- Recuperar, pelo estudo do texto literário, as formas instituídas de construção do imaginário coletivo, o patrimônio representativo da cultura e as classificações preservadas e divulgadas, no eixo temporal e espacial;
- Articular as redes de diferenças e semelhanças entre a língua oral e escrita e seus códigos sociais, contextuais e linguísticos;
- Considerar a Língua Portuguesa como fonte de legitimação de acordos e condutas sociais e como representação simbólica de experiências humanas manifestas nas formas de sentir, pensar e agir na vida social;
- Entender os impactos das tecnologias da comunicação, em especial da língua escrita, na vida nos processos de produção, no desenvolvimento do conhecimento e na vida social. (PCNEM, 2000, p. 24)

Então, pensando em contribuir com o desenvolvimento dessas habilidades e competências nos alunos, atender ao planejamento anual proposto pela professora e respeitar as metodologias priorizadas pelos alunos, nosso projeto docente concentra-se em fazer uma releitura da obra *Capitães da Areia*, de Jorge Amado. Portanto, essa obra será o ponto de partida do nosso projeto docente, no entanto ao longo das aulas outros conteúdos serão priorizados, como o texto dissertativo-argumentativo, com enfoque para o ENEM, produção textual e sua reescrita, análise linguística focando na recorrência de inadequações presentes nas produções textuais, entre outros. O intuito é dar condições aos alunos, para ler e escrever dentro de um contexto real de uso social da língua, visando motivá-los a usar os conhecimentos adquiridos para expandir suas possibilidades de linguagem e a capacidade de análise crítica.

Devido ao pouco tempo de aulas, o livro de Jorge Amado na íntegra, não poderá ser contemplado, porém, será passado aos alunos o filme baseado na obra. Sabendo da importância de incentivar o aluno a ler a obra na íntegra, buscamos através do filme criar um vínculo para o aluno entre a obra e a realidade, despertando nele o interesse para a leitura completa e contribuindo para a formação de novos leitores, seguindo a ideia que postula Bordini e Aguiar

Partindo das preferências do leitor, o trabalho deve orientar-se, de maneira dinâmica, do próximo para o distante no tempo e no espaço. Isso significa optar, primeiramente, por textos conhecidos de autores atuais, familiares pela temática apresentada, pelos personagens delineados, pelos problemas levantados, pelas soluções propostas, pela forma como se estruturam, pela linguagem de que se valem. (BORDINI, AGUIAR, 1993, p.25).

Nesse contexto observa-se que o processo de ler e motivar o aluno a fazê-lo é um trabalho que constitui o projeto do docente como mediador dessa leitura, e a escolha do tema adequado deve proporcionar maior interesse dos alunos facilitando o desenvolvimento das atividades e do produto final. Convém lembrar que as respostas obtidas nos questionários que aplicamos aos alunos, sugerem a falta do hábito e gosto do exercício da leitura pela turma em geral, sendo outro ponto relevante que nos conduziu a apresentar o filme.

No transcorrer do processo de ensino-aprendizagem, os alunos devem desenvolver atividades significativas de leitura, oralidade, escrita e análise linguística com o uso de material impresso dos textos, obtendo como produto final um livro contendo imagens e frases, buscando relacionar o cotidiano/realidade dos alunos com a obra estudada.

1.2.2. Referencial teórico

A. Língua, linguagem e suas dimensões

Sabemos que a linguagem é efetivada na interação social, não na individualidade do ser particular, mas sim como elemento participante da intercomunicação social. A linguagem possui dois lados sendo um o individual e o outro o lado social, é impossível conceber um sem o outro. Ainda que o ato do falar se realize individualmente, se faz

necessário outro (um ouvinte) para concretizar tal produto. Como bem postula Marcuschi, no texto *Atos de referência na interação face a face*, para que haja interação é preciso ter algo em comum, e “Ter uma língua em comum é mais do que ter um sistema, é ter uma variante comum, uma vivência comum e muitas outras coisas” (MARCUSCHI, 2001, p. 44). A língua é disposta ao homem para este se expressar livremente, e esta liberdade é vista na obra escolhida para ser trabalhada durante o projeto de docência, onde passados 79 anos da primeira edição, profetiza a realidade vivida por inúmeras crianças atualmente no nosso país (e no mundo!).

A língua é utilizada como uma forma de ação social, que acaba constituindo a realidade ao entrar em contato com outro, age sobre o mundo e diz sobre o mundo, efetivando-se de algum modo. Na língua tudo é psicológico, até as manifestações literárias e mecânicas, como a troca de sons. O conceito de língua na obra *Curso de Linguística Geral*, de Saussure (2002) é de ela não ser confundível com linguagem, mas somente ser uma parte dela. É ao mesmo tempo de um domínio individual como social, e não pode ser categorizada em nenhuma esfera dos fatos humanos. Não é a linguagem que é natural ao homem, mas sim, a questão de constituir uma língua, portanto signos distintos resultam em ideias distintas.

Ao efetivar-se pode dizer que a língua recebe um valor, pois é frequente se ouvir dizer que a pessoa ‘não sabe falar’ ou que está ‘falando errado’, no entanto Possenti, em *Por que (não) ensinar gramática* afirma que

Os grupos que falam uma língua ou um dialeto em geral julgam a fala dos outros a partir da sua e acabam considerando que a *diferença* é um defeito ou um *erro*. Daí pensarmos, em geral, que os outros não sabem falar. Ou, ainda mais gravemente, acabarmos convencidos de que nós também não sabemos falar, se falamos de forma um pouco diferente daqueles que são para nós os modelos de comportamento linguístico. (POSSENTI, 2012, p. 29, grifo do autor)

Entende-se que o preconceito linguístico está inserido na nossa sociedade de forma ampla, e que mais que dizer que alguém está falando errado, é pressupor que ela não sabe falar, pois “todos os que falam sabem falar”, como afirma Possenti (2012, p. 29). Toda variação linguística deve ser levada em consideração, seja ela regionalista, por faixa etária, deve ser respeitada e o professor deve mediar essas características peculiares que são trazidas no falar dos seus alunos, levando em consideração suas experiências e vivências.

B. Literatura, ensino, problemas e reflexões

Sabemos que são vários os problemas enfrentados para a qualificação do processo de formação literária no sistema escolar e geralmente quando se fala no sistema de educação, um tema que se tornou bem recorrente é o fracasso escolar. Sabe-se que são inúmeros os problemas enfrentados no quesito educação, desde os problemas nas escolas, passando pelos próprios professores e chegando aos alunos e suas realidades. Um dos problemas inseridos nesse meio é a questão do conteúdo aplicado, tendo como foco a disciplina de Língua Portuguesa. Sabe-se que a gramática é a protagonista da disciplina, e o quão os alunos já estão anestesiados com seu ensino, porém a literatura também se faz presente como conteúdo e precisa enfrentar sérios problemas para chegar de forma proveitosa aos seus destinatários.

A literatura passou por várias transformações ao longo dos anos, tendo como finalidades desde a instrução moral até, segundo Colomer (2007, p. 17) sendo “[...] o aprendizado prático para criar discursos orais e escritos.” Ou seja, a ficção inserida nas páginas dos livros é indispensável para a humanização, para seu reconhecimento numa sociedade em que a interação é o eixo norteador da comunicação. Colomer (2007, p. 20) ainda afirma que “[...] a área das “humanidades” sempre sustentaram que a contribuição da literatura na construção social do indivíduo e da coletividade não apenas é essencial, mas simplesmente inevitável.” Antônio Cândido busca ainda conceituar o que seria essa humanização, segundo Cândido (1995, p. 249)

[...] humanização [...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.

Sendo a literatura uma inesgotável fonte de conhecimento, que deve estar presente e ser transmitida ao longo da nossa vida escolar, quais são os problemas (afinal) para que essa literatura indispensável para a formação humana esteja presente de forma que chegue aos alunos e os torne leitores, não somente dentro do ambiente escolar, mas para além dele?

Como estudado em Colomer (2007), sabe-se que a partir da Segunda Guerra a literatura teve sua importância relativamente diminuída, e ao final da década de 60 foi constatado de fato o fracasso nos leitores que foram alvo da primeira geração intitulada “adolescentes”.

A autora confirma a causa desse desajuste constatado como fracasso, segundo Teresa Colomer (2007, p. 21)

A causa principal do desajuste produzido se achava no aparecimento de um novo perfil de estudante no ensino secundário. [...] Agora formavam meninos e meninas procedentes de todos os setores sociais e tratavam-se, além disso, de alunos caracterizados como “adolescentes”. O conceito de adolescência como representação de uma etapa da vida de todos os jovens formou-se no último quarto do século XX e os estudos sociológicos consignaram o processo de fixação e evolução de suas características como novo setor social, um setor que combina uma autonomia cada vez maior a partir dos doze anos, com uma dependência econômica e familiar sem precedentes que vai até bem depois da fronteira dos vinte.

E essa fase intitulada “adolescência” permeia ainda atualmente, tendo jovens cada vez mais (achando) que são autônomos, quando na verdade ainda são meros dependentes de pais, mães, etc. Pontuamos essa certa autonomia como um dos problemas enfrentados para a qualificação da formação literária, pois na educação infantil o gosto e a influência pela leitura de determinada obra ainda ficava em mãos do educador. É a partir do ensino fundamental (hoje, fundamental II), que essas crianças passam pela transição e “se tornam” adolescentes, ou seja, criam uma determinada autonomia e impõem seus gostos. Gostos estes que devem ser respeitados, porém não confundidos com dever. O professor ainda é quem decide o que deve ou não ser lido, se é o canônico ou os livros da moda. Nesse ponto entra o segundo problema enfrentado pela formação literária, a falta de preparo ou interesse de muitos professores de Língua Portuguesa. Muitos podem ser os motivos, desinteresse, cansaço, falta de ainda crer na educação, despreparo, enfim, mas a literatura não pode ser “empurrada” como é feito com a gramática. Não pode ser vista como algo somente para dar prazer, mas é também algo para dar prazer. Porque então fazer com que algo prazeroso se torne cansativo e sem sentido? Os professores precisam buscar relacionar a realidade dos seus alunos com a literatura, e não fazer com que seja algo avesso a vida cotidiana deles, por isso também a escolha da obra *Capitães da Areia* para nosso projeto de docência, que não traz em suas páginas a fuga da realidade atual. É necessária uma quebra de ruptura para

que literatura seja ampliada para além dos muros escolares. Conhecemos a importância de o aluno estar inserido na época em que determinada obra foi escrita, ou em qual escola literária se enquadra, porém como é muito bem posto por Todorov (2009, p. 31)

É verdade que o sentido da obra não se resume ao juízo puramente subjetivo do aluno, mas diz respeito a um trabalho de conhecimento. Portanto, para trilhar esse caminho, pode ser útil ao aluno aprender os fatos da história literária ou alguns princípios resultantes da análise estrutural. Entretanto, em nenhum caso o estudo desses meios de acesso pode substituir o sentido da obra, que é o seu fim.

Em outras palavras, situar o aluno no determinado contexto é importante, porém ainda mais importante é fazer com que ele reflita, relacione e aprenda a se posicionar diante do sentido da obra, ou seja, do seu fim.

Outro ponto que deve ser ressaltado como problemático é a questão do livro didático. Atualmente o livro didático tem se tornado “literalmente” o manual do professor, e a literatura é trazida a esses livros de forma superficial, sendo substituídos os textos originais por simulacros, como excertos, resumo, etc. Ocorre assim uma simplificação do real sentido da obra, que não pode ser analisada a um breve espaço de três linhas ou uma página.

Se estamos falando sobre os problemas relativos à literatura no sistema escolar, é de suma importância ser ressaltado como se apresenta o currículo da disciplina e como há divergências entre a literatura erudita e a literatura de massa. Primeiro, é importante que esse problema da literatura canônica e de massa seja quebrado, pois se tornou um paradigma de classes sociais e que acaba excluindo culturalmente os grupos menos favorecidos da sociedade. Segundo Cândido (1995, p. 256)

Em nossa sociedade há uma fruição segundo as classes na medida em que um homem do povo está praticamente privado da possibilidade de conhecer e aproveitar a leitura de Machado de Assis ou Mário de Andrade. Para ele, ficam a literatura de massa, o folclore, a sabedoria espontânea, a canção popular, o provérbio. Estas modalidades são importantes e nobres, mas é grave considerá-las como suficientes para a grande maioria que, devido à pobreza e à ignorância, é impedida de chegar às obras eruditas. [...] Para que a literatura chamada erudita deixe de ser privilégio de pequenos grupos, é preciso que a organização da sociedade seja feita de maneira a garantir uma distribuição equitativa dos bens. Em princípio, só numa sociedade igualitária os produtos literários poderão circular sem barreiras, e neste domínio a situação é particularmente dramática em países como o Brasil, onde, a maioria da população é analfabeta, ou quase, e vive em condições que não

permitem a margem de lazer indispensável à leitura. Por isso, numa sociedade estratificada de maneira abrupta e alienante.

Infelizmente, há ainda em nossos dias essa distinção. O aluno não pode ter contato com o erudito somente dentro do ambiente escolar, e não pode haver essa separação da escola e da realidade, ambos devem estar unidos por uma causa maior: o aluno.

Sobre o currículo, o professor tem que estar aberto para as possíveis mudanças que podem e devem ocorrer frente ao gigantesco universo que pode ser aberto com a literatura. Já não pode haver mais espaço para a mesquinhez que é “cobrada” nos currículos, tem de ser abertos novos horizontes imensuráveis. A excessividade não pode ter mais espaço que a essencialidade no currículo. A literatura precisa ser passada de forma significativa e não instrumentalizada. Ainda que a escola seja a maior instância de formador de leitores, pode ainda não estar capacitada para tal formação.

C. Texto e leitor

O ensino da Língua Portuguesa, no que concerne ao desenvolvimento da competência do leitor, em nosso projeto docente, buscou alternativas para que a proposta apresentada não fizesse do texto um pretexto

(...) pois é do texto no contexto de sua produção, de sua circulação e de sua leitura que deve ocupar-se a escola, pois talvez os equívocos de trabalhos escolares com texto residam no apagamento desse contexto. É esta noção de contexto que permite recuperar a dimensão coletiva da escrita e da leitura, bem como é nela que se abrigam as diferentes leituras que um texto recebe ao longo de sua história, da história de seu autor e da história de seus leitores. (LAJOLO, 1986,p.107)

Nosso projetodocentepropõe ao aluno que o texto existe a partir do encontro entre dois sujeitos, o que escreve e o que lê, prevalecendo a interação entre escritor e leitor, não justificando seu uso somente como um objeto de análise linguística, ilustrando apenas uma noção gramatical. Ou ainda o texto usado como exercício de interpretações superficiais, com questões tipo: Quem? Como? Quando? Onde? – sem instigar sobre as relações de sentido ou as possibilidades de estabelecer múltiplos significados contidos no texto. Nossa intenção como futuras docentes é levar os alunos a outro patamar de

entendimento da leitura, além da simples decodificação, possibilitando a eles se verem como sujeito de seus saberes e de sua inserção social. Esse entendimento nos conduz a uma reflexão acerca do trabalho a ser desenvolvido em sala de aula, onde:

O que passa a ter prioridade é criar oportunidades (oportunidades diárias) para o aluno construir, analisar, discutir, levantar hipóteses, a partir da leitura de diferentes gêneros de textos – única instância em que o aluno pode chegar a compreender como, de fato, a língua que ele fala funciona. (ANTUNES, 2003, p. 120)

No contexto escolar a participação do aluno nas atividades em sala de aula, compartilhando seus conhecimentos e interagindo face a face com o professor e colegas, auxilia e estimula seu aprendizado, possibilitando-o a retomada de seus potenciais. Essa interação promovida entre professor e aluno, prevista na atividade de oralidade do projeto de docência, seguida da proposta de produção e uma reescrita, nos remete aos estudos desenvolvidos por Vygotsky que trata da zona de desenvolvimento proximal, onde sobre o tema assim se manifesta: “a zona de desenvolvimento proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão (com a ajuda do mediador)” (VIGOTSKY, 1988, P. 97) Para atingir com êxito esse nível de ensino-aprendizagem o aluno necessita do professor como mediador, fazendo com que sejam assimilados os conteúdos e conseqüentemente a evolução e desenvolvimento do sujeito.

Em outras palavras, podemos dizer que para entender um texto é necessário, além do conhecimento da língua, contextualizar suas experiências ou conhecimentos prévios relacionados ao assunto do texto em questão. O que cabe muito bem ao conteúdo trabalhado, já que a obra ainda que publicada há quase 80 anos, é repleta de realidade e atualidade.

1.2.3. Objetivos

Após refletir sobre a escolha do tema e sobre a perspectiva teórica adotada neste projeto, pontuamos os objetivos deste projeto:

- Observar como os alunos organizam e apresentam suas competências cognitivas, observando o tempo de cada um no processo de ensino aprendizagem, respeitando suas particularidades para que haja nivelamento da turma;
- Gerar um ambiente favorável à comunicação, à socialização e ao respeito nas discussões;
- Ampliar a capacidade interpretativa dos discentes, bem como estimular a autonomia de suas compreensões;
- Incentivar os alunos a se tornarem leitores assíduos, considerando a importância das particularidades de cada gênero e de como estão inseridos no nosso cotidiano;
- Aprimorar a escrita não só como produto de uma atividade, mas também despertar no discente o entusiasmo de escrever para além da sala de aula;
- Instigar e desenvolver a empatia para atitude artística, expandindo a criatividade através de fotos e da criação de um livro;
- Demonstrar que as produções feitas pelos discentes têm um significado e que podemos partir dela para buscar soluções para erros recorrentes;
- Refletir acerca da atualidade presente numa obra escrita há 80 anos;
- Expandir o olhar crítico acerca do que se lê, e como pode ser feita a articulação e relação das informações contidas no texto;
- Apresentar e contextualizar para uma possível reflexão as características principais do tipo textual dissertativo-argumentativo, incentivando o aluno a refletir acerca do que se escreve;
- Conceder e solicitar o envolvimento e participação de todos, de forma que os alunos não se tornem recebedores passivos de conteúdos;

- Respeitar os discentes para que haja um equilíbrio em sala de aula e não uma medição de forças.

1.2.4. Conhecimentos abordados

No decurso do projeto de docência conciliaremos os conhecimentos preliminares dos discentes, fazendo com que sejam expostos seus pensamentos e experiência vivenciada acerca dos conteúdos trabalhados. Ao longo das aulas serão propostas leituras, interpretações, filme, reflexões, escritas e reescritas, além de atividades que envolvam a oralidade e a responsabilidade de cada indivíduo.

1.2.5. Metodologia

Sabemos da necessidade de elaborar com antecipação o planejamento das aulas a serem ministradas ao longo da efetiva prática docente, para isso é preciso registrar e descrever o plano existente de cada aula a ser dada. No entanto, num primeiro momento dividimos as aulas a serem ministradas em etapas, nas quais seguem descritas abaixo:

Etapa 1: Preparação para as aulas (2h/a)

Nestas duas horas destinadas à preparação da aula, é o momento em que as docentes farão apresentações e explicações acerca do projeto, dos objetivos, do produto final e das atividades que os alunos deverão produzir ao longo das aulas;

Etapa 2: Oralidade (2h/a)

É o momento disponibilizado para socialização dos conhecimentos prévios dos alunos, bem como participarem das atividades que envolvam a prática oral;

Etapa 3: Leitura (3h/a)

Ao longo das aulas será dado tempo para que os discentes possam fazer as leituras solicitadas, preparando-se assim para compartilhar sua leitura com a sala;

Etapa 4: Filme (2h/a)

Nesta etapa será apresentada aos alunos a obra na íntegra Capitães da Areia, de Jorge Amado, adaptado para o cinema nacional e que será apresentado através de filme.

Etapa 5: Escrita e Reescrita (4h/a)

É o momento para produção dos textos, em que os alunos poderão demonstrar suas habilidades desenvolvidas acerca do tipo textual estudado. Também será o momento em que os alunos terão um retorno com possíveis considerações sobre os usos da linguagem pelas estagiárias, para que suas produções possam ser reescritas;

Etapa 6: Análise Linguística (3h/a)

Destinaremos esse momento para refletir acerca das possíveis inadequações presentes nas produções textuais, buscando encontrar soluções juntamente com os alunos. Também é o momento de analisar as competências a serem avaliadas no ENEM, fazendo com que o aluno compreenda a importância de sempre buscar informações através de leituras e estar atualizado com as notícias e fatos.

CRONOGRAMA

1ª e 2ª AULAS:

- ❖ Apresentação do projeto;
- ❖ O Modernismo;
- ❖ Semana de Arte Moderna;
- ❖ Romance de 30.

3ª AULA:

- ❖ Retorno das leituras e explicações da aula anterior: Romance de 30.

4ª e 5ª AULAS:

- ❖ Apresentação e discussão sobre Jorge Amado e sua obra Capitães da Areia;
- ❖ Leitura de um trecho da obra selecionado.

6ª AULA:

- ❖ Apresentação do filme Capitães da Areia.

7ª AULA:

- ❖ Continuação do filme Capitães da Areia.

8ª e 9ª AULAS:

- ❖ Discussão sobre o filme;
- ❖ Definição dos tópicos para a produção textual;
- ❖ Leitura e explicação do texto dissertativo-argumentativo;
- ❖ Competências avaliadas no ENEM;
- ❖ Envio da foto para o produto final.

10ª AULA:

- ❖ Continuação da aula anterior, texto dissertativo-argumentativo e competências avaliadas no ENEM.

11ª e 12ª AULAS:

- ❖ Produção Textual.

13ª AULA:

- ❖ Análise linguística.

14ª e 15ª AULAS:

- ❖ Continuação da análise linguística.
- ❖ Reescrita.

16ª AULA:

Apresentação do produto final.

1.2.6. Recursos**Recursos materiais**

- Celulares;
- Folhas brancas;
- Folhas para escrita e reescrita da redação;
- Bombons;
- Fotocópias dos textos;
- Guia de Redação do ENEM;
- Livros;
- Monitor;
- Retroprojektor.

Recursos bibliográficos

- CEREJA; MAGALHÃES. Literatura Brasileira: ensino médio / Willian Roberto Cereja, Thereza Cochar Magalhães – 2 ed. Reform. - São Paulo: Atual, 2000.
- NICOLA, José de. Literatura Brasileira: *das origens aos nossos dias*, 6ª Ed. – Editora Scipione, 1993.
- Disponível em: <http://professoraelianatedesco.blogspot.com.br/2012/02/escola-literaria-ou-movimento-literario.html> Acessado em Abril/2016.
- SILVA, Marina Cabral Da. "O Modernismo no Brasil – 2ª fase"; *Brasil Escola*. Disponível em <http://brasilecola.uol.com.br/literatura/o-modernismo-no-brasil2-fase.htm> Acessado em Abril/2016.
- AMADO, Jorge. Capitães da Areia; romance; ilustrações de Poty – 123ª Ed. – Rio de Janeiro; Record, 2007.
- CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. Português: linguagens, 3. 9ª Ed. São Paulo: Saraiva, 2013.
- Disponível em:
<http://www.jorgeamado.com.br/obra.php3?codigo=12572&ordena=2> Acessado em Abril/2016.
- Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sYh5WNbXLwc> Acessado em Abril/2016.
- Disponível em:
http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/guia_participante/2013/guia_de_redacao_enem_2013.pdfAcessado em Abril/2016.

- Disponível em:

http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/provas/2015/CAD_ENEM%202015_DIA%202_05_AMARELO.pdfAcessado em Abril/2016.

1.2.7. Avaliação

As questões práticas e pedagógicas que compreendem a avaliação do aluno são procedimentos, a princípio de competência do professor, que devem ser vistas como ferramentas formativas e significativas no processo de ensino e aprendizagem, contribuindo efetivamente para a formação do discente. No entanto, essa avaliação somente será vista positivamente a partir do suporte dado pelo professor e de que aluno/cidadão se pretender formar, conforme Lauria (p. 55) postula

As competências e habilidades propostas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM) permitem inferir que o ensino de Língua Portuguesa, hoje, busca desenvolver no aluno seu potencial crítico, sua percepção das múltiplas possibilidades de expressão lingüística, sua capacitação como leitor efetivo dos mais diversos textos representativos de nossa cultura. Para além da memorização mecânica de regras gramaticais ou das características de determinado movimento literário, o aluno deve ter meios para ampliar e articular conhecimentos e competências que possam ser mobilizadas nas inúmeras situações de uso da língua com que se depara, na família, entre amigos, na escola, no mundo do trabalho. (LAURIA, PCN+, p. 55)

Portanto, espera-se formar cidadãos críticos, que saibam sustentar suas teses com argumentos plausíveis e opinem de forma coerente nas mais diversas situações em que são e serão expostos. Cabe ao professor do ensino médio a consciência de como ajudará de forma ativa e efetiva para a formação desse cidadão, levando em consideração o público para o qual está dirigindo seu discurso, ou seja, adolescentes com sua bagagem de conhecimentos prévios e que geralmente já fazem parte de algum grupo com características próprias. Logo, o professor deve fazer uso de todos os artifícios possíveis para fazer com que os mais diferentes indivíduos que fazem parte da turma se interessem pelo conteúdo, envolvendo-os em suas aprendizagens e em seu trabalho. Sobre essa responsabilidade do professor de envolver o aluno, Lauria (p. 87) pontua

A atribuição ao professor ou ao aluno da responsabilidade quase total pelo sucesso ou fracasso na aprendizagem cede espaço, hoje, para a consciência de que ambas as partes são muito importantes para que o aprendizado se efetive. Mais do que nunca, sabe-se que não basta a disponibilidade do professor para ensinar: é preciso que o aluno também se disponha a participar do “jogo”. Além de ensinar e mediar, cabe ao professor a missão de motivar os alunos para a aquisição de conhecimentos. Ao valorizar a importância do conhecimento – não só pelo discurso, mas também pela significação efetiva desse conhecimento na prática discente –, o professor estará suscitando os alunos à avaliação do seu próprio processo de aprendizagem, sem perder de vista as negociações e os acordos que implementam a interação em sala de aula. (LAURIA, PCN+, p. 87)

Nessa perspectiva aqui apresentada é necessário destacar a importância da avaliação para o professor e o aluno. Enquanto para o aluno o fundamental é aprender e ampliar seus conhecimentos, para o professor a avaliação serve como referência dos resultados da sua ação pedagógica apontando o que o aluno assimilou daquilo que ele pretendeu ensinar. Essa mudança de paradigma amplia as funções primordiais da avaliação, criando espaços para uma reflexão coletiva nos processos do ensino, aprendizagem e construção do conhecimento. Assim, percebemos que as funções da avaliação não se restringem mais a simples seleção, classificação, exclusão ou prestação de contas, ainda que predominem no cotidiano escolar.

Outro aspecto que interessa destacar são os conceitos de ‘avaliação e de nota’, conforme mencionado na Proposta Curricular de Santa Catarina

Há que se distinguir, inicialmente, ‘Avaliação’ e ‘Nota’. Avaliação é um processo abrangente da existência humana, que implica uma reflexão crítica sobre a prática, no sentido de captar seus avanços, suas resistências, suas dificuldades e possibilitar uma tomada de decisão sobre o que fazer para superar os obstáculos. A nota [...] é uma exigência formal do sistema educacional. Podemos imaginar um dia em que não haja mais nota na escola – ou qualquer tipo de reprovação –, mas certamente **haverá necessidade de continuar existindo avaliação**, para poder se acompanhar o desenvolvimento dos educandos e ajudá-los em suas eventuais dificuldades. (PCSC, 1998, p.87)

De fato, o conceito de avaliação aqui apresentado deve auxiliar os professores e alunos nas práticas pedagógicas, buscando proporcionar a inclusão, não sendo mais um simples recurso para se chegar a um diagnóstico. Já o conceito de nota nos instiga a

pensar na avaliação pontual que mais predominou na escola, aquela feita nos dias de prova, onde a correção do professor registra os ‘erros’ do aluno. Sobre essa questão Antunes (2012, p. 165) defende a tese que, “Nessa perspectiva de apenas focalizar o erro, professor e aluno perdem a oportunidade de *perceberem também o que já foi aprendido*, o que já pode ser testado como competência desenvolvida.” Não se trata de julgar tal prática como algo que não tem função, mas pensar na prova, na correção e no erro como instrumento de sinalização para posteriores caminhos e orientações a seguir, objetivando assim a qualidade das propostas didáticas, visando o aprendizado do aluno.

A proposta de avaliação nesse projeto docente vai considerar diversos aspectos que devem ser desenvolvidos e expressados pelos alunos, tais como o interesse, comprometimento, socialização e interação com os colegas, e a realização das atividades propostas.

1.2.8. Planos de aula

PLANO DE AULA 1 (1ª e 2ª aula)

Identificação

Escola: Escola de Educação Básica Maria José Barbosa Vieira

Professor: Liliane Zonta

Estagiária: Graciela MassironiCarus

Disciplina: Língua Portuguesa

Série: 3º ano do Ensino Médio Turma: 3.11 Turno: noturno

Data: 13/05/2016 (sexta-feira)

Horário: 20h15min-20h55min e 20h55min-21h35min

Tema

O Modernismo – Primeira geração modernista;

A Semana de Arte Moderna;

O modernismo – Segunda geração, romance de 30.

Objetivo Geral

Introduzir conhecimentos da literatura brasileira referentes ao Modernismo.

Objetivo Específico

Apresentar o contexto histórico e cultural da escola literária;

Estudar as características literárias dessa fase;

Expor a importância para a literatura brasileira.

Conhecimentos Abordados

Oralidade e leitura.

Metodologia

Primeiramente será feita a apresentação das estagiárias, juntamente com explicações sobre como ocorrerá o projeto que será realizado com a turma, incluindo como devemos proceder em relação à avaliação e à lista de presença. Justificaremos a escolha do tema com que trabalharemos no período em que estaremos lecionando, e daremos início ao estudo sobre o Modernismo - a primeira geração modernista, A Semana de Arte Moderna e a Segunda geração modernista – o romance de 30. Antes de iniciar, passaremos uma folha solicitando aos alunos seus números de telefone (WhatsApp), para que todos possam enviar suas fotos e frases para o projeto final, que também será explicado nesse início. Posteriormente serão distribuídas fotocópias de um texto introdutório sobre o contexto histórico e cultural da escola literária, as características e o desenvolvimento dessas fases literárias. A leitura será realizada inicialmente pela professora estagiária que posteriormente indicará o nome de um aluno para prosseguir. Durante a leitura abriremos uma discussão para verificar o conhecimento dos alunos e sanar dúvidas referentes ao texto. Em seguida, serão distribuídos alguns exemplares de obras de autores modernistas para abordar quais são conhecidas pelos alunos e se gostam de alguma. Ao final da aula a professora estagiária orienta os estudantes que na

próxima aula dará continuidade ao estudo, finalizando a leitura do texto referente à Segunda geração modernista - o Romance de 30.

Recursos

Fotocópia do texto introdutório sobre o Modernismo - primeira geração e Semana de Arte Moderna;

Fotocópia do texto Modernismo no Brasil - a 2ª geração: O Romance de 30;

Livros de alguns autores modernistas;

Folha para anotação dos números de telefone.

Avaliação

Será avaliado o envolvimento dos alunos para o desenvolvimento da leitura e discussãoda atividade proposta, respeitando o tema central abordado.

Referências:

CEREJA; MAGALHÃES. Literatura Brasileira: ensino médio / Willian Roberto Cereja, Thereza Cochar Magalhães – 2 ed. Reform. - São Paulo: Atual, 2000.

NICOLA, José de. Literatura Brasileira: *das origens aos nossos dias*, 6ª Ed. – Editora Scipione, 1993.

Disponível em: <http://professoraelianatedesco.blogspot.com.br/2012/02/escola-literaria-ou-movimento-literario.html> Acessado em Abril/2016.

SILVA, Marina Cabral Da. "O Modernismo no Brasil – 2ª fase"; *Brasil Escola*.

Disponível em <http://brasilecola.uol.com.br/literatura/o-modernismo-no-brasil2-fase.htm> Acessado em Abril/2016.

Anexos

Cópia do texto introdutório – Modernismo - primeira geração modernista e Semana de Arte Moderna

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II
Professora orientadora: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott
Estagiárias: Graciela MassironiCarus e Vanessa Custódia Inácio

ESCOLAS LITERÁRIAS¹

Escola literária ou **movimento literário** é o termo usado para definir uma tendência estética que envolve um grupo de obras literárias produzidas num determinado período histórico, e, na língua portuguesa, os movimentos literários são geralmente divididos em: Trovadorismo, Humanismo, Renascimento, Classicismo, Quinhentismo, Barroco, Arcadismo, Romantismo, Realismo, Naturalismo, Parnasianismo, Simbolismo, Pré-Modernismo e Modernismo.

¹ Disponível em: <http://professoraelianatedesco.blogspot.com.br/2012/02/escola-literaria-ou-movimento-literario.html>

O MODERNISMO NO BRASIL²

Foi o mais importante movimento literário do século XX, que rompeu com a tradição clássica e deu início à busca e formação de uma identidade genuinamente brasileira na literatura.

O movimento modernista no Brasil contou com duas fases: a primeira foi de 1922 a 1930 e a segunda, de 1930 a 1945. A primeira fase caracterizou-se pelas tentativas de solidificação do movimento renovador e pela divulgação de obras e ideias modernistas.

Apesar da diversidade de correntes e ideias, pode-se dizer que, de modo geral, os escritores de maior destaque dessa fase defendiam estas propostas: reconstrução da cultura brasileira sobre bases nacionais; promoção de uma revisão crítica de nosso passado histórico e de nossas tradições culturais; eliminação definitiva do nosso complexo de colonizados, apegados a valores estrangeiros. Portanto, todas elas estão relacionadas com a visão nacionalista, porém crítica, da realidade brasileira.

CONTEXTO HISTÓRICO – 1ª FASE

- ❖ Últimos anos da chamada República Velha, (domínio político das oligarquias ligadas aos grandes proprietários rurais);
- ❖ 05 de julho de 1922, a revolta dos militares do Forte de Copacabana;
- ❖ Em 1929, quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque, provocando um colapso na economia mundial;
- ❖ Revolução de 1930, (movimento tenentista) e a ascensão de Getúlio Vargas;
- ❖ Criação do Partido Comunista, e
- ❖ Criação do Partido Democrático.

A SEMANA DE ARTE MODERNA

Embora as primeiras manifestações modernistas já viessem surgindo em São Paulo desde 1911, é somente na década de 1920, principalmente a partir da Semana de Arte Moderna (1922), que o Modernismo se difunde e se solidifica em nosso país. O debate em torno das questões estéticas aos poucos ganha caráter ideológico, o que prenuncia a literatura de fundo político da década de 1930.

A Semana de Arte Moderna, realizada em São Paulo, representa um divisor de águas na cultura brasileira, tal a profundidade das transformações que gerou. Contudo, a Semana não foi o começo das mudanças, mas o ponto culminante de um processo que iniciara na década anterior, quando um conjunto de episódios, tais como publicações de artigos polêmicos na imprensa, publicações de obras, exposições e conferências, começou a minar as sólidas bases da cultura acadêmica popular nacional.

A Semana de Arte Moderna ocorreu entre 13 e 18 de fevereiro de 1922, no Teatro Municipal de São Paulo, com a participação de artistas do Rio de Janeiro e de São Paulo. Seus participantes não tinham sequer um projeto artístico comum; unia-os apenas o sentimento de liberdade de criação e o desejo de romper com a cultura tradicional. Os principais organizadores desse evento foram: Manuel Bandeira; Mário de Andrade; Oswald de Andrade; Guilhermina de Almeida; Godofredo Silva Telles e Paulo Prado.



À esquerda, capa do catálogo da exposição da Semana de Arte Moderna em 1922.
 À direita, cartaz criado por Di Cavalcanti.

Várias obras, grupos, movimentos, revistas e manifestos ganharam o cenário intelectual brasileiro, numa investigação profunda e por vezes radical de novos conteúdos e de novas formas de expressão. Os resultados deixados por esse período de pesquisas foram a implantação definitiva do movimento modernista e a maturidade e autonomia de nossa literatura. Exemplos:

- ❖ A Revista Klaxon, em oposição ao velho, o novo faz inovações no campo gráfico, visual e propagandístico;
- ❖ A Revista, responsável pela divulgação do movimento modernista em Minas Gerais e contava com Carlos Drummond de Andrade entre seus redatores;
- ❖ Manifesto Pau-Brasil, escrito em Paris por Oswald de Andrade, considerando que o pau-brasil fora o primeiro produto de exportação do Brasil-Colônia, propunha a criação da primeira poesia de exportação brasileira, a poesia pau-brasil.
- ❖ A Revista de Antropofagia - Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral e Raul Bopp lançam o movimento: a Antropofagia. O movimento foi inspirado no quadro Abaporu (“antropófago”, em tupi), que Tarsila oferecera a Oswald como presente de aniversário. Propunha a devoração da cultura estrangeira, aproveitando suas inovações artísticas, porém sem perder nossa própria identidade cultural.

A partir desse momento, além dos autores da primeira geração modernista, contemporânea e participante dos acontecimentos relatados, surge um rol de imortais nomes da literatura brasileira do século XX, como: Carlos Drummond, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Jorge Amado e tantos outros. Além disso, é relevante mencionar algumas obras publicadas nessa primeira fase do Modernismo:

- ❖ Paulicéia desvairada (1922), Amar, verbo intransitivo (1927) e Macunaíma (1920) de Mário de Andrade;
- ❖ Memórias sentimentais de João Miramar (1923) de Oswald de Andrade;
- ❖ O estrangeiro (1926) de Plínio Salgado;
- ❖ Ritmo dissoluto (1924) de Manuel Bandeira, e
- ❖ Brás, Bexiga e Barra Funda (1927) de Alcântara Machado.

Interessa destacar a importância da literatura brasileira nesse período, como uma manifestação artística genuinamente brasileira, manifestação que contribuiu para a formação de nossa identidade cultural.

²Partes do texto retirado na íntegra do cap. 29 da obra abaixo referenciada:

CEREJA; MAGALHÃES. Literatura Brasileira: ensino médio / Willian Roberto Cereja, Thereza Cochar Magalhães – 2 ed. Reform. - São Paulo: Atual, 2000.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II

Professora orientadora: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

Estagiárias: Graciela MassironiCarus e Vanessa Custódia Inácio

Modernismo no Brasil - a 2ª geração: O Romance de 30³

Depois da **Semana de Arte Moderna**, a ideia de "modernismo" - ou seja, de novas atitudes artísticas contra a arte encarada como artificial, contra tudo o que os escritores consideravam "velho"- parecia não ter sido absorvida e a literatura no Brasil parecia não ter mudado em nada.

Entretanto, alguns intelectuais de várias regiões começaram a manifestar-se: a verdadeira arte moderna devia retratar criticamente um Brasil mais abrangente, que mal se conhecia, cujas desigualdades sociais fossem retratadas com vigor num realismo próprio do século 20. A arte literária, segundo vários intelectuais, devia sair dos "salões aristocráticos de São Paulo", quer dizer, devia abandonar o contato apenas com o urbano, influenciado pelas vanguardas européias.

O Romance de 30

Em 1926, ocorre um congresso em Recife e nele se encontram escritores do Nordeste; estes se dispõem, aos poucos, a fazer uma prosa regional consistente e participativa. É dessas primeiras manifestações que surgirá um dos momentos mais autênticos da literatura brasileira, o Romance de 30.

A data de 1930 é marcante porque consolida a renovação do gênero romance no Brasil, ou seja, traz novos rumos à prosa. Depois de tanta arruaça intelectual dos primeiros modernistas no Sudeste do país, procura-se atingir equilíbrio e estabilidade, que, aos poucos, vai aparecendo em obras e mais obras: O quinze, de **Rachel de Queiroz**(1930); O país do Carnaval, de **Jorge Amado** (1931); Menino de engenho, de **José Lins do Rego** (1932); São Bernardo, de **Graciliano Ramos** (1934); e Capitães da areia, de **Jorge Amado** (1937).

Esta nova literatura em prosa será antifascista e anticapitalista, extremamente vigorosa e crítica. Os livros didáticos a chamam com vários nomes: "Romance de 30" (porque é o início cronológico da nova literatura); **romance neo-realista** (porque essas obras conseguiram renovar e modernizar o realismo/naturalismo do século 19, enriquecendo-o com preocupações psicológicas e sociais) ou **romance regionalista moderno** (porque escapa das metrópoles e vai ao Brasil regional, preso ainda a antinomias dos séculos anteriores).

Lembremos, inclusive, que algumas obras sociológicas fundamentais surgem nessa mesma época: Casa-grande & senzala, de **Gilberto Freyre**, é de 1933, e Raízes do Brasil, de **Sérgio Buarque de Hollanda**, de 1936.

É importante ressaltar que nomes como: Rachel de Queiroz, Jorge Amado, José Lins do Rego, Érico Veríssimo, Graciliano Ramos e outros escritores criaram um estilo novo, completamente moderno, totalmente liberto da linguagem tradicional, nos quais puderam incorporar a real linguagem regional, as gírias locais.

A consciência crítica

Mais do que tudo, através dessa "fala", consolidaram em suas obras questões sociais bastante graves: a desigualdade social, a vida cruel dos retirantes, os resquícios de escravidão, o coronelismo, apoiado na posse das terras - todos problemas sociopolíticos que se sobreporiam ao lado pitoresco das várias regiões retratadas.

Leia, por exemplo, um trecho de Vidas secas, de Graciliano Ramos:

Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos [...]

Arrastaram-se para lá, devagar, Sinhá Vitória com o filho mais novo escanhacado no quarto e o baú de folha na cabeça, Fabiano sombrio, cambaio, o aió a tiracolo, a cuia pendurada numa correia presa ao cinturão, a espingarda de pederneira no ombro. O menino mais velho e a cachorra Baleia iam atrás.

Perceba a força narrativa com que o narrador descreve a cena cruel, de retirantes exaustos sob o sol, a família silenciosa e triste, com a qual ele se solidariza ("os infelizes"); ele e nós, os leitores. A lentidão proposital da narrativa é a superação difícil do caminho sob o sol (para onde vai quem não tem terras?) e a secura descritiva reproduz o silêncio dos que estão exaustos. Essa é a seca vida do herói - agora um anti-herói -, humilhado e vencido pelo meio hostil.

Esses romances foram fundamentais para o amadurecimento da consciência crítica e social do leitor brasileiro. Com eles, encontramos formas de compreensão do homem em várias faixas da sociedade brasileira e do determinismo que o persegue em situações adversas. É injusto pensarmos que esses romances mostraram apenas as "mulatas gabrielas" para o mundo exterior. As formas de narrar o cotidiano ficaram mais complexas e tensas.

Leia mais um trecho de Graciliano Ramos, não da história de Fabiano, mas da de Paulo Honório, que foi guia de cego e trabalhador de enxada, mas conseguiu conquistar, com violência e determinação, além da fazenda de São Bernardo, respeito, dinheiro e prestígio: virou um coronel. Teria sido um Fabiano que deu certo? Parece que não:

Cinquenta anos perdidos, cinquenta anos gastos sem objetivo, a maltratar-me e a maltratar os outros. O resultado é que endureci, calejei [...]

Creio que nem sempre fui egoísta e brutal. A profissão é que me deu qualidades tão ruins.

[...]

Não consigo modificar-me, é o que aflige.

[...]

A culpa foi minha, ou antes, a culpa foi desta vida agreste que me deu uma alma agreste.

A adesão ao socialismo impôs aos escritores da época, às vezes de forma radical, fórmulas de compreensão do homem em sociedade. Os romancistas, imbuídos do sentimento de missão política, queriam mostrar as tensões que transformavam ou destruíam os homens - aliás, um tema universal e sempre vivo na literatura.

Mas o fato é que sem os modernistas de 1922 (1ª geração), dificilmente os modernistas de 1930 (2ª geração) teriam conseguido o feito literário e social que obtiveram, porque aqueles foram os primeiros que provocaram a atualização da "inteligência" brasileira, foram eles que trouxeram para a literatura o fato não-literário e a oralidade, que tanto beneficiou o realismo seco dos escritores regionalistas, dando-lhes maior autenticidade.

Por outro lado, mesmo com os romances mais pitorescos e menos brutais, os leitores aprenderam, como nos ensina Alfredo Bosi (*História concisa da literatura brasileira*), que o velho mundo dos homens poderosos não acaba tão facilmente: as estruturas das oligarquias regionais se mantêm através do poder e da força, e é contra eles que se tem de lutar. Como nos conta Jorge Amado, ao final de *Capitães da areia*:

No ano em que todas as bocas foram impedidas de falar, no ano que foi todo ele uma noite de terror, esses jornais (únicas bocas que ainda falavam) clamavam pela liberdade de Pedro Bala, líder da sua classe, que se encontrava preso numa colônia. [...] E no dia em que ele fugiu..., em inúmeros lares, na hora pobre do jantar, rostos se iluminaram ao saber da notícia. [...] Qualquer daqueles lares se abriria para Pedro Bala, fugitivo da polícia. Porque a revolução é uma pátria e uma família.

E a poesia, perguntará você? Deixou de ser feita nesses anos duros da seca? De jeito nenhum. Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Mário e Oswald de Andrade, Cecília Meireles, Cassiano Ricardo, Murilo Mendes e outros poetas continuavam sua longa carreira lírica modernista.

³Texto retirado na íntegra da referência abaixo:

SILVA, Marina Cabral Da. "O Modernismo no Brasil – 2ª fase"; *Brasil Escola*. Disponível em <http://brasilecola.uol.com.br/literatura/o-modernismo-no-brasil2-fase.htm> Acessado em Abril/2016.

PLANO DE AULA 2 (3ª aula)

Identificação

Escola: Escola de Educação Básica Maria José Barbosa Vieira

Professor: Liliane Zonta

Estagiária: Graciela MassironiCarus

Disciplina: Língua Portuguesa

Série: 3º ano do Ensino Médio Turma: 3.11 Turno: noturno

Data: 18/05/2016 (quarta-feira)

Horário: 18h45min-19h25min

Tema

Segunda geração modernista - Romance de 30 (continuação)

Objetivo Geral

Levar os alunos a reconhecer informações, identificar opiniões convergentes e divergentes para finalizar a introdução do romance de 30.

Objetivo Específico

Estudar aspectos específicos e gerais dessa fase literária;

Reconhecer em produções literárias da segunda geração modernista questões contemporâneas;

Instigar a leitura de obras literárias.

Conhecimentos Abordados

Oralidade, leitura e reflexão.

Metodologia

A aula será iniciada com a professora estagiária explicando que será dada continuidade a aula anterior, finalizando a leitura e discussões do texto referente ao Modernismo no Brasil - a 2ª geração: O Romance de 30. Em seguida a estagiária solicitará aos alunos

que peguem seus textos e iniciará a leitura em voz alta, solicitando posteriormente a um aluno que prossiga com a leitura oral. Durante a atividade de leitura será aberto um momento de discussão, reflexão e para possíveis dúvidas. Ao final da aula as estagiárias se despedem e ressaltam a importância de todos estarem presentes na aula seguinte, pois apresentaremos o autor Jorge Amado e sua obra, que será o tema principal do nosso projeto de docência: Capitães da Areia.

Recursos

Fotocópia do texto Modernismo no Brasil - a 2ª geração: O Romance de 30

Avaliação

Será avaliado o envolvimento dos alunos para o desenvolvimento da leitura e discussão e da atividade proposta, respeitando o tema central abordado.

Referências:

CEREJA; MAGALHÃES. Literatura Brasileira: ensino médio / Willian Roberto Cereja, Thereza Cochar Magalhães – 2 ed. Reform. - São Paulo: Atual, 2000.

SILVA, Marina Cabral Da. "O Modernismo no Brasil – 2ª fase"; *Brasil Escola*.

Disponível em <http://brasilecola.uol.com.br/literatura/o-modernismo-no-brasil2-fase.htm> Acessado em Abril/2016.

PLANO DE AULA 3 (4ª e 5ª aula)

Identificação

Colégio: Escola de Educação Básica Maria José Barbosa Vieira

Professora: Liliane Zonta

Estagiária: Vanessa Inácio

Disciplina: Língua Portuguesa

Série: 3º ano do Ensino Médio Turma: 3.11 Turno: noturno

Data: 20/05/2016 (sexta-feira)

Horário: 20h15min-20h55min e 20h55min-21h35min

Tema

Jorge Amado – Capitães da Areia

Objetivo Geral

Apresentar e discutir sobre o autor e a obra.

Objetivo Específico

Ler e interpretar um trecho da obra selecionado;

Analisar e discutir sobre o contexto em que a obra se encontra e o momento histórico em que o autor vive;

Verificar a proximidade da obra com o cotidiano do aluno;

Estimular os alunos à leitura integral da obra Capitães da Areia.

Conhecimentos Abordados

Leitura e interpretação do trecho pré-selecionado.

Metodologia

A aula será iniciada com as estagiárias fazendo a chamada e distribuindo as fotocópias do material sobre Jorge Amado. Em seguida, será aberta uma discussão para saber se algum dos estudantes já conhece o autor e suas obras. Posteriormente, será dado início a leitura sobre (uma breve) biografia de Jorge Amado, bem como será apresentado um pouco de suas obras e as características que nelas permeiam. As estagiárias levarão obras do autor para que os estudantes possam folhear os livros e conhecer um pouco das obras. Após a apresentação e discussão sobre o autor, as estagiárias focarão na obra Capitães da Areias, e farão uma breve explicação sobre a obra, bem como seu momento histórico. Distribuirão fotocópias do excerto retirado da obra Capitães da Areia e pedirão que os alunos façam a leitura em voz alta, conforme o nome do aluno a ser chamado pela estagiária, enfatizando que todos farão a leitura. Será aberta uma discussão a respeito da obra, para saber se os alunos já conheciam, se gostaram e se pretendem continuar a leitura.

As estagiárias se despedem e informam da importância de todos estarem presente no horário certo da próxima aula, pois será dado início ao filme – Capitães da Areia.

Recursos

Fotocópias sobre Jorge Amado.
Fotocópias do excerto da obra Capitães da Areia.
Fotocópias sobre a obra Capitães da Areia.
Livros do autor Jorge Amado.

Avaliação

Nestas aulas serão avaliados a participação, a leitura e o interesse de cada aluno na discussão e apresentação da obra e autor.

Referências

AMADO, Jorge. Capitães da Areia; romance; ilustrações de Poty – 123ª Ed. – Rio de Janeiro; Record, 2007.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. Português: linguagens, 3. 9ª Ed. São Paulo: Saraiva, 2013.

Disponível em: <http://www.jorgeamado.com.br/obra.php3?codigo=12572&ordena=2>
Acessado em Abril/2016.

Anexos

Texto sobre Jorge Amado

JORGE AMADO: LIRISMO E MILITÂNCIA NA BAHIA¹

Jorge Amado (1912-2001) nasceu em Pirangi, no Estado da Bahia. Trabalhou na imprensa e estudou Direito. Em 1931, mudou para o Rio de Janeiro e se tornou conhecido com a publicação do romance *O país do carnaval*. Alcançou notoriedade, entretanto, com dois romances publicados logo em seguida: *Cacau* e *Suor*.

Politicamente comprometido com ideias socialistas, participou da Aliança Nacional Libertadora, movimento de frente popular, e foi preso em 1936. Libertado em

1937, morou em Buenos Aires, onde publicou a biografia de Luís Carlos Prestes. De volta ao Brasil, em 1945, foi eleito deputado federal, mas teve cassado seu mandato político. Deixou novamente o país e residiu na França, na União Soviética e em países das chamadas democracias populares até 1952, quando retornou ao Brasil. Nessa ocasião já se tornara mundialmente conhecido. Em 1959, ingressou na Academia Brasileira de Letras. Seus livros estão hoje traduzidos para mais de trinta línguas.

A maior parte das obras do escritor, principalmente as primeiras que publicou, apresenta preocupação político-social, denunciando, num tom direto, lírico e participante, a miséria e a opressão do trabalhador rural e das classes populares.

Conforme o autor foi amadurecendo, sua força poética voltou-se para os pobres, para a infância abandonada e delinquente, para a miséria do negro, para o cais e os pescadores de sua terra natal, para a seca, o cangaço, a exploração do trabalhador urbano e rural e para a denúncia do coronelismo latifundiário.

Parte da crítica literária vê pouco valor na obra de Jorge Amado, principalmente nos romances da última fase. Certos críticos rejeitam o caráter militante de algumas de suas obras, acusando-as de panfletárias; outros rejeitam sua linguagem despretensiosa e popular, acusando-o de escrever mal; outros rejeitam o apimentado de suas histórias mais populares, recheadas de erotismo; outros o consideram repetitivo em relação a personagens e enredos. Independentemente da opinião crítica, porém, Jorge Amado tornou-se um dos mais prestigiados escritores brasileiros no Brasil e no exterior. Suas obras traduzidas em 55 países e, no Brasil, venderam 20 milhões de exemplares.

Em março de 2012, entre os eventos comemorativos do centenário do escritor, houve o relançamento de suas obras, o lançamento do filme *Capitães da Areia* e a montagem de uma exposição sobre ele no Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo.

¹ Texto retirado na íntegra da referência abaixo.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. Português: linguagens, 3. 9ª Ed. São Paulo: Saraiva, 2013, p.170.



Texto sobre Capitães da Areia

Capitães da Areia¹

Romance, 1937 | Posfácio de Milton Hatoum

Nesta história crua e comovente, Jorge Amado narra a vida de um grupo de meninos pobres que moram num trapiche abandonado em Salvador. Os Capitães da Areia têm entre nove e dezesseis anos e vivem de golpes e pequenos furtos, aterrorizando a capital baiana.

Do valente líder Pedro Bala, com seu rosto atravessado por uma cicatriz de navalha, ao carola Pirulito, que reza todas as noites para purgar seus pecados; do sensato Professor, o único inteiramente letrado do grupo, ao sedutor Gato, aprendiz de cafetão, cada um desses meninos tem sua personalidade própria, sua concepção de mundo, seus sonhos e seus desejos modestos.

A má fama do grupo, no entanto, se espalha pela cidade. Contra eles se levantam os jornais, a polícia, o juizado de menores e as “famílias distintas”. Mas há também quem os ajude: o padre José Pedro, a mãe de santo Don’Aninha, o estivador João de Adão e o capoeirista Querido-de-Deus.

Os meninos crescem e encontram caminhos variados: marinheiro, artista, frade, gigolô, cangaceiro. O líder Pedro Bala decide lutar e assumir a tarefa de mudar o destino dos mais pobres.

Influenciada pela militância comunista do autor na época em que foi escrita, a narrativa de *Capitães da Areia* transcende a orientação política mais imediata. Divididas

entre a inocência da infância e a crueza do universo adulto, as crianças têm de lidar com um cotidiano ao mesmo tempo livre e vulnerável, revelando um desamparo e uma fragilidade que, em muitos aspectos, permanecem atuais.

Histórico

Jorge Amado terminou de escrever *Capitães da Areia* a bordo de um navio a caminho do México, durante uma viagem pela América Latina e Estados Unidos. Enquanto isso, no Brasil, Getúlio Vargas instituiu o Estado Novo. Na volta ao país, em novembro de 1937, o escritor foi preso em Manaus pela polícia do novo regime. Não era a primeira vez: ele havia sido preso no ano anterior, acusado de participar da Intentona Comunista.

Capitães da Areia revelava-se então um livro profético: o escritor vivia história similar à do protagonista Pedro Bala, que acaba perseguido e detido por ter se tornado “militante proletário”. Quando publicado, o livro foi considerado subversivo e teve inúmeros exemplares apreendidos e queimados pela polícia em praça pública. Jorge Amado recebeu a notícia na cadeia.

O livro ganharia nova edição apenas em 1944. Desde então, tem sido o romance mais editado de Jorge Amado: já ultrapassou a marca de cento e vinte edições em português e foi publicado em mais de quinze países.

A narrativa ganhou versão em quadrinhos e foi adaptada para teatro e cinema. O filme *The wildpack* (1971), dirigido pelo americano Hall Bartlett, teve cenas rodadas em Salvador. Em 2011, *Capitães da Areia* estreou no cinema com direção de Cecília Amado, neta do escritor. Na TV, *Capitães da Areia* virou minissérie da Rede Bandeirantes em 1989, com direção de Walter Lima Jr.

Em 1987, a Fundação Casa de Jorge Amado comemorou os cinquenta anos do romance com a publicação em fac-símile da primeira edição do livro.

Posfácio

"É surpreendente a atualidade dos temas de *Capitães da Areia*. O assunto e as questões sociais que o livro explora em profundidade são, em larga medida, os mesmos da “cidade da Bahia” e de muitas outras cidades, do Brasil e da América Latina. Lido

hoje, este romance ainda comove e faz pensar nas crianças desvalidas, nas crianças de rua, nas crianças abandonadas, quase todas órfãs de pai e mãe, filhos da miséria e do abandono. Atiradas à marginalidade, elas roubam e cometem outros delitos para sobreviver. Detidas, são submetidas à humilhação, ao castigo, à tortura.

A meu ver, este romance de Jorge Amado antecipou de um modo lúcido e incisivo a vida das crianças que esmolam nas ruas das cidades brasileiras. E essa é uma das mensagens mais poderosas de *Capitães da Areia*. Hoje, a violência urbana tem uma relação estreita com o tráfico de drogas, enquanto os meninos desta obra de ficção furtam para sobreviver. Mas, até certo ponto, as raízes do problema são as mesmas: a ausência da família e da escola, agravada pela vida degradante nas favelas e cortiços de tantas cidades."

Trecho do posfácio de Milton Hatoum

¹Texto disponível

em:<http://www.jorgeamado.com.br/obra.php3?codigo=12572&ordena=2>

Trecho da obra Capitães da Areia

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II

Professora orientadora: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

Estagiárias: Graciela MassironiCarus e Vanessa Custódia Inácio

Trechos da obra Capitães da Areia, de Jorge Amado³

O TRAPICHE (p. 19 e 21)

“Sob a lua, num velho trapiche abandonado, as crianças dormem. [...] Todos reconheceram os direitos de Pedro Bala à chefia, e foi dessa época que a cidade começou a ouvir falar nos Capitães da Areia, crianças abandonadas que viviam do furto. Nunca ninguém soube o número exato de meninos que assim viviam. Eram bem uns cem, e desses mais de quarenta dormiam nas ruínas do velho trapiche. Vestidos de

³AMADO, Jorge. *Capitães da Areia*; romance; ilustrações de Poty – 123^a Ed. – Rio de Janeiro; Record, 2007.

farrapos, sujos, semi-esfomeados, agressivos, soltando palavrões e fumando pontas do cigarro, eram, em verdade, os donos da cidade, os que a conheciam totalmente, os que totalmente a amavam, os seus poetas.”

NOITE DOS “CAPITÃES DA AREIA” (p. 34)

“Uma noite o Gato andava pelas ruas das mulheres, o cabelo muito lustroso de brilhantina barata, uma gravata enrolada no pescoço, assoviando como se fosse um daqueles malandros da cidade. As mulheres olhavam e riam:

- Olha aquele frangote...O que quererá por aqui?

O Gato respondia aos sorrisos e seguia. Esperava que uma o chamasse e fizesse o amor com ele. Mas não queria por dinheiro, não só porque os níqueis que possuía não passavam de mil e quinhentos, como porque os Capitães da Areia não gostavam de pagar mulher. Tinham as negrinhas de dezesseis anos para derrubar no areal.”

AS LUZES DO CARROSSEL (p. 62)

“Depois vai o Sem-Perna. Vai calado, uma estranha comoção o possui. Vai como um crente para uma missa, um amante para o seio da mulher amada, um suicida para a morte. Vai pálido e coxeia. Monta um cavalo azul que tem estrelas pintadas no lombo de madeira. Os lábios estão apertados, seus ouvidos não ouvem a música da pianola. Só vê as luzes que giram com ele e prende em si a certeza de que está num carrossel, girando num cavalo como todos aqueles meninos que têm pai e mãe, e uma casa e que os beije e quem os ame. Pensa que é um deles e fecha os olhos para guardar melhor esta certeza. Já não vê os soldados que o surraram, o homem de colete que ria. [...] O Sem-Perna vai teso no seu cavalo. É como se corresse sobre o mar para as estrelas na mais maravilhosa viagem do mundo. Uma viagem como o Professor nunca leu nem inventou. Seu coração bate tanto, tanto, que ele aperta com a mão.”

DORA, IRMÃ E NOIVA (p. 182,183)

“[...] Ela abanou a cabeça afirmando. Então ela chegou os lábios para junto dos de Pedro Bala, os beijou e depois fugiu. Ele saiu correndo atrás dela, mas ela se escondia, não se deixava pegar. Aos poucos foram chegando os outros. Ela de longe sorria para Pedro Bala. Não havia nenhuma malícia no seu sorriso. Mas seu olhar era diferente do olhar de irmã que lançava aos outros. Era um doce olhar de noiva, de noiva ingênua e tímida. Talvez mesmo não soubessem que era amor. Apesar de não ser noite de lua, havia um romântico romance no casarão colonial. Ela sorria e baixava os olhos, por vezes piscava com um olho porque pensava que isto era namorar. E seu coração batia rápido quando o olhava. Não sabia que isso era amor. Por fim a lua veio, estendeu sua luz amarela no trapiche. Pedro Bala se deitou na areia e mesmo de olhos fechados via Dora. Sentiu quando ela chegou e deitou a seu lado. Disse:

- Tu agora é minha noiva. Um dia a gente se casa.

Continuou de olhos fechados. Ela disse baixinho:

-Tu é meu noivo.

Mesmo não sabendo que era amor, sentiam que era bom.”

DORA, ESPOSA (p. 208, 209, 210)

“O cachorro late a lua na areia. Sem-Pernas sai do trapiche, acompanha Don'Aninha através do areal. Ela disse que a febre não tardaria a ir embora. Pirulito sai também, vai chamar o padre José Pedro. Tem confiança no padre, ele pode saber um remédio.

Dentro do trapiche os Capitães da Areia estão silenciosos. Dora pediu que eles fossem dormir. Se deitaram pelo chão, mas são raros os que dormem. Na paz imensa da noite pensam na febre que consome Dora. Ela beijou Zé Fuinha, mandou que ele fosse dormir. Ele não compreende bem. Sabe que ela está doente, mas não pensa um momento que ela o poderá abandonar. Mas os Capitães da Areia temem que isso aconteça. Então ficarão novamente sem mãe, sem irmã, sem noiva.

Agora só João Grande e Pedro Bala estão a seu lado. O negro sorri, mas Dora sabe que o sorriso dele é forçado, é um sorriso para a animar, um sorriso arrancado à força da tristeza que o negro sente. Pedro Bala segura sua mão. Mais retirado, Professor está dobrado sobre si mesmo, a cabeça enterrada nas mãos. Dora diz:

-- Pedro?

-- Que é?

-- Chegue aqui.

Ele se aproxima. A voz dela é um fio de voz. Pedro fala com carinho:

-- Tu quer alguma coisa?

-- Tu gosta de mim?

-- Tu bem sabe...

-- Deita aqui.

Pedro deita ao seu lado. João Grande se afasta, chega para perto de Professor. Mas não conversam, ficam entregues à sua tristeza. No entanto é uma noite de paz que envolve o trapiche. E a paz da noite está também nos olhos doentes de Dora.

-- Mais perto...

Ele se chega mais, os corpos estão juntos. Ela toma a mão dele, leva ao seu peito. Arde de febre. A mão de Pedro está sobre seu seio de menina. Ela faz com que ele a acaricie, diz:

-- Tu sabe que já sou moça?

A mão dele pousada nos seus seios, os corpos juntos. Uma grande paz nos olhos dela:

-- Foi no orfanato... Agora posso ser tua mulher.

Ele a olha espantado:

-- Não, que tu tá doente...

-- Antes de eu morrer. Vem...

-- Tu não vai morrer.

-- Se tu vier, não.

Se abraçam. O desejo é abrupto e terrível. Pedro não a quer magoar, mas ela não mostra sinais de dor. Uma grande paz em todo seu ser.

-- Tu é minha agora - fala ele com voz agitada.

Ela parecia não sentir a dor da posse. Seu rosto acendido pela febre se enche de alegria. Agora a paz é só da noite, com Dora está a alegria. Os corpos se desunem. Dora murmura:

-- É bom... Sou tua mulher.

Ele a beija. A paz voltou ao rosto dela. Fita Pedro Bala com amor.

-- Agora vou dormir -- diz.

Deita ao lado dela, segura sua mão ardente. Esposa.

A paz da noite envolve os esposos. O amor é sempre doce e bom, mesmo quando a morte está próxima. Os corpos não se balançam mais no ritmo do amor. Mas nos corações dos dois meninos não há mais nenhum medo. Somente paz, a paz da noite da Bahia.”

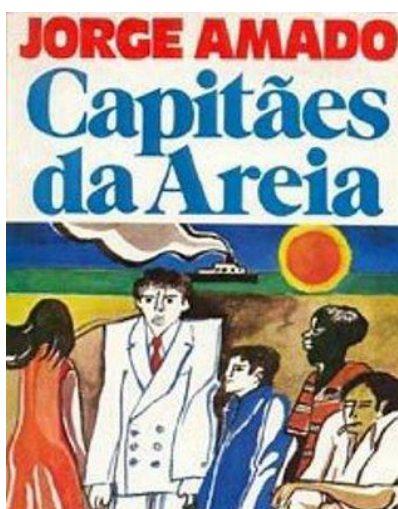
OS ATABAQUES RESSOAM COMO CLARINS DE GUERRA (p. 252, 253, 254)

“A revolução chama Pedro Bala como Deus chamava Pirulito nas noites do trapiche. É uma voz poderosa dentro dele, poderosa como a voz do mar, como a voz do vento, tão poderosa como uma voz sem comparação. Como a voz de um negro que canta num saveiro o samba que Boa-Vida fez:

Companheiros, chegou a hora...

A voz o chama. Uma voz que o alegra, que faz bater seu coração. Ajudar a mudar o destino de todos os pobres. Uma voz que atravessa a cidade, que parece vir dos atabaques que ressoam nas macumbas da religião ilegal dos negros. Uma voz que vem com o ruído dos bondes onde vão os condutores e motorneiros grevistas. Uma voz que vem do cais, do peito dos estivadores, de João de Adão, de seu pai morrendo num comício, dos marinheiros dos navios, dos saveiristas e dos canoeiros. Uma voz que vem do grupo que joga a luta da capoeira, que vem dos golpes que o Querido-de-Deus aplica. Uma voz que vem mesmo do padre José Pedro, padre pobre de olhos espantados diante do destino terrível dos Capitães da Areia. Uma voz que vem das filhas-desanto do candomblé de Don'Aninha, na noite que a polícia levou Ogum. Voz que vem do trapiche dos Capitães da Areia. Que vem do reformatório e do orfanato. Que vem do ódio do Sem-Pernas se atirando do elevador para não se entregar. Que vem no trem da Leste Brasileira, através do sertão, do grupo de Lampião pedindo justiça para os sertanejos. Que vem de Alberto, o estudante pedindo escolas e liberdade para a cultura. Que vem dos quadros de Professor, onde meninos esfarrapados lutam naquela exposição da rua Chile. Que vem de Boa-Vida e dos malandros da cidade, do bojo dos seus violões, dos sambas tristes que eles cantam. Uma voz que vem de todos os pobres, do peito de todos os pobres. Uma voz que diz uma palavra bonita de solidariedade, de amizade: companheiros. Uma voz que convida para a festa da luta. Que é como um samba alegre de negro, como ressoar dos atabaques nas macumbas. Voz que vem da lembrança de Dora, valente lutadora. Voz que chama Pedro Bala. Como a voz de Deus chamava Pirulito, a voz do ódio o Sem-Pernas, como a voz dos sertanejos chamava Volta Seca para o grupo de Lampião. Voz poderosa como nenhuma outra. Porque é uma

voz que chama para lutar por todos, pelo destino de todos, sem exceção. Voz poderosa como nenhuma outra. Voz que atravessa a cidade e vem de todos os lados. Voz que traz com ela uma festa, que faz o inverno acabar lá fora e ser a primavera. A primavera da luta. Voz que chama Pedro Bala, que o leva para a luta. Voz que vem de todos os peitos esfomeados da cidade, de todos os peitos explorados da cidade. Voz que traz o bem maior do mundo, bem que é igual ao sol, mesmo maior que o sol: a liberdade. A cidade no dia de primavera é deslumbradoramente bela. Uma voz de mulher canta a canção da Bahia. Canção da beleza da (p. 254) Bahia. Cidade negra e velha, sinos de igreja, ruas calçadas de pedra. Canção da Bahia que uma mulher canta. Dentro de Pedro Bala uma voz o chama: voz que traz para a canção da Bahia, a canção da liberdade. Voz poderosa que o chama. Voz de toda a cidade pobre da Bahia, voz da liberdade. A revolução chama Pedro Bala.”



PLANO DE AULA 4 (6ª aula)

Identificação

Colégio: Escola de Educação Básica Maria José Barbosa Vieira

Professora: Liliane Zonta

Estagiária: Vanessa Inácio

Disciplina: Língua Portuguesa

Série: 3º ano do Ensino Médio Turma: 3.11 Turno: noturno

Data: 25/05/2016 (quarta-feira)

Horário: 18h45min-19h25min

Tema

Filme - Capitães da Areia

Objetivo Geral

Apresentar a obra Capitães da Areia (em vídeo).

Objetivo Específico

Interpretar o filme;

Analisar e discutir sobre o contexto em que a obra se encontra;

Refletir acerca da realidade presente no enredo.

Conhecimentos Abordados

Analisar, refletir e interpretar o enredo do filme

Metodologia

A aula será iniciada com as estagiárias explicando que todos irão se dirigir à sala de multimídia para que possam assistir ao filme – Capitães da Areia, após a chamada. Posteriormente, todos assistirão ao filme e ao final da aula as professoras estagiárias solicitarão aos alunos que se dirijam à sala de aula se despedem ressaltando a importância de todos estarem presentes na aula seguinte para a continuação do filme.

Recursos

Computador e telão (sala multimídia);

Filme – Capitães da Areia.

Avaliação

Nesta aula será avaliada a participação, o respeito e interesse do aluno quanto ao conteúdo trabalhado.

Referências

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sYh5WNbXLwc> Acessado em Abril/2016.

PLANO DE AULA 5 (7ª aula)

Identificação

Colégio: Escola de Educação Básica Maria José Barbosa Vieira

Professora: Liliane Zonta

Estagiária: Graciela MassironiCarus

Disciplina: Língua Portuguesa

Série: 3º ano do Ensino MédioTurma: 3.11 Turno: noturno

Data: 01/06/2016 (quarta-feira)

Horário: 18h45min-19h25min

Tema

Filme - Capitães da Areia

Objetivo Geral

Continuar a apresentação da obra Capitães da Areia em vídeo.

Objetivo Específico

Interpretar o filme;

Analisar e discutir sobre o contexto em que a obra se encontra;

Refletir acerca da realidade presente no enredo.

Conhecimentos Abordados

Analisar, refletir e interpretar o enredo do filme.

Metodologia

A aula será iniciada com as estagiárias explicando que todos irão se dirigir à sala de multimídia novamente para que possam continuar assistindo ao filme – Capitães da Areia. Será passado o restante do filme e ao final as estagiárias farão a chamada e solicitarão aos alunos que voltem para a sala de aula e se despedem.

Recursos

Computador e telão (sala multimídia);

Filme – Capitães da Areia.

Avaliação

Nesta aula será avaliada a participação, o respeito e interesse do aluno quanto ao conteúdo trabalhado.

Referências

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sYh5WNbXLwc> Acessado em Abril/2016.

PLANO DE AULA 6 (8ª e 9ª aula)

Identificação

Colégio: Escola de Educação Básica Maria José Barbosa Vieira

Professora: Liliane Zonta

Estagiária: Vanessa Inácio

Disciplina: Língua Portuguesa

Série: 3º ano do Ensino Médio Turma: 3.11 Turno: noturno

Data: 03/06/2016 (sexta-feira)

Horário: 20h15min-20h55min e 20h55min-21h35min

Tema

Tópicos da produção textual e texto dissertativo-argumentativo

Objetivo Geral

Discutir sobre o filme e refletir no que concerne à realidade;

Analisar e aprofundar sobre as características do texto dissertativo-argumentativo.

Objetivo Específico

Interpretar e refletir acerca da realidade presente no enredo do filme;

Expandir o conhecimento acerca do texto dissertativo-argumentativo.

Conhecimentos Abordados

Discussão sobre o filme e sobre os possíveis tópicos para a produção textual e leitura e análise das características do texto dissertativo.

Metodologia

A aula será iniciada com as estagiárias fazendo a chamada, em seguida questionarão aos alunos sobre o filme. Perguntas do tipo: O que acharam? Já conheciam? Gostaram? Entenderam o enredo? Depois da discussão sobre o filme, serão colocados em pauta os

possíveis tópicos para a produção textual, com base no enredo do filme. Após os temas da produção textual estarem definidos, as estagiárias distribuirão o material disponível em fotocópias para iniciar a explicação do texto dissertativo-argumentativo e das competências avaliadas no ENEM. Solicitarão aos alunos que façam a leitura em voz alta, respeitando a ordem em que forem chamados conforme a lista de presença. Durante a leitura as estagiárias enfatizarão características importantes do tema. Ao final as estagiárias lembrarão aos alunos que todos devem mandar a foto e a frase para compor o produto final até o dia 15/06, se despedem e ressaltam a importância de todos estarem presentes para a continuação da explicação do texto dissertativo-argumentativo na próxima aula.

Recursos

Fotocópias do material sobre texto dissertativo-argumentativo e competências avaliadas no ENEM.

Avaliação

Nestas aulas será avaliada a participação na discussão e na escolha do tópico para a produção textual, a leitura e o interesse do aluno com relação ao conteúdo.

Referências

Disponível em:

http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/guia_participante/2013/guia_de_redacao_enem_2013.pdf Acessado em Abril/2016.

Anexos

O TEXTO DISSERTATIVO-ARGUMENTATIVO E AS COMPETÊNCIAS AVALIADAS NO ENEM¹

Apresentamos, a seguir, o detalhamento das cinco competências a serem avaliadas na sua redação. Por texto entende-se uma unidade de sentido em que todos os aspectos se inter-relacionam para constituir a textualidade, a separação por competências, na Matriz, tem a finalidade de tornar a avaliação mais objetiva.

Competência 1 – Demonstrar domínio da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa.

A primeira competência a ser avaliada em seu texto é o domínio da modalidade escrita formal da língua. Você já aprendeu que as pessoas não escrevem e falam do mesmo modo, uma vez que são processos diferentes, cada qual com características próprias. Na escrita formal, por exemplo, deve-se evitar, ao relacionar ideias, o emprego repetido de palavras, como “e”, “ai”, “daí”, “então”, próprias de um uso mais informal. Por isso, para atender a essa exigência, você precisa ter consciência da distinção entre a modalidade escrita e a oral, bem como entre registro formal e informal. Outra diferença entre as duas modalidades diz respeito à constituição das frases. No registro informal, elas são muitas vezes fragmentadas, já que os interlocutores podem complementar as informações com o contexto em que a interação ocorre, mas, no registro escrito formal, em que esse contexto não está presente, as informações precisam estar completas nas frases. A entoação, recurso expressivo importante da oralidade, e as pausas, que conferem coerência ao texto, são muitas vezes marcadas, na escrita, por meio dos sinais de pontuação. Por isso, as regras de pontuação assumem também essa função de organização do texto.

Na redação do seu texto, você deve procurar ser claro, objetivo e direto, empregar um vocabulário mais variado e preciso, diferente do que utiliza quando fala, e seguir as regras estabelecidas pela modalidade escrita formal da Língua Portuguesa. Além disso, o texto dissertativo-argumentativo escrito exige que alguns requisitos básicos sejam atendidos. Além dos requisitos de ordem textual, como coesão, coerência, sequenciação, informatividade, há outras exigências para o desenvolvimento do texto dissertativo-argumentativo: ausência de marcas de oralidade e de registro informal; precisão vocabular; e obediência às regras de: concordância nominal e verbal; regência nominal e verbal; pontuação; flexão de nomes e verbos; colocação de pronomes oblíquos (átonos e tônicos); grafia das palavras (inclusive acentuação gráfica e emprego de letras maiúsculas e minúsculas); edivisão silábica na mudança de linha (translineação).

Competência 2 – Compreender a proposta de redação e aplicar conceitos das várias áreas de conhecimento para desenvolver o tema, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo em prosa.

O segundo aspecto a ser avaliado no seu texto é a compreensão da proposta de redação – esta exige que o participante escreva um texto dissertativo-argumentativo, que é o tipo

de texto que demonstra a verdade de uma ideia ou tese. É mais do que uma simples exposição de ideias. Nessa redação, o participante deve evitar elaborar um texto de caráter apenas expositivo. É preciso apresentar um texto que expõe um aspecto relacionado ao tema, defendendo uma posição, uma tese. É dessa forma que se atende às exigências expressas pela Competência 2 da Matriz de Avaliação do Enem. O tema constitui o núcleo das ideias sobre as quais a tese se organiza. Em âmbito mais abrangente, o assunto recebe uma delimitação por meio do tema, ou seja, um assunto pode ser abordado por diferentes temas. Seguem algumas recomendações para essa elaboração:

- a) Leia com atenção a proposta da redação e os textos motivadores, para compreender bem o que está sendo solicitado.
- b) Evite ficar preso às ideias desenvolvidas nos textos motivadores, porque foram apresentados apenas para despertar uma reflexão sobre o tema e não para limitar sua criatividade.
- c) Não copie trechos dos textos motivadores. Lembre-se de que eles foram apresentados apenas para despertar seus conhecimentos sobre o tema.
- d) Reflita sobre o tema proposto para decidir como abordá-lo, qual será seu ponto de vista e como defendê-lo.
- e) Reúna todas as ideias que lhe ocorrerem sobre o tema, procurando organizá-las em uma estrutura coerente para usá-las no desenvolvimento do seu texto.
- f) Desenvolva o tema de forma consistente para que o leitor possa acompanhar o seu raciocínio facilmente, o que significa que a progressão textual é fluente e articulada com o projeto do texto.
- g) Lembre-se de que cada parágrafo deve desenvolver um tópico frasal.
- h) Examine, com atenção, a introdução e a conclusão para ver se há coerência entre o início e o fim.
- i) Utilize informações de várias áreas do conhecimento, demonstrando que você está atualizado em relação ao que acontece no mundo.
- j) Evite recorrer a reflexões previsíveis, que demonstram pouca originalidade no desenvolvimento do tema proposto.

l) Mantenha-se dentro dos limites do tema proposto, tomando cuidado para não se afastar do seu foco. Esse é um dos principais problemas identificados nas redações. Nesse caso, duas situações podem ocorrer: fuga total ao tema ou fuga parcial ao tema.

Vamos aproveitar o tema da redação do Enem 2012 para explicar essa diferença. O tema proposto no Exame de 2012 foi “O movimento imigratório para o Brasil no século XXI”. Esse tema se vincula ao assunto mais amplo “imigração” e envolve a discussão sobre as vantagens e desvantagens da presença de imigrantes na vida cotidiana brasileira; o impacto dessa presença na economia do país; as formas de tratamento dessa nova população; e a influência de novas culturas na cultura local, entre outras abordagens possíveis dentro do assunto.

O que é tangenciar o tema?

Considera-se tangenciamento ao tema a abordagem parcial, realizada somente nos limites do assunto mais amplo a que o tema está vinculado, deixando em segundo plano a discussão em torno do eixo temático objetivamente proposto. No Enem 2012, por exemplo, algumas redações se restringiram a discutir apenas a questão dos movimentos migratórios de um modo geral, sem associação ao A redação no Enem 2013 Guia do Participante 15 fenômeno da imigração para o Brasil no século XXI. As possibilidades que levaram o texto a ser avaliado como tangenciamento ao tema foram as seguintes:

Possibilidade I: redação completamente estruturada no debate sobre imigração para o Brasil em geral (mas não no século XXI).

Possibilidade II: redação completamente estruturada no debate sobre a situação e a presença do estrangeiro, sem associação ao processo de sua vinda para o Brasil, ou seja, sobre questões genéricas do estrangeiro sem vinculação com o fenômeno imigratório para o Brasil.

O que é fuga total ao tema?

Considera-se que uma redação tenha fugido ao tema quando nem o assunto mais amplo nem o tema proposto são desenvolvidos. No Enem 2012, recebeu a rubrica fuga ao tema a redação cujo texto se estruturou integralmente em assuntos que não o solicitado, como segurança pública, violência, meio ambiente, corrupção, entre outros, sem vinculá-los ao eixo temático proposto (movimentos imigratórios para o Brasil no século XXI), portanto, completamente fora até do assunto mais amplo (processos e

fluxos migratórios) ao qual estava vinculado o tema solicitado (movimentos imigratórios para o Brasil no século XXI). Também foi excluída por ter fugido ao tema a redação que se limitou à discussão sobre o êxodo rural e o urbano; ou sobre os deslocamentos de brasileiros de uma região para outra; ou, ainda, sobre a saída de brasileiros para o exterior (emigração).

O que é não atendimento ao tipo textual?

Não atende ao tipo textual a redação que esteja predominantemente fora do padrão dissertativo-argumentativo – sem apresentar nenhum indício de caráter dissertativo (explicações, exemplificações, análises ou interpretações de aspectos dentro da temática solicitada) ou nenhum indício de caráter argumentativo (defesa ou refutação de ideias dentro da temática solicitada).

O que é um texto dissertativo-argumentativo?

O texto dissertativo-argumentativo é organizado na defesa de um ponto de vista sobre determinado assunto. É fundamentado com argumentos, para influenciar a opinião do leitor ou ouvinte, tentando convencê-lo de que a ideia defendida está correta. É preciso, portanto, expor e explicar ideias. Daí a sua dupla natureza:

- é argumentativo porque defende uma tese, uma opinião, e
- é dissertativo porque se utiliza de explicações para justificá-la. Seu objetivo é, em última análise, convencer ou tentar convencer o leitor, pela apresentação de razões e pela evidência de provas, à luz de um raciocínio coerente e consistente.

Seu objetivo é, em última análise, convencer ou tentar convencer o leitor, pela apresentação de razões e pela evidência de provas, à luz de um raciocínio coerente e consistente.

A sua redação atenderá às exigências de elaboração de um texto dissertativo-argumentativo se combinar dois princípios de estruturação:

I – Apresentar uma tese, desenvolver justificativas para comprovar essa tese e uma conclusão que dê um fecho à discussão elaborada no texto, compondo o processo argumentativo.

TESE – É a ideia que você vai defender no seu texto. Ela deve estar relacionada ao tema e apoiada em argumentos ao longo da redação.

ARGUMENTOS – É a justificativa para convencer o leitor a concordar com a tese defendida. Cada argumento deve responder à pergunta “Por quê?” em relação à tese

defendida. II – Utilizar estratégias argumentativas para expor o problema discutido no texto e detalhar os argumentos utilizados.

ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS – São recursos utilizados para desenvolver os argumentos, de modo a convencer o leitor, como: exemplos;

- dados estatísticos;
- pesquisas;
- fatos comprováveis;
- citações ou depoimentos de pessoas especializadas no assunto;
- alusões históricas; e
- comparações entre fatos, situações, épocas ou lugares distintos.

ATENÇÃO! Será atribuída nota 0 (zero) à redação que não obedecer à estrutura dissertativo-argumentativa, mesmo que atenda às exigências dos outros critérios de avaliação. Você não deve, portanto, elaborar um poema ou reduzir o seu texto à narração de uma história. No processo argumentativo, você poderá dar exemplos de acontecimentos que justifiquem a tese, mas o texto não pode se reduzir a uma narração, por esta não apresentar a estrutura de organização textual solicitada.

Competência 3 – Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista.

O terceiro aspecto a ser avaliado no seu texto é a forma como você seleciona, relaciona, organiza e interpreta informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa do ponto de vista defendido como tese. É preciso que elabore um texto que apresente, claramente, uma ideia a ser defendida e os argumentos que justifiquem a posição assumida por você em relação à temática exigida pela proposta de redação. Esta Competência trata da inteligibilidade do texto, ou seja, da sua coerência, da plausibilidade entre as ideias apresentadas. A inteligibilidade da sua redação depende, portanto, dos seguintes fatores:

- relação de sentido entre as partes do texto;
- precisão vocabular;
- progressão temática adequada ao desenvolvimento do tema, revelando que a redação foi planejada e que as ideias desenvolvidas são pouco a pouco apresentadas, em uma ordem lógica; e
- adequação entre o conteúdo do texto e o mundo real.

O que é coerência?

A coerência se estabelece a partir das ideias apresentadas no texto e dos conhecimentos dos interlocutores, garantindo a construção do sentido de acordo com as expectativas do leitor. Está, pois, ligada à compreensão, à possibilidade de interpretação dos sentidos do texto. O leitor poderá “processar” esse texto e refletir a respeito das ideias nele contidas; pode, em resposta, reagir de maneiras diversas: aceitar, recusar, questionar, até mesmo mudar seu comportamento em face das ideias do autor, compartilhando ou não da sua opinião. **Resumindo:** na organização do texto dissertativo-argumentativo, você deve procurar atender às seguintes exigências:

- apresentação clara da tese e seleção dos argumentos que a sustentam;
- encadeamento das ideias, de modo que cada parágrafo apresente informações novas, coerentes com o que foi apresentado anteriormente, sem repetições ou saltos temáticos;
- congruência entre as informações do texto e a realidade; e
- precisão vocabular.

Competência 4 – Demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação.

Os aspectos a serem avaliados nesta Competência dizem respeito à estruturação lógica e formal entre as partes da redação. A organização textual exige que as frases e os parágrafos estabeleçam entre si uma relação que garanta a sequenciação coerente do texto e a interdependência entre as ideias. Esse encadeamento pode ser expresso por conjunções, por determinadas palavras, ou A redação no Enem 2013 Guia do Participante 20 pode ser inferido a partir da articulação dessas ideias. Preposições, conjunções, advérbios e locuções adverbiais são responsáveis pela coesão do texto, porque estabelecem uma inter-relação entre orações, frases e parágrafos. Cada parágrafo será composto de um ou mais períodos também articulados; cada ideia nova precisa estabelecer relação com as anteriores. Assim, na produção da sua redação, você deve utilizar variados recursos linguísticos que garantam as relações de continuidade essenciais à elaboração de um texto coeso. Na avaliação desta Competência, será considerado o seguinte aspecto:

Encadeamento textual

Para garantir a coesão textual, devem ser observados determinados princípios em diferentes níveis:

- **Estruturação dos parágrafos** – um parágrafo é uma unidade textual formada por uma ideia principal à qual se ligam ideias secundárias. No texto dissertativo-argumentativo, os parágrafos podem ser desenvolvidos por comparação, por causa-consequência, por exemplificação, por detalhamento, entre outras possibilidades. Deve haver uma articulação entre um parágrafo e outro.

- **Estruturação dos períodos** – pela própria especificidade do texto dissertativo-argumentativo, os períodos do texto são, normalmente, estruturados de modo complexo, formados por duas ou mais orações, para que se possa expressar as ideias de causa-consequência, contradição, temporalidade, comparação, conclusão, entre outras.

- **Referenciação** – as referências a pessoas, coisas, lugares e fatos são introduzidas e, depois, retomadas, à medida que o texto vai progredindo. Esse processo pode ser expresso por pronomes, advérbios, artigos ou vocábulos de base lexical, estabelecendo relações de sinonímia, antonímia, hiponímia, hiperonímia, uso de expressões resumitivas, expressões metafóricas ou expressões metadiscursivas.

RECOMENDAÇÕES

Procure utilizar as seguintes estratégias de coesão para se referir a elementos que já apareceram no texto:

a) substituição de termos ou expressões por pronomes pessoais, possessivos e demonstrativos, advérbios que indicam localização, artigos;

b) substituição de termos ou expressões por sinônimos, antônimos, hipônimos, hiperônimos, expressões resumitivas ou expressões metafóricas;

c) substituição de substantivos, verbos, períodos ou fragmentos do texto por conectivos ou expressões que resumam e retomem o que já foi dito; e

d) elipse ou omissão de elementos que já tenham sido citados ou sejam facilmente identificáveis. Resumindo: na elaboração da redação, você deve evitar: *f* frases fragmentadas que comprometam a estrutura lógico-gramatical;

- sequência justaposta de ideias sem encaixamentos sintáticos, reproduzindo usos típicos da oralidade;

- frase com apenas oração subordinada, sem oração principal;

- emprego equivocado do conector (preposição, conjunção, pronome relativo, alguns advérbios e locuções adverbiais) que não estabeleça relação lógica entre dois trechos do texto e prejudique a compreensão da mensagem;
- emprego do pronome relativo sem a preposição, quando obrigatória; e
- repetição ou substituição inadequada de palavras sem se valer dos recursos oferecidos pela língua (pronome, advérbio, artigo, sinônimo).

Competência 5 – Elaborar proposta de intervenção para o problema abordado, respeitando os direitos humanos.

O quinto aspecto a ser avaliado no seu texto é a apresentação de uma proposta de intervenção para o problema abordado. Por isso, a sua redação, além de apresentar uma tese sobre o tema, apoiada em argumentos consistentes, deve oferecer uma proposta de intervenção na vida social. Essa proposta deve considerar os pontos abordados na argumentação, deve manter vínculo direto com a tese desenvolvida no texto e coerência com os argumentos utilizados, já que expressa a sua visão, como autor, das possíveis soluções para a questão discutida. A proposta de intervenção precisa ser detalhada de modo a permitir ao leitor o julgamento sobre sua exequibilidade, portanto, deve conter a exposição da intervenção sugerida e o detalhamento dos meios para realizá-la. A proposta deve, ainda, refletir os conhecimentos de mundo de quem a redige, e a coerência da argumentação será um dos aspectos decisivos no processo de avaliação. É necessário que ela respeite os direitos humanos, que não rompa com valores como cidadania, liberdade, solidariedade e diversidade cultural. Ao redigir seu texto, procure evitar propostas vagas, gerais; busque propostas mais concretas, específicas, consistentes com o desenvolvimento de suas ideias. Antes de elaborar sua proposta, procure responder às seguintes perguntas: O que é possível apresentar como proposta de intervenção na vida social? Como viabilizar essa proposta?

O seu texto será avaliado, portanto, com base na combinação dos seguintes critérios:

- a) presença de proposta x ausência de proposta; e
- b) proposta com detalhamento dos meios para sua realização x proposta sem o detalhamento dos meios para sua realização.

Recomendações

Para o seu bom desempenho, você deve fazer, antes de escrever sua redação, uma leitura cuidadosa da proposta apresentada, dos textos motivadores e das instruções, a fim de que possa compreender perfeitamente o que está sendo solicitado. O tema de redação vem sempre acompanhado, na proposta, de textos motivadores. Em geral, são textos em linguagem verbal e em linguagem não verbal (imagem) que remetem ao tema proposto a fim de orientar sua reflexão. Assim, para elaborar uma redação de qualidade, você deve seguir as seguintes recomendações:

- a) ler com bastante atenção o tema proposto e observar a tipologia textual exigida (texto dissertativo-argumentativo);
- b) ler os textos motivadores, observando as palavras ou os fragmentos que indicam o posicionamento dos autores;
- c) identificar, em cada texto motivador, a tese e os argumentos apresentados pelos autores em defesa de ponto de vista;
- d) refletir sobre o posicionamento dos autores dos textos motivadores; e e) ler atentamente as instruções apresentadas após os textos motivadores.

Redação de GABRIELA ARAUJO ATTIE Uberlândia/MG

A imigração no Brasil

Durante, principalmente, a década de 1980, o Brasil mostrou-se um país de emigração. Na chamada década perdida, inúmeros brasileiros deixaram o país em busca de melhores condições de vida. No século XXI, um fenômeno inverso é evidente: a chegada ao Brasil de grandes contingentes imigratórios, com indivíduos de países subdesenvolvidos latinoamericanos. No entanto, as condições precárias de vida dessas pessoas são desafios ao governo e à sociedade brasileira para a plena adaptação de todos os cidadãos à nova realidade.

A ascensão do Brasil ao posto de uma das dez maiores economias do mundo é um importante fator atrativo aos estrangeiros. Embora o crescimento do PIB (Produto Interno Bruto) nacional, segundo previsões, seja menor em 2012 em relação a anos anteriores, o país mostra um verdadeiro aquecimento nos setores econômicos, representado, por exemplo, pelo aumento do poder de consumo da classe C.

Esse aspecto contribui para a construção de uma imagem positiva e promissora do Brasil no exterior, o que favorece a imigração. A vida dos imigrantes no país, entretanto, exibe uma diferente e crítica faceta: a exploração da mão-de-obra e a miséria.

Portanto, para impedir a continuidade dessa situação, é imprescindível a intervenção governamental, por meio da fiscalização de empresas que apresentem imigrantes como funcionários, bem como a realização de denúncias de exploração por brasileiros ou por imigrantes. Ademais, é necessário fomentar o respeito e a assistência a eles, ideais que devem ser divulgados por campanhas e por propagandas do governo ou de ONG's, além de garantir seu acesso à saúde e à educação, por meio de políticas públicas específicas a esse grupo.

Comentário

O texto demonstra excelente **domínio da modalidade escrita formal** e não apresenta problemas linguísticos, a não ser a falta de acento em “saúde”, sem reincidência em inadequações de grafia. Demonstra também que **a proposta de redação foi compreendida e que o tema foi desenvolvido dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo**. O texto é objetivo e impessoal. A redação organiza-se em quatro parágrafos bem construídos.

A **tese** desenvolvida é a de que o Brasil atrai muitos imigrantes devido a sua excelente situação econômica. O texto diz que o governo deve interferir para evitar a exploração da mão **de obra e assegurar os direitos dos imigrantes à saúde e à educação**.

Na introdução, o texto alude ao fato de muitos brasileiros terem emigrado na década de 1980 e afirma que agora houve uma inversão de fluxo. As ideias são desenvolvidas esclarecendo que o Brasil está entre as dez maiores economias do mundo, houve um aquecimento econômico e a classe C tem tido acesso a maior nível de consumo. Essa imagem positiva atrai imigrantes, mas favorece a exploração da mão de obra.

O texto apresenta como **conclusão** uma **proposta ampla e abrangente de intervenção para o problema abordado, respeitando os direitos humanos**: intervenção governamental e fiscalização sobre empresas que empregam imigrantes. Propõe também campanhas para fomentar o respeito aos que vêm de fora e sugere a assistência aos novos cidadãos, por meio de políticas públicas que assegurem acesso à saúde e à educação. As propostas são coerentes com as ideias desenvolvidas no texto.

A redação apresenta encadeamento de ideias e demonstra competência em **selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos e argumentos em**

defesa de um ponto de vista: o tema é desenvolvido de forma coerente, os argumentos selecionados são consistentes e a conclusão é relacionada ao ponto de vista adotado.

O emprego de elementos coesivos torna o texto bem articulado e garante a sua continuidade, revelando **conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários à construção da argumentação**. O texto recorre a vários recursos coesivos, por exemplo: no primeiro parágrafo, a expressão “Na chamada década perdida” retoma “a década de 1980”; o termo “Esse aspecto” retoma a informação antecedente sobre a situação econômica do Brasil. São empregados ainda diversos conectores que contribuem para a sequenciação das ideias: “no entanto”, “Embora”, “entretanto”, “Portanto”, “bem como”, “Ademais”, “além de”.

¹Retirado na íntegra da referência abaixo.

Disponível em:

http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/guia_participante/2013/guia_de_redacao_enem_2013.pdf Acessado em Abril/2016.

PLANO DE AULA 7 (10ª aula)

Identificação

Colégio: Escola de Educação Básica Maria José Barbosa Vieira

Professora: Liliane Zonta

Estagiária: Graciela MassironiCarus

Disciplina: Língua Portuguesa

Série: 3º ano do Ensino Médio Turma: 3.11 Turno: noturno

Data: 08/06/2016 (quarta-feira)

Horário: 18h45min-19h25min

Tema

Texto dissertativo-argumentativo e competências avaliadas no ENEM.

Objetivo Geral

Analisar e aprofundar sobre as características do texto dissertativo-argumentativo e conhecer as competências avaliadas no ENEM.

Objetivo Específico

Expandir o conhecimento acerca do texto dissertativo-argumentativo;
Conhecer e compreender a matriz que rege as normas da redação ENEM.

Conhecimentos Abordados

Leitura e análise das características do texto dissertativo, apresentação das competências do ENEM.

Metodologia

A aula iniciará com as estagiárias fazendo a chamada. Em seguida, solicitarão aos alunos que peguem novamente as fotocópias do material sobre o texto dissertativo-argumentativo e competências avaliadas no ENEM. Continuarão fazendo a leitura em voz alta, conforme a chamada. As estagiárias explicarão e ressaltarão os pontos mais importantes do material, e enfatizarão que haverá um material passando pela sala que contém o Guia de Redação do ENEM completo. Em concomitância com a explicação do texto dissertativo-argumentativo, as estagiárias estarão discorrendo sobre as competências avaliadas no ENEM, e esclarecendo as possíveis dúvidas que os alunos tiverem. Ao final do material terá o exemplo de uma redação nota máxima no ENEM, seguido de comentários. A redação será utilizada para exemplificar os tópicos centrais do texto dissertativo-argumentativo. Ao final, as estagiárias se despedem.

Recursos

Fotocópias do material sobre texto dissertativo-argumentativo;
Guia da Redação do ENEM 2013;
Fotocópia de exemplos de redação nota máxima no ENEM.

Avaliação

Nesta aula será avaliada a participação, a leitura e o interesse do aluno com relação ao conteúdo.

Referências

Disponível em:
http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/guia_participante/2013/guia_de_redacao_enem_2013.pdfAcessado em Abril/2016.

Identificação

Colégio: Escola de Educação Básica Maria José Barbosa Vieira

Professora: Liliane Zonta

Estagiárias: Graciela MassironiCarus e Vanessa Inácio

Disciplina: Língua Portuguesa

Série: 3º ano do Ensino MédioTurma: 3.11 Turno: noturno

Data: 10/06/2016 (sexta-feira)

Horário: 20h15min-20h55min e 20h55min-21h35min

Tema

Produção Textual

Objetivo Geral

Aprofundar o conhecimento sobre o texto dissertativo-argumentativo.

Objetivo Específico

Praticar o conhecimento acerca do texto dissertativo-argumentativo;

Expandir a criação e a imaginação dos alunos através de uma produção escrita.

Conhecimentos Abordados

Produção textual escrita com adequação de linguagem e estrutura, função e finalidade.

Metodologia

Primeiramente as estagiárias farão a chamada, e em seguida distribuirão aos alunos a folha para que possam iniciar a escrita das suas respectivas produções textuais. As estagiárias explicarão aos alunos que cada um poderá optar por um tema, dentro dos disponíveis, no entanto o tipo de texto é dissertativo-argumentativo, conforme já estudado. As mesmas distribuirão materiais que possam auxiliar o aluno na escrita, bem como percorrerão a sala durante as aulas auxiliando os alunos no que for necessário. Enfatizarão o fato de que os alunos terão as duas aulas para iniciar e finalizar sua produção, e ao final, todas serão recolhidas. Ao final da aula, todas as produções textuais são recolhidas, as estagiárias lembrarão aos alunos que devem mandar até dia 15/06 a foto e frase para compor o produto final e se despedem.

Objetivo Específico

Aprimorar a escrita e reescrita dos alunos;
Expansão do alcance de reflexão para a reescrita do texto dissertativo-argumentativo;
Inserir a pontuação e o seu uso correto.

Conhecimentos Abordados

Escrita, reflexão, pontuação.

Metodologia

Ao iniciar a aula as estagiárias farão a chamada, posteriormente distribuirão fotocópias aos alunos contendo alguns exemplos dos erros mais recorrentes encontrados nas produções textuais. Em seguida, as estagiárias buscarão junto aos estudantes, discutir quais as inadequações encontradas acerca da pontuação nas produções, distribuirão fotocópias de um material de apoio, conforme os erros mais encontrados e questionarão aos alunos quais as soluções possíveis para cada caso que houver. Ao final se despedem e enfatizam a importância de todos estarem na próxima aula, pois será continuação da explicação e o dia da reescrita.

Recursos

Fotocópias do material contendo os erros recorrentes;
Fotocópias do material de apoio acerca da pontuação.

Avaliação

Os alunos serão avaliados conforme seu grau de participação e contribuição para a realização das explicações.

PLANO DE AULA 10 (14ª e 15ª aula)

Identificação

Colégio: Escola de Educação Básica Maria José Barbosa Vieira

Professora: Liliane Zonta

Estagiária: Graciela MassironiCarus

Disciplina: Língua Portuguesa

Série: 3º ano do Ensino Médio Turma: 3.11 Turno: noturno

Data: 17/06/2016 (sexta-feira)

Horário: 20h15min-20h55min e 20h55min-21h35min

Tema

Pontuação e Reescrita.

Objetivo Geral

Aprimoramento da (re)escrita

Objetivo Específico

Aprimorar a escrita e reescrita dos alunos;

Expansão do alcance de reflexão para a reescrita do texto dissertativo-argumentativo;

Inserir a pontuação e o seu uso correto.

Conhecimentos Abordados

Escrita, reflexão, pontuação e reescrita.

Metodologia

As estagiárias iniciarão a aula informando que será dada a presença conforme as produções que serão reescritas. Em seguida, solicitam aos alunos que peguem suas fotocópias dos erros mais recorrentes e do material de apoio, entregues na última aula, e continuam a discussão e explicação. Ao finalizarem questionam se há dúvidas e esclarecem que serão devolvidas as produções textuais dos alunos, com suas respectivas considerações, para que os mesmos possam reescrevê-las. As estagiárias explicarão que os alunos terão a aula para fazerem a reescrita, corrigindo suas produções com base nas considerações marcadas pelas estagiárias. As professoras entregarão as folhas para a reescrita. Ao final serão recolhidas todas as produções e as educadoras se despedirão.

Recursos

Fotocópias do material contendo os erros recorrentes;

Fotocópias do material de apoio acerca da pontuação;

Folha para a reescrita.

Avaliação

PLANO DE AULA 11 (16ª aula)

Identificação

Colégio: Escola de Educação Básica Maria José Barbosa Vieira

Professora: Liliane Zonta

Estagiária: Vanessa Inácio

Disciplina: Língua Portuguesa

Série: 3º ano do Ensino Médio Turma: 3.11 Turno: noturno

Data: 12/06/2016 (quarta-feira)

Horário: 18h45min-19h25min

Tema

Capitães da Areia: Uma (re) leitura, vários olhares.

Objetivo Geral

Demonstrar e refletir acerca da importância das atividades feitas pelos alunos.

Objetivo Específico

Estimular os alunos a produzirem sempre mais.

Demonstrar aos alunos que o que eles produzem têm significado e pode ser mais bem aproveitado quando o trabalho é construído em conjunto.

Conhecimentos Abordados

Reflexão sobre o trabalho em equipe, importância da participação de todos e socialização.

Metodologia

Nesta aula será mostrado aos alunos o produto final com as fotos e frases. Será solicitado aos alunos para exporem o que acharam das aulas, das atividades e do produto final produzido. As estagiárias agradecerão aos alunos e compartilharão o que acharam da experiência de trabalhar com a turma. Ao final entregarão um bombom com uma frase da obra “Capitães da Areia” anexada, e se despedirão.

Recursos

Cópia do livro com fotos (produto final);

Bombons e frases.

1.3. RELATOS DO EXERCÍCIO DE DOCÊNCIA

1.3.1. Relato das aulas

1ª e 2ª aula – Sexta-feira (13/05/2016)

A aula foi iniciada com a estagiária Graciela fazendo a sua apresentação e da colega Vanessa, em seguida começou as explicações acerca do projeto docente que será realizado com a turma. Dando continuidade a essa parte introdutório, a estagiária apresentou como serão realizadas as avaliações, composta de três notas (redação+reescrita, foto para o produto final e presença+participação). Explicou sobre a chamada, que será algumas vezes feita no início da aula e algumas no final da aula. Justificou a escolha do tema escolhido para o projeto e explica que na aula de hoje será lembrado sobre o Modernismo, escola literária na qual o Romance de 30 pertence.

Em seguida, Graciela com a ajuda da estagiária Vanessa, distribuíram fotocópias do material sobre o Modernismo, explicando que seria feito uma breve retomada do movimento em que o Romance de 30 está inserido. Após a distribuição, Graciela questionou os alunos se recordam o que são as escolas literárias, se lembram sobre o Modernismo e sobre a Semana de Arte Moderna. Iniciou a leitura do texto distribuído lembrando os alunos o que são as escolas literárias, e discorreu brevemente sobre algumas delas. Ao falar do Modernismo, Graciela se alonga mais explicando as duas fases do movimento. Solicitou a alguns alunos que fizessem a leitura do material em voz alta e discorreu sobre as principais características dos escritores e o que o movimento buscava. Posteriormente contextualizou o momento histórico do

Modernismo, em sua 1ª fase. Destacou o importante fato do Modernismo: A Semana de Arte Moderna, onde ocorre a solidificação do Modernismo.

Após esse primeiro momento, Graciela questionou se os alunos têm alguma dúvida, os mesmos não apresentaram nenhum questionamento e a estagiária continuou com a aula. Com a ajuda da estagiária Vanessa, distribuiu as fotocópias do material sobre a 2ª fase do Modernismo, momento em que está inserido o Romance de 30 (foco da aula). Fez a leitura do material, revezando com os alunos, e fez explicações sobre o Romance de 30, momento em que a obra Capitães da Areia, foco do projeto docente, está inserida. Ao final, a estagiária novamente questionou se os alunos têm dúvidas, e novamente eles não apresentaram questionamentos. Ao final da aula foi realizada a chamada e as estagiárias se despediram dos alunos.

3ª aula – Quarta-feira (18/05/2016)

As aulas foram suspensas nesta data por haver na escola parada pedagógica.

4ª e 5ª aula - Sexta-feira (20/05/2016)

A aula aconteceu sem a presença da professora titular Liliane Zonta. A professora estagiária Vanessa cumprimentou os alunos e explicou que o autor Jorge Amado e sua obra "Capitães da Areia" são o tema principal do projeto de docência. Em seguida ela distribuiu um texto com uma breve biografia do autor - Jorge Amado: Lirismo e Militância na Bahia - além de outro texto e excertos sobre a referida obra, compartilhando as leituras e discussões com os alunos. Logo após a professora estagiária leu juntamente com aluno o diálogo entre Pedro Bala e Dora, personagens da obra. Para finalizar essa aula os alunos receberam textos com duas canções que fazem referência a temática principal da obra "Capitães da areia", sendo realizada uma discussão maior acerca da música "Garoto de rua" de Zezé Di Camargo. Depois a estagiária fez a chamada e avisou os alunos que a próxima aula será na sala de multimídia II para assistirem o filme da obra, ressaltando a importância de todos comparecerem.

6ª aula - Quarta-feira (25/05/2016)

Conforme foi combinado na aula anterior, a professora estagiária recebeu os alunos na sala de multimídia II e logo no início cumprimentou os alunos e fez a chamada. Em seguida todos assistiram ao filme e no final da aula a estagiária

novamente destacou a importância de todos estarem presentes na próxima aula para assistirem a continuação do filme.

7ª e 8ª aula - Sexta-feira (03/06/2016)

As aulas desta data foram concomitantes com as professoras estagiárias Graciela e Vanessa e aconteceram na sala de multimídia, onde os alunos assistiram o final do filme “Capitães da Areia”, de Jorge Amado.

9ª e 10ª aula - Quarta-feira (08/06/2016)

A professora estagiária Vanessa cumprimentou os alunos, fez a chamada e abriu uma discussão sobre a obra/filme "Capitães da Areia". Logo após ela discorreu sobre o produto final do estágio de docência, o fotolivro, lembrando aos alunos que dia 16/06 era o último dia para o envio da foto com a frase. Houve muitas dúvidas em relação à foto, pois quase todos os alunos focaram na temática central do menor abandonado. A professora estagiária explicou que a religião católica, o candomblé, a violência, o mar e outros aspectos da Bahia são temáticas desenvolvidas na obra e podem ser fonte de inspiração para as fotos. Depois a professora estagiária entregou um texto que aborda a questão das "Cinco Competências do ENEM" para o texto dissertativo-argumentativo e questionou se os alunos conheciam. A maioria relatou conhecer somente alguns pontos, tais como pontuação, introdução entre outros. Em seguida a professora estagiária Vanessa leu, explicou e discutiu a competência número um para o ENEM, depois na competência dois ela solicitou que algum aluno iniciasse a leitura. Dando sequência na aula a professora estagiária explicou o que é um texto dissertativo-argumentativo e pediu para outro aluno continuar a leitura sobre o que dizia e como estava conceituado o texto dissertativo-argumentativo.

No segundo período da aula, a estagiária Graciela dá continuidade no conteúdo sobre as competências do ENEM. Iniciou a leitura a partir da III competência e conforme fez a leitura, realizou interrupções e explicações acerca do conteúdo lido. Enfatizou na competência III que os alunos devem saber organizar suas ideias, buscar interpretar de forma clara as informações que tiverem e criar um argumento e um texto de forma coerente. Na competência IV, Graciela ressaltou a importância do uso de mecanismos linguísticos para a construção de um bom texto, lembrando sobre os parágrafos e sobre as referências que os alunos usarão nos textos para enriquecê-los. Ao

abordar a competência V, a estagiária deixou claro aos alunos que é uma característica do ENEM e não do texto dissertativo-argumentativo. Explicou sobre a proposta de intervenção que deve ser feita no texto, enfatizando o fato do respeito aos direitos humanos e de ser um proposta válida e que possa ser colocada em prática. Ao final, as estagiárias se despediram e enfatizaram o fato de todos estarem presentes na próxima aula para a escrita das produções textuais.

11ª e 12ª aula - Sexta-feira (10/06/2016)

As aulas desta data foram concomitantes com as professoras estagiárias Graciela e Vanessa, que cumprimentaram os alunos e fizeram a chamada. Logo após foram distribuídos os textos motivadores e a folha para a prova redação. Inicialmente haviam comparecido somente 15 alunos, mas ao longo da aula chegaram mais, totalizando 23 alunos. Apesar do lanche quente oferecido neste dia, na qual permitia a liberação dos alunos um pouco mais cedo, antes do final da aula, 12 deles ficaram até o fim para terminarem suas redações.

13ª aula - Quarta-feira (15/06/2016)

A aula iniciou com a coordenadora Elis solicitando alguns instantes para conversar com os alunos sobre a escolha do regente da turma. Foi realizada uma breve votação, mas nada ficou definido. Para não perder mais tempo da aula referente à análise linguística a professora estagiária Vanessa escreveu no quadro as palavras mais recorrentes com problemas na acentuação gráfica, verificadas nas produções textuais da turma. Enquanto isso a estagiária Graciela fez a chamada e distribuiu cópias do material didático. Em seguida a professora estagiária pediu aos alunos para identificarem a acentuação correta bem como o motivo dela, depois explicou possíveis dúvidas advindas desta atividade. Ao final as estagiárias se despediram dos alunos.

14ª e 15ª aula – Sexta-feira (17/06/2016)

A aula foi iniciada com a estagiária Graciela explicando que as aulas seriam utilizadas para a reescrita das produções textuais, conforme as intervenções feitas pelas professoras estagiárias. Em seguida, Graciela e Vanessa fizeram a devolução das redações e conforme os alunos tinham dúvidas, iam ajudando e contribuindo para a reescrita. Poucas alunas não haviam escrito a redação, então a estagiária Graciela disponibilizou para elas a folha de redação, juntamente com os textos motivadores, e

explicou o que deveria ser feito. Alguns alunos não estavam presentes na aula, pois estava havendo gincana na escola e os mesmos estavam jogando no horário das aulas. A professora Liliane estava presente na sala, e ajudou alguns alunos que possuíam dúvidas e questionavam para ela. Ao final as estagiárias recolheram as reescritas e se despediram dos alunos.

16ª aula - Quarta-feira (22/06/2016)

A estagiária Vanessa iniciou a aula cumprimentando os alunos, em seguida explicou os critérios da avaliação, depois foram entregues as produções textuais com a nota da reescrita. Todos os questionamentos referentes à questão das notas foram discriminados e esclarecidos individualmente para os alunos.

O produto final do projeto de docência, o foto livro, foi mostrado pela estagiária e posto à disposição para todos os alunos.

Ao final, as estagiárias perguntaram aos alunos a opinião deles em relação à prática docente aplicada com a turma, ficando felizes com as observações positivas das aulas ministradas por elas. Foram distribuídos chocolates para os alunos antes dos agradecimentos e fotos.

1.3.2. Reflexão sobre a prática pedagógica no projeto docente

Na experiência pedagógica do Estágio Supervisionado II, oportunamente conseguimos consolidar nosso projeto docente com as necessidades dos alunos, pois desenvolvemos atividades que foram de encontro com o conhecimento de mundo vivenciados por eles, despertando gradativamente o seu interesse e conseqüentemente à vontade para a realização das propostas apresentadas, respeitando assim a autonomia dos alunos, além disso consideramos o conteúdo curricular da turma previsto para o bimestre. Todavia, isso não aconteceu por acaso, foi um conjunto de práticas que envolveram as várias etapas do estágio que compreendem: o período de observação; os questionários elaborados e aplicados na comunidade escolar; o tempo para fazer o projeto docente e o planejamento das aulas, além das orientações da professora doutora Isabel Monguilhott.

Com todos esses pressupostos buscamos soluções e estratégias para realizarmos a prática docente almejando alcançar os melhores resultados, e as conquistas percebidas

superaram as nossas expectativas. Vale ressaltar que entre as atividades propostas o filme "Capitães da Areia" de Jorge Amado, assistido na escola com os alunos contribuiu para enriquecer as discussões em sala de aula, pois abordou questões que fazem parte do cotidiano deles, tais como sexo na adolescência, o poder econômico, o menor abandonado, religião e política, agregando valores sociais e culturais. Os alunos tiveram a oportunidade de se posicionarem sobre a obra trabalhada, com atividades que envolveram discussões acerca de temas que perpassam a vida contemporânea, instigando os alunos a perceberem que os problemas sociais que afligiam nosso país no passado ainda fazem parte do nosso presente. A obra de Jorge Amado é uma produção literária que se reinventa a cada instante, o que favoreceu nosso trabalho com os alunos e nos fez pensar que alguns lerão a obra na íntegra, desconstruindo o mito que a literatura é algo difícil e indecifrável.

Em relação à proposta de ensino aprendizagem da redação com base nas cinco competências do ENEM interessa destacar que muitos alunos apresentaram dificuldades no processo de escrita e desconheciam os critérios pertinentes de avaliação. Mas, a partir dos esclarecimentos referentes as cinco competências do ENEM, das nossas intervenções e da reescrita as produções textuais dos alunos, em sua maioria atingiram uma organização compatível com as exigências do ENEM, o que nos deixou satisfeitas com o desempenho geral da turma.

Na posição de estagiárias professoras, buscamos promover aulas interativas, participativas e significativas, proporcionando maior liberdade aos alunos para se expressarem, opinarem e refletirem, sobre todas as atividades desenvolvidas, criando um vínculo com eles, sem estabelecer uma hierarquia que coloca o professor num patamar distante do aluno.

É importante fazermos uma reflexão acerca do início do nosso estágio que começou com uma turma no período de observação, relativamente numerosa e agitada o que nos instigou a pensar nas possíveis dificuldades para nossa prática docente, contudo, a equipe pedagógica da escola desmembrou as turmas do terceiro ano, diminuindo consideravelmente o contingente de alunos. Isso proporcionou no decorrer das aulas práticas uma aproximação das estagiárias professoras com os alunos, favorecendo o desenvolvimento do nosso projeto de docência bem como o planejamento das aulas e nosso produto final, sendo importante para a conclusão do nosso estágio.

A partir desse processo de ensino aprendizagem que realizamos, deixamos de

exercer o papel de alunas, sendo promovidas temporariamente ao papel de professoras, e nesse percurso prático do estágio, optamos por prestigiar a palavra do aluno e seus conhecimentos de mundo, compartilhando leituras, discussões e instigando o desenvolvimento de seu potencial como sujeito ativo, reflexivo, dialógico, interativo. Assim, conseguimos nos aproximar dos alunos e ao final ouvimos suas opiniões sobre nossa proposta de ensino, obtendo a aprovação daqueles que se manifestaram. Dessa forma, concluímos a etapa do estágio prático com a confecção do produto final, uma foto livro que traduz a nossa sensação de dever cumprido.

2. DOCÊNCIA NO PROJETO EXTRACLASSE

2.1. O PROJETO EXTRACLASSE MAPEANDO AS OBRAS DO VESTIBULAR DA UFSC

2.1.1. Apresentação

Este projeto faz parte da disciplina Estágio Supervisionado no Ensino de Língua Portuguesa e Literaturas II (MEN7002). Seu objetivo é promover atividades cujo conteúdo contemple os temas trabalhados na disciplina de Língua Portuguesa (LP) presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), com a peculiaridade de realizar atividades que promovam a integração e a participação, fora da sala de aula, dos alunos de terceiro ano do ensino médio.

As estagiárias desenvolvem suas atividades na Escola de Educação Básica Maria José Barbosa Vieira - CEMAJOBA, localizada no bairro Praia Comprida, São José (SC), local este que o projeto será realizado. O projeto visa dar prioridade aos alunos que estão no último ano da educação básica (terceiro ano do ensino médio), focando no ENEM e nos vestibulares, nos dias 09, 16 e 23 de junho (quintas-feiras), com carga horária total de 12 horas.

A ideia central do projeto é instigar os alunos a leitura na íntegra das obras do vestibular propostos pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e dentre as oito obras disponibilizadas quatro serão trabalhadas no projeto, são elas:

- Auto da Compadecida;
- Vitória Valentina;

- Além do ponto e outros contos;
- Quarenta dias.

No que concerne à leitura e oralidade, serão dados aos alunos trechos das obras para que a leitura possa ser feita em voz alta, com pausas para possíveis discussões e dúvidas. O campo da escrita será mais aprofundado, já que o projeto visa auxiliar o aluno na compreensão e reflexão das obras através de mapas conceituais.

O projeto culmina com a aplicação de um simulado, com base nas questões dos vestibulares, para que o aluno possa se familiarizar com o estilo de pergunta e opções de respostas, cujo tema será as obras trabalhadas.

O intuito é dar opções para os alunos de como podem fazer para tornarem as leituras e assimilações das obras mais fáceis, enfatizando que o método de mapas conceituais pode ser utilizado com qualquer conteúdo a ser estudado e não somente com a literatura.

2.1.2. Justificativa

A escolha do tema para trabalhar no projeto extraclasse partiu dos questionários socioculturais, onde a maioria dos alunos assinalou como preferência, numa possível Oficina de Língua Portuguesa, temas relacionados ao ENEM e vestibulares.

Sabendo da importância da literatura na vida escolar do aluno, consideramos ser adequado trabalhar as obras do vestibular da UFSC, trazendo para os alunos uma forma mais efetiva de estudo e de organização de conteúdo. Como seria inviável trabalhar as obras na íntegra devido ao curto espaço de tempo, a intenção é despertar a curiosidade nos alunos para que os mesmos leiam as obras completas. Ressaltaremos que a conexão de ideias existentes nos mapas conceituais auxiliará o aluno na reflexão e assimilação dos principais tópicos a serem abordados nas obras e ficará disponível para o aluno consultar sempre que houver dúvidas ou até mesmo para uma breve revisão, no entanto para confeccionar mapas conceituais eficientes é necessária a leitura na íntegra, para uma melhor organização das ideias existentes nas obras.

As obras escolhidas para o projeto são: Auto da Compadecida, de Ariano Suassuna; Vitória Valentina, de Elvira Vigna; Além do ponto e outros contos, de Caio Fernando de Abreu; e Quarenta dias, de Maria Valéria Rezende. As obras foram escolhidas de forma que todas se distinguíssem, sendo a primeira acima citada uma peça

teatral, seguindo a respectiva ordem uma história contada em HQ (história em quadrinhos), um livro de contos e por fim, um romance.

O processo de ler e motivar o aluno a fazê-lo é um trabalho que constitui o projeto extraclasse como mediador dessa leitura, e a escolha do tema adequado deve proporcionar maior interesse aos alunos, facilitando o desenvolvimento das atividades e auxiliando os alunos em seus posteriores estudos.

2.1.3. Reflexão teórica

A. Literatura: um bem necessário

A proposta de trabalho desenvolvida com a literatura no projeto extraclasse apoia-se inicialmente em Antônio Cândido, no texto *O Direito à literatura*, em que o autor defende e justifica a importância da literatura para o homem

Alterando um conceito de Otto Ranke sobre o mito, podemos dizer que a literatura é o sonho acordado das civilizações. Portanto, assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. Deste modo, ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente. (CANDIDO, 1995, p. 242-243)

A literatura, por ser discurso de natureza menos pragmática, leva ao extremo as possibilidades de utilização da linguagem; transcende o usual; e, além de exercitar a noção de liberdade do indivíduo, reintegra a noção de arte ao contexto social. O processo de letramento por meio da literatura é uma possibilidade para o aluno tomar para si um direito essencial, pois a arte – a literatura naturalmente inclusa aí – é meio de humanização e contribui a produção de pensamentos críticos e autonomia intelectual. Essa reflexão coincide com a proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que enfatizam a fruição literária como indispensável para a apropriação desse mesmo direito, criticando a leitura descontextualizada e o contato superficial com as obras literárias – o texto como pretexto, não como ferramenta de cidadania. Assim a prática de leitura deve estimular processos cognitivos, tais como: pensar, imaginar, lembrar, pressupondo novos conhecimentos e relações com o mundo, sendo indispensáveis para a formação de leitores. E de acordo com os PCNs (1998, p.71) "Formar leitores é algo que requer condições favoráveis, não só em relação aos recursos materiais disponíveis,

mas, principalmente, em relação ao uso que se faz deles nas práticas de leitura". Para isso o professor em consonância com a escola precisa buscar métodos, técnicas e condições que favoreçam, estimulem e motivem os alunos a lerem livros de literatura e desenvolvam o gosto pela leitura, bem como conheçam os diversos gêneros textuais e suas funções.

A literatura passou por várias transformações ao longo dos tempos, tendo como finalidade desde a instrução moral até, segundo Colomer (2007, p. 17), ser “[...] o aprendizado prático para criar discursos orais e escritos.”. Ou seja, a ficção inserida nas páginas dos livros é indispensável para a humanização, para seu reconhecimento numa sociedade em que a interação é o eixo norteador da comunicação. Colomer (2007, p. 20) ainda afirma que “[...] as disciplinas que compõem a área das ‘humanidades’ sempre sustentaram que a contribuição da literatura na construção social do indivíduo e da coletividade não apenas é essencial, mas simplesmente inevitável.”. Antônio Cândido busca ainda conceituar o que seria essa humanização, segundo o autor:

[...] humanização [...] **o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor.** A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (1995, p. 249, grifo nosso)

A ideia do autor sucinta que a literatura nos socializa e conseqüentemente nos torna mais sensíveis para considerarmos a beleza do mundo. Quem lê vive, conhece o bem e o mal, experimenta.

A leitura está associada a um ato de transformação social, baseada na interação entre escritor e leitor. O discurso – conhecimentos adquiridos por indivíduos enquanto sujeitos sociais – entre o enunciador e o receptor (leitor), com base nos estudos de Bakhtin (2003), promove uma maior proximidade entre a língua e a sociedade. O enunciado pode ser compreendido como uma unidade da comunicação verbal. Com base em Bakhtin (2006), a comunicação verbal permite a ampliação da visão de mundo, de conhecimentos e de interação. A materialidade da comunicação verbal, o enunciado, é o que determina a formação ideológica do indivíduo. O sujeito posiciona-se por estar inserido numa formação ideológica. A literatura, desse modo, cumpre o papel de inclusão e transformação social.

Então pensando no terceiro ano do ensino médio e na questão da leitura literária

na escola, em geral, mais utilizada como ilustração do cronograma a ser desenvolvido pelo docente ou como instrumento para interpretação de textos, buscamos fazer o encontro do aluno com a literatura com um trabalho diferente da proposta pedagógica tradicional - com foco no vestibular. Nesse sentido e considerando o curto espaço de tempo para a realização do projeto extraclasse, buscamos uma estratégia facilitadora para uma aprendizagem significativa que contemplassem os principais aspectos de quatro obras literárias (Auto da Compadecida; Além do ponto e outros contos; Vitória Valentina e Quarenta dias) - são os Mapas Conceituais.

B. Gêneros discursivos

Os gêneros do discurso são os principais recursos disponibilizados na prática de ensino-aprendizagem em sala de aula. É por meio deles que ampliamos nossos conhecimentos e visão de mundo, construindo significados a partir da articulação entre as várias linguagens. Bakhtin em sua obra “Estética da criação verbal” defende que a língua se materializa em enunciados, sejam eles orais ou escritos. Seguindo essa linha de pensamento o autor assume o ponto de vista segundo o qual, “Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso.” (BAKHTIN, 2011, p. 264)

Sabemos que por meio do uso da língua estabelecemos relações sociais em diferentes esferas, e a escola tem papel fundamental para que o aluno possa aprender a pensar e transitar nas diferentes esferas, considerando que nós falamos e nos comunicamos através dos gêneros, com infinitas possibilidades, que crescem ou se modificam bem como as esferas de atividades humanas. Podemos exemplificar essas práticas que já mudaram em sintonia com as atividades humanas, pensando nos gêneros cartas ou telegramas que foram, digamos assim, substituídos pelos fax, e-mails, sms, entre outros gêneros. No entanto, é importante o aluno desenvolver as habilidades de leitura e escrita para responder as exigências da nossa sociedade, pois saber ler e escrever não é suficiente. O foco do professor é a compreensão do contexto da leitura, associando-o com os novos conhecimentos, respeitando, é claro, o ritmo de aprendizagem de cada aluno, com estratégias que contemplem essas diferenças, porque o ato de ler é uma tarefa mental complexa, que exige do leitor uma visão mais ampla e

envolvem outros gêneros. Nesse contexto interessa abordar novamente o estudo realizado por Bakhtin que compartilha a ideia de que

Aqui é de especial importância atentar para a diferença essencial entre os gêneros discursivos primários (simples) e secundários (complexos – romances, dramas, pesquisas científicas de toda espécie, os grandes gêneros publicísticos, etc) surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) – artístico, científico, sociopolítico, etc. (BAKHTIN, 2011, p. 261)

Nota-se que a raiz dos gêneros secundários sempre esteve presente, inseridos nos gêneros primários, e isso implica na necessidade do aluno de se apropriar da linguagem que muitas vezes conhecem, mas não fazem uso e da linguagem que ainda não conhecem e que podem usar, ultrapassando seus próprios limites.

C. Mapas Conceituais

Considerando o trabalho com os mapas conceituais ser uma sistematização para uma aprendizagem a ser desenvolvida com os alunos do terceiro ano do ensino médio e as obras do vestibular, faz-se necessário encontrar fundamentos teóricos que norteiem as aulas de literatura.

Inicialmente interessa saber o que é um mapa conceitual

Mapas conceituais são ferramentas gráficas para organizar e representar o conhecimento. Incluem conceitos, geralmente fechados em círculos ou caixas de algum tipo, e as relações entre os conceitos são indicados por uma linha de conexão que os liga. (http://sis.posugf.com.br/AreaProfessor/Materiais/Arquivos_1/22594.pdf)

A característica fundamental desta estratégia didática é a forma visual gráfica utilizada para a organização de informações, em geral, figuras geométricas contendo conceitos ou palavras de maneira hierarquizada mantendo uma relação de significações. Por ser um método flexível, o mapa conceitual, destina-se a vários fins educativos, tais como: recurso para aprendizagem, avaliação, trabalhos, entre outros. Num primeiro momento os mapas conceituais devem proporcionar uma discussão acerca de relações significativas trabalhadas em aula, para que o processo de aprendizagem por assimilação de novos conceitos/conteúdos seja efetivada/estimulada no aluno. Partindo

desse pressuposto cabe ao docente interpretar as informações evidenciadas pelo aluno no mapa constatando a ocorrência de uma aprendizagem significativa. Contudo, sendo as obras literárias que integram o vestibular 2017 o objeto desse estudo, é necessário primeiro estudá-las, analisá-las e compreendê-las, identificando as possíveis dificuldades de leitura. Sabendo que:

O primeiro passo para a formação do hábito de leitura é a oferta de livros próximos à realidade do leitor, que levantem questões significativas para ele. A literatura brasileira e a literatura infanto-juvenil nacionais vêm preencher estes quesitos ao fornecerem textos diante dos quais o aluno facilmente se situa, pela linguagem, pelo ambiente, pelos caracteres das personagens, pelos problemas colocados. (AGUIAR, 1993, p. 18).

Nesse contexto as obras de literatura brasileira selecionadas para o estudo favorecem o processo de ensino-aprendizagem, apesar do tempo limitado para isso. Logo, na busca de compreensão de uma obra devemos pressupor que toda a leitura reescreve o texto, por isso ela não se fixa no texto, assim:

Os sentidos não se esgotam no plano meramente conceitual. A fruição plena do texto literário se dá na concretização estética das significações. A medida que o sujeito lê a obra literária, vai construindo imagens que se interligam e se completam e também se modificam - apoiado nas pistas verbais fornecidas pelo escritor e nos conteúdos de sua consciência, não só intelectuais, mas também emocionais e volitivos, que sua experiência vital determinou. (AGUIAR, 1993, p. 17)

Nessa perspectiva, enquanto mediadoras intencionamos que o aluno consiga criar um mapa conceitual literário apropriado a cada obra estudada, fazendo relações com a construção das imagens e os sentidos que a leitura oferece. A literatura "funciona como um jogo em torno da linguagem, das ideias e das formas, sem estar subordinada a um objetivo prático imediato" (AGUIAR, 1993, p.26). Assim, de forma dinâmica, o ato de ler propicia a assimilação de diferentes significados e conhecimentos que serão registrados e organizados em mapas conceituais, formando um corpus de informações pertinentes à determinada obra lida. Assim instigamos o aluno a compreender a literatura como um exercício de liberdade - poder de usar a palavra em diversos contextos - e não como uma prática desagradável. Sobre o tema Colomermenciona: "Vygotksy havia assinalado que o jogo e a linguagem representam os mais fundamentais desígnios humanos para transcender o aqui e agora e construir os modelos

simbólicos que permitam compreender a realidade" (COLOMER, 2007, p. 27), lembrando que é pela linguagem que o homem se constitui. Seguindo essa ideia cabe introduzir a questão das atividades epilinguísticas (atividade interacionais, reflexão sobre o uso de recursos linguísticos) e atividades metalinguísticas (linguagem como interação, descrição e reflexão sobre os aspectos linguísticos), destacadas nas Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM), que conduzem a uma reflexão acerca das ações com a linguagem e as ações sobre a linguagem, ou seja, um trabalho paralelo com a língua escrita e oral.

As propostas de ensino aprendizagem elaboradas se apresentam, sem dúvida, como um desafio para nós, futuras docentes, pois estão longe de uma didática convencional e pressupõem que os alunos não a conheçam, causando estranhamento. Contudo, a possibilidade da proposta ser vista como um jogo, de forma lúdica, pode instigar o aluno a efetiva participação e colaboração das atividades, ampliando as possibilidades de eficiência da proposta.

2.1.4. Objetivos

Objetivo Geral

Estimular os alunos a leitura das obras do vestibular na íntegra, bem como proporcionar a maneira de como as ideias que perpassam as obras podem ser organizadas, através dos mapas conceituais.

Objetivo Específico

- Instigar a leitura na íntegra das obras do vestibular, bem como despertar no aluno o interesse pela literatura e para a própria leitura;
- Proporcionar um método de sistematizar os conteúdos, de forma que fiquem organizados e disponíveis, sendo mais fácil assimilar as informações e consultá-las posteriormente;
- Possibilitar a ressignificação da leitura, estimulando os estudantes a se expressarem criativamente, por meio da confecção de mapas conceituais;
- Ampliar a capacidade interpretativa dos discentes, bem como estimular a autonomia de suas compreensões;
- Demonstrar, através do simulado, como as questões relacionadas às obras são apresentadas no vestibular.

2.1.5. Metodologia

Este projeto extraclasse se dá em três encontros. Nos dois primeiros são realizadas atividades relacionadas à apresentação das obras, bem como a produção de mapas conceituais. As atividades compreendem os eixos de leitura, oralidade e escrita. Dentro desses eixos, cabem subdivisões das quais integram: leitura do trecho selecionado das obras, discussões acerca dos principais temas tratados em cada livro e elaboração e confecção dos mapas conceituais relacionados às obras estudadas. O terceiro encontro diz respeito à aplicação de um simulado, cujo tema é as obras em questão.

De acordo com o cronograma estabelecido, o primeiro encontro compreenderá a apresentação do projeto extraclasse, para explicitar os conteúdos e objetivos pretendidos, informando também o cronograma que será seguido, além de salientar a aplicação do simulado no último encontro. De acordo com a ordem das obras a serem trabalhadas, será feita a leitura dos trechos previamente selecionados das obras. A intenção de promover essa leitura é despertar no aluno a curiosidade, para a possível leitura das obras na íntegra. Durante essa leitura, caberão pausas para discussões e explicações. E por fim, a confecção dos mapas conceituais, as estagiárias, através do quadro, explicarão como produziram seus mapas mentais e os alunos em seguida, terão a liberdade e autonomia de produzirem os seus próprios mapas mentais, de acordo com suas interpretações acerca dos conteúdos estudados.

No segundo encontro será repetido o que for feito no primeiro encontro, no entanto com alunos e as obras diferentes. Ou seja, no primeiro encontro serão trabalhadas as obras: Auto da Compadecida e Além do ponto e outros contos, sendo a estagiária Vanessa Inácio a responsável pelo encontro. No segundo encontro serão trabalhadas as obras: Vitória Valentina e Quarenta dias, sendo a estagiária Graciela MassironiCarus a responsável pelas aulas. O terceiro e último encontro, será a aplicação do simulado, que contemplará questões relacionadas às obras estudadas, levando em consideração o estilo de questões aplicadas no vestibular. Ambas estagiárias serão responsáveis pelo encontro.

Primeiro encontro, dia 09 de junho de 2016.

- Apresentação do projeto extraclasse e das obras a serem trabalhadas;
- Distribuição dos trechos e do material produzido a respeito das obras;

- Leitura dos trechos e possíveis debates;
- Demonstração da confecção de mapas conceituais;
- Produção dos mapas conceituais pelos alunos.

Segundo encontro, dia 16 de junho de 2016.

- Apresentação do projeto extraclasse e das obras a serem trabalhadas;
- Distribuição dos trechos e do material produzido a respeito das obras;
- Leitura dos trechos e possíveis debates;
- Demonstração da confecção de mapas conceituais;
- Produção dos mapas conceituais pelos alunos.

Terceiro encontro, dia 23 de junho de 2016.

- Aplicação do simulado referente às obras estudadas.

2.1.6. Cronograma

Data e horário	Descrição das atividades
09/06/2016 Das 18h45min às 21h35min	Apresentação do projeto e das obras que serão trabalhadas; Leitura dos trechos das obras; Discussões e explicações; Confecção dos mapas conceituais.
16/06/2016 Das 18h45min às 21h35min	Apresentação do projeto e das obras que serão trabalhadas; Leitura dos trechos das obras; Discussões e explicações; Confecção dos mapas conceituais.
23/06/2016 Das 18h45min às 21h35min	Simulado com questões referentes às obras do vestibular estudadas.

2.1.7. Recursos

- Livros das obras do vestibular;

- Fotocópias dos tópicos principais abordados nas obras;
- Fotocópias dos trechos que serão lidos;
- Fotocópias dos mapas conceituais;
- Fotocópias do simulado;
- Quadro branco;
- Caneta para quadro;
- Folhas brancas;
- Lápis de cor;
- Canetas esferográficas.

2.1.8. Avaliação

A avaliação das atividades consiste na participação efetiva dos alunos e seu envolvimento, portanto: se participaram questionando, discutindo a respeito das obras e produzindo os mapas conceituais. É importante ressaltar que tal avaliação não é quantitativa, o aluno receberá somente a nota referente ao simulado que participará.

2.1.9. Planos de aula

PRIMEIRO ENCONTRO

1 – Dados de identificação

Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II

Escola: Escola de Educação Básica Maria José Barbosa Vieira

Professoras Regentes: Liliane Zonta e Márcia Madalena Kovalek

Estagiária: Vanessa Custódia Inácio

Disciplina: Língua Portuguesa

Nível de ensino: Médio

Ano escolar: 3º ano

Data: 09/06/2016 (quinta-feira)

Horário: 18h45min às 21h35min

Supervisora: Isabel Monguilhott

Tema: Obras do vestibular e mapas conceituais

2 – Proposta de aula

2.1 – Objetivo geral: Apresentar o projeto de docência extraclasse para os alunos, bem como introduzir a reflexão sobre os principais tópicos abordados nas duas obras do vestibular escolhidas para trabalhar e exemplificar a confecção de mapas conceituais.

2.2 – Objetivos específicos

- Situar o aluno acerca do projeto de docência extraclasse elaborado pelas estagiárias;
- Mediar através da leitura à aproximação dos alunos com os autores: Ariano Suassuna e Caio Fernando de Abreu;
- Oportunizar o contato dos alunos com o texto literário de diferentes gêneros;
- Possibilitar a escrita criativa e interpretativa por meio da atividade da confecção de mapas conceituais.

2.3 – Conhecimentos abordados: Leitura e interpretação; Gêneros textuais; Criatividade e compreensão para a confecção dos mapas conceituais.

3 – Metodologia

Inicialmente será feita a apresentação das estagiárias e em seguida explicarão como sucederá o projeto extraclasse. Ressaltarão que dentre as oito obras escolhidas para o vestibular da UFSC, quatro delas serão contempladas pelo projeto. Posteriormente as estagiárias mostrarão os livros para os alunos, e darão início à explicação e abertura para discussões e dúvidas a respeito das obras. A ordem a ser seguida para explicação será: Além do ponto e outros contos e Auto da Compadecida. As estagiárias distribuirão para os alunos fotocópias com um material acerca das obras, os mapas conceituais já feitos da obra Além do ponto e outros contos e fotocópias dos trechos selecionados de cada obra.

Após a distribuição, a estagiária responsável pela aula iniciará discorrendo sobre a obra de Caio Fernando de Abreu, explicando algumas características da obra para situar os alunos. Em seguida solicitará a alguns alunos que façam a leitura do trecho selecionado em voz alta, para que todos acompanhem. Continuará fazendo a explicação

da obra, ressaltando os principais tópicos abordados, personagens, contexto histórico, gênero textual, etc. e buscando interagir com os alunos, provocando discussões.

Ao final, a estagiária explicará com o auxílio do quadro, a confecção do mapa conceitual acerca da obra *Além do ponto e outros contos*, demonstrando aos alunos como a organização das ideias presentes na obra pode ficar de forma clara para posteriores consultas. Esclarecerá possíveis dúvidas e solicitará aos alunos que cada um faça o seu próprio mapa conceitual, após a explicação da obra *Auto da Compadecida*. Novamente será feita a leitura do trecho da obra, discutido e serão explicados os principais tópicos do livro. Será solicitado então aos alunos que iniciem a confecção dos seus mapas conceituais e será enfatizado que para que os alunos tenham um melhor rendimento deverão realizar a leitura das obras na íntegra. As estagiárias distribuirão folhas brancas e disponibilizarão lápis de cor e canetas esferográficas para a confecção dos mapas conceituais. Durante a confecção, as estagiárias percorrerão a sala, auxiliando os alunos no que for necessário.

Ao final, passarão uma lista para que os presentes assinem seus nomes e enfatizarão o simulado que haverá referente às obras estudadas. Agradecem e se despedem. O mesmo será feito nas duas próximas aulas, com diferentes alunos.

4 – Recursos necessários

- Livros: *Auto da Compadecida* e *Além do ponto e outros contos*;
- Fotocópias dos tópicos principais abordados nas obras;
- Fotocópias dos trechos que serão feitos a leitura;
- Fotocópias do mapa conceitual de *Além do ponto e outros contos*;
- Quadro branco;
- Caneta para quadro;
- Folhas brancas;
- Lápis de cor;
- Canetas esferográficas.

5 – Avaliação

Nesse encontro, é avaliado o interesse do aluno e seu empenho em participar das leituras, discussões e atividades propostas. O processo de confecção dos mapas conceituais também será levado em consideração.

6 – Referências

ABREU, Caio Fernando. Além do ponto e outros contos. 1ª Ed. São Paulo: Ática, 2010.
Disponível em: <http://www.guroo.com.br/wp-content/uploads/2014/03/Al%C3%A9m-do-Ponto-e-Outros-Contos.pdf> Acessado em Maio/2016.

SUASSUNA, Ariano. Auto da compadecida. 1ª Ed. Recife: Agir, 1955.

Disponível em: <http://lelivros.online/book/auto-da-compadecida-ariano-suassuna/>
Acessado em Maio/2016.

7 – Anexos

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II
Professora orientadora: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott
Estagiárias: Graciela MassironiCarus e Vanessa Custódia Inácio

ALÉM DO PONTO E OUTROS CONTOS – Caio Fernando de Abreu⁴

A solidão, o desespero, a desilusão, o afeto inesperado... Caio Fernando Abreu trabalha, em seus contos, os impasses vividos por uma geração que sofreu muito, mas que também amou muito. Criador de uma literatura corajosa, o autor enfrentou os estigmas de seu tempo e fez uso de uma linguagem que mistura prosa e poesia, rompendo com os padrões. Construções ideológicas inovadoras combinam-se a inovações estéticas e dão o toque essencial da literatura desse grande escritor. Dentre os diversos aspectos que se destacam nas 15 histórias desta antologia, temos a problemática do isolamento do indivíduo em face de uma realidade estranha e alheia aos seus sentimentos. Seus personagens operam tentativas de criar uma nova realidade, que dê vazão ao seu mundo interior - tentativas efêmeras, frustradas, em vão. Às vezes, nas relações afetivas se estabelecem o isolamento e a incomunicabilidade: a palavra não dita na partida; o par que sofre rejeição de colegas por serem homossexuais; o casal que já não tem mais o

⁴ Texto retirado na íntegra da referência abaixo:

Disponível em: <http://diariodeumablogueira.blogspot.com.br/2015/08/resenha-alem-do-ponto-e-outros-contos.html> Acessado em Junho/2016.

que dizer; o rapaz adoentado que tenta se abrir com a mãe sobre sua sexualidade e suas angústias e não consegue; a relação trágica de uma solitária menina com seu gato de estimação; os desencontros em uma grande cidade. Por vezes, a solidão traz lembranças ternas e tristes; noutras, faz com que se perceba a sensaboria de uma comemoração - ou vai ainda mais longe, e leva à percepção da própria miséria física e moral.

Crítica

Além do Ponto e Outros Contos é uma antologia de contos do escritor Caio Fernando Abreu, na qual ele explora muito bem os sentimentos humanos, transformando-os no personagem principal dos seus contos. Quem já leu qualquer conto desse escritor concordará ao dizer que eles parecem mais crônicas, porque eles conseguem causar reflexões e retratam o cotidiano das pessoas, às vezes consegue até criticar, mas a característica mais comum de todos é o final não-feliz.

Alguns contos possuem uma leitura pesada e lenta, mas passam longe de serem ruins. Outros contos como "Retratos" não conseguem ser entendidos de primeira, o que faz o leitor refletir sobre o mesmo e fazê-lo ficar na cabeça. Já "Os Dois" mostra uma visão a frente da época para o autor, ao tratar um tema relativamente polêmico de um jeito leve e simples.

Os contos são marcados pela introspecção, os personagens principais são os sentimentos, a descrição é feita em cima do que o personagem está sentindo, do cenário só se sabe o extremamente necessário, o que acaba lhe pondo na pele do protagonista e fazendo sentir tudo o que ele sente, tornando contos como "O Holocausto" – aterrorizantes.

Contos da obra Além do ponto e outros contos -Caio Fernando de Abreu

RETRATOS (p. 88)

Sábado:

Nunca havia reparado nele antes. Na verdade, não tem nada que o diferencie dos demais. As mesmas roupas coloridas, os mesmos cabelos enormes, o mesmo ar sujo e drogado. Nunca os vira de perto como hoje. Da janela do apartamento eles pareciam formar uma única massa ao mesmo tempo colorida e incolor. Isso não me interessava. Nem me irritava. Mesmo assim cheguei a assinar uma circular dos moradores do prédio pedindo que eles se retirassem dali. Mas não aconteceu nada. Falaram-me no elevador

que alguém muito importante deve protegê-los. Achei engraçado: parecem tão desprotegidos.

Creio que foi isso que me levou a descer até à praça hoje à tarde. Sim, deve ter sido. Não achei nada de estranho neles, nada daquilo que a circular dizia. Só estavam ali, de um jeito que não me ofendia. Um deles sorriu e me fez o retrato. Era como os outros, exatamente como os outros, a única coisa um pouco diferente era aquele colar com uma caveira. Todos usam colares, mas nenhum tem caveira. Uma pequena caveira. O retrato está bom. Não entendo nada de retratos, mas acho que está bom. Vou mandar colocar uma moldura e pregar no corredor de entrada.

Domingo:

Saí para comprar o jornal e encontrei com ele. Perguntou se eu queria fazer outro retrato. Eu disse: *já tenho um, para que outro?* Ele sorriu com uns dentes claros: *faça um por dia, assim o senhor saberá como é seu rosto durante toda a semana.* Achei engraçado. *Você farásete, então* - eu disse. Ele disse: *sete é um número mágico, fareisete.* Pediu que eu sentasse no banco de cimento e começou a riscar. Observei-o enquanto desenhava. Na verdade, ele não se parece com os outros: está sempre sozinho e tem uma expressão concentrada. De vez em quando erguia os olhos e sorria para mim. Achei estranho porque nunca ninguém sorriu para mim – nunca ninguém sorriu para mim daquele jeito, quero dizer. A mão dele é muito fina, meio azulada. Quando desenha, tem uns movimentos rápidos. Quando não desenha fica parada. Às vezes chega a ficar parada no ar. É tão estranho. Nunca vi ninguém ficar durante tanto tempo com a mão parada no ar.

Enquanto ele desenhava, eu sentia vergonha – estava de terno, aquele terno velho que uso aos domingos, e gravata. Também não tinha feito a barba. A garrafa de leite pesava na minha mão, o jornal começava a manchar as calças de tinta. Por um momento senti vontade de sentar no chão, como eles. Creio que achariam ridículo. Me contive até que terminasse. Quando estendeu a folha eu não pude me conter e disse que tinha gostado mais do de ontem. Ele riu: *sinal que no sábado seu rosto é melhor que no domingo.* Paguei e vim embora. O de hoje está ao lado do de ontem. Pareço mais velho, mais preocupado, embora os traços sejam os mesmos. Amanhã perguntarei seu nome.

Segunda-feira:

Tinha me esquecido dele até a hora de voltar para casa. Trabalhei muito o dia inteiro. Voltei cansado, com vontade de tomar banho e dormir. Ele me encontrou na porta do edifício. O *nosso trato*, disse. Eu disse *ah, sim*, e acompanhei-o até a praça. Ele caminha devagar, não parece perigoso como os outros. Não sei exatamente o que, mas existe nele qualquer coisa muito diferente. Às vezes penso que vai ter uma tontura e cair. É quando fecha os olhos comprimindo uma das mãos contra a cabeça. Acho que sente fome. Pensei em convidá-lo para comer comigo, mas desisti. Os vizinhos não gostariam. Nem o porteiro. Além disso, o apartamento é muito pequeno e está sempre desarrumado porque a empregada só vem uma vez por semana. Anda sempre descalço, tem os pés finos como as mãos. Parece pisar sobre folhas, não sei explicar, não existem folhas na praça. Não agora, só no outono. As unhas são transparentes. E limpas.

Quando estava terminando de desenhar, perguntei o seu nome. O *meu nome não são letras nem sons* - ele disse -, *o meu nome é tudo o que eu sou*. Quis perguntar que nome era, mas não houve tempo, ele já me estendia a folha de papel. Paguei e não olhei. Só vim olhar aqui em cima. Fiquei perturbado: não estou mais moço como ontem e anteontem. A cara que ele desenhou é a mesma que vejo naquele espelho da portaria que sempre achei que deforma as pessoas. Coloquei o papel em cima da mesa, ao lado dos outros. Depois achei melhor pregar na parede do quarto, em frente à cama. Espiei pela janela, mas não consegui distingui-lo no meio dos outros.

Terça-feira:

Quando saí, pela manhã, procurei por ele. Queria convidá-lo para tomar a média comigo no bar da esquina. Mas não o vi. Ontem à noite fez frio. Ouvi dizer que eles dormem na praia. De madrugada fiquei pensando nele, estendido na areia sobre aquele casaco militar puído que ele tem. Senti muita pena e não consegui dormir. Foi difícil trabalhar hoje. Percebi que a secretária tem as pernas peludas e o chefe está muito gordo. Sei que isso não tem importância, mas não consegui esquecer o tempo todo. De tardezinha, ele me esperou na esquina. Disse: *hoje é o quarto*. *Faltam três*, eu respondi. E senti um aperto por dentro. Tem uns olhos escuros que ficam fixos, parados num ponto, do mesmo jeito que as mãos no ar. A calça está rasgada no joelho. Nunca o vi falar com ninguém. Os outros ficam sempre em grupo, falando baixinho, olhando com desprezo para os de terno e gravata como eu. Ele está sempre sozinho. E não me olha com desprezo.

Terminou de desenhar e me ofereceu uma margarida junto com o papel. Eu nem tinha reparado que havia margaridas na praça. Para falar a verdade, acho que nunca tinha visto uma margarida bem de perto. Ela é redonda. Não exatamente redonda, quero dizer, o centro é redondo e as pétalas são compridas. O centro é amarelo, cheio de grãos. As pétalas são brancas. Coloquei num copo com água e um comprimido dissolvido dentro, disseram que faz a flor durar mais. O retrato é muito feio. Não que seja malfeito, mas é muito velho, tem uma expressão triste, cinzenta. Fiquei surpreso. Cheguei a sentir medo de me olhar no espelho. Depois olhei. Vi que é a minha cara mesmo. Acho que ele caprichou mais no primeiro porque não me conhecia: agora que sou freguês pode me retratar como realmente sou. Percebi que as vizinhas me observavam quando eu falava com ele.

Quarta-feira:

O dia custou a passar. São todos tão pesados no escritório que o tempo parece custar mais a passar. Logo que os ponteiros alcançaram as seis horas, apanhei o casaco e desci correndo as escadas. Esbarrei com o chefe no caminho. Percebi que ele caminha mal por causa dos pés inchados. Fiquei olhando para os pés dele: não parece pisar folhas. Na rua, vi uma vitrine cheia de colares, pensei que ele gostaria de um. Achei que seria bobagem, o mês está no fim, o dinheiro anda curto. Mas não me contive. Voltei e entrei na loja. A moça me olhou com uma cara estranha. *É para minha filha,* menti. Trouxe o embrulho pesando no bolso, com medo de que ele não estivesse na esquina. Estava. De longe o vi, muito magro e alto. Baixei a cabeça fingindo preocupação. Ia passando por ele, mas me segurou pelo braço. Segurou devagar. Mesmo assim senti apressão de seus dedos. Fazia frio. Perguntei a ele se não sentia frio. Disse: *não esse mesmo frio que o senhor sente.* Não entendi.

O desenho ficou muito feio. Coloquei-o na parede ao lado dos outros. Pareço cada dia mais velho. Acho que é porque não tenho dormido direito. Tenho olheiras escuras, a pele amarelada, as entradas afundam o cabelo. Apertei a mão dele. É muito fria. Faltam só dois. Descobri hoje que seus olhos não são completamente escuros. Têm pequenos pontos dourados nas pupilas. Como se fossem verdes. As vizinhas me observavam pelas janelas e falavam baixinho entre si. Pela primeira vez deixei de cumprimentá-las.

Quinta-feira:

Novamente não consegui dormir. Fiquei olhando os retratos na parede branca. É horrível a diferença entre eles, envelheço cada vez mais. Senti muito medo quando pensei no sétimo retrato. E fechei os olhos. Quando fechei os olhos julguei sentir na testa o mesmo contato frio de sua mão na minha, ontem à tarde. Um toque frio e ao mesmo tempo quente, ao mesmo tempo forte e ao mesmo tempo leve. De repente lembrei do que ele disse no dia em que me deu a margarida. *Flor e abismo. Ou seria: flor é abismo?* Não lembro. Sei que era isso. Não sei como tinha esquecido. Levantei para olhar a margarida. Continuava amarela e branca, redonda e longa.

O dia no escritório foi desesperador. Errei várias vezes nos cálculos. Fui grosseiro com a secretária quando ela me chamou a atenção. Ela ficou ofendida, foi fazer queixa ao chefe. Temi que ele me chamasse em sua sala, mas isso não aconteceu. Pretextei uma dor de cabeça para sair mais cedo. Sentei num bar e tomei duas cervejas. Quando botei a mão no bolso senti o peso do colar que não tive coragem de dar a ele. A cidade estava toda cinzenta, embora houvesse sol. As pessoas tinham medo no rosto. Dez para as seis, me levantei. Ele estava no mesmo lugar. Precisei me conter para não correr até ele. Tratei-o com frieza. Mas quando ele disse que o dia estava bonito hoje, não pude me segurar mais e sorri. Estava realmente um bonito dia, as pessoas todas alegres. Não olhei para ele, não quero que pense que sinto inveja ou qualquer coisa assim.

Trouxe o retrato embrulhado. Pela primeira vez, o ascensorista não me cumprimentou nem abriu a porta do elevador. Pareço um cadáver no retrato. Não, é exagero. Estou mesmo muito abatido. Mas não tenho aquela pele esverdeada. Continua fazendo frio. Amanhã comprarei uma cama, quero convidá-lo para dormir aqui nestas noites frias. Direi que a cama é de minha irmã que está viajando. Não tive coragem de dar a ele o colar, poderia pensar coisas, não sei. Amanhã não comprarei cigarros para poder pagar o último retrato.

Sexta-feira:

Trabalhei só pela manhã, hoje. Ao meio-dia senti que não suportava mais aquele ambiente, aquelas pessoas pesadas como elefantes esmagando os tapetes, aquelas máquinas batendo. Disse ao chefe que me sentia mal. Ele foi compreensivo. Disse que notou que ando meio abatido. Tirei um vale, menti que era para comprar remédio. Entrei num cinema, assisti a duas sessões seguidas esperando as seis horas. No filme

tinha um moço de motocicleta parecido com ele, só parecido, descobri que não existe ninguém igual a ele. Lembrei da minha infância, não sei por que, e chorei. Fazia muito tempo que eu não chorava. Às seis horas, fui até a praça. Mas ele não estava. Subi para tomar banho. Daqui a pouco vou descer de novo. Não sei por que, mas estou chorando outra vez.

Mais tarde:

Aconteceu uma coisa horrível. É muito tarde e ele não veio. Não consigo compreender. Talvez tenha ficado doente, talvez tenha sofrido um acidente ou qualquer coisa assim. É insuportável pensar que esteja sozinho, com suas mãos paradas no ar, ferido, talvez morto. Chorei muitas vezes olhando a margarida que ele me deu. Logo hoje que ia desenhar o último retrato, que eu ia dar a ele o colar, convidá-lo para dormir aqui, para comer comigo. Acabei de tomar três comprimidos para dormir, estou me sentindo amortecido. Amanhã talvez ele venha.

Sábado:

Acordei muito cedo e fui para a praça. Mas não consegui encontrá-lo, tomei coragem, aproximei-me dos outros e perguntei onde ele andava. Alguns nem responderam. Outros ficaram irritados, perguntaram *o nome? Mas o senhor não sabe nem o nome dele?* Eu fiquei com vergonha de repetir o que ele tinha dito. Não fica bem para um homem da minha idade dizer essas coisas. Ninguém sabia. Descrevi seu jeito, seu rosto, sua calça azul furada no joelho, suas mãos, aos poucos fui perdendo a vergonha e falei no seu caminhar sobre folhas, das suas mãos paradas no ar, seus olhos fixos. Ninguém sabia. Perguntei às vizinhas. Três delas me bateram com a porta na cara, resmungando coisas que não entendi. Outras duas disseram que tinham quartos para alugar, o que também não entendi. Saí a caminhar pela cidade, gastei o resto do dinheiro em cerveja, não consegui encontrá-lo. Telefonei para todas as delegacias e hospitais, fui ao necrotério. Não estava. Voltei para casa todo molhado de chuva, tossindo e espirrando. Caí na cama e dormi.

Domingo:

Passei o dia na praça. Ele não apareceu. Levei os retratos comigo. Olhei-os, atentamente. São seis. O último parece um cadáver. Eles me olhavam com desprezo, os retratos. Levei a margarida. Fez calor o dia inteiro. Suei. Esqueci de fazer a barba. À

tarde, a secretária passou com o namorado e me viu deitado na grama. Não me cumprimentou e cochichou qualquer coisa com o namorado: Quando já era muito tarde percebi que ele não viria. Nunca mais. Voltei devagar para casa, mas o porteiro não me deixou entrar. Mostrou-me uma circular feita pelas vizinhas dizendo coisas que não li. Vim para o bar onde estou escrevendo. Chove. Talvez ele tenha ido embora, talvez volte, talvez tenha morrido. Não sei. A minha cabeça estala. Eu não suporto mais. Espalhei os retratos em cima da mesa. Fiquei olhando. Despetalei devagar a margarida até não restar mais que o miolo granuloso. O sexto retrato é um cadáver. Acho que sei por que ele não veio. O barulho da chuva é o mesmo de seus passos esmagando folhas que não existiam.

Flor é abismo, repeti.

Flor e abismo. E de repente descobri que estou morto.

MAPA CONCEITUAL

PRINCIPAIS OBRAS

- Morangos mofados (1982)
- Triângulo das águas (1983)
- Pequenas epifanias: crônicas (1986)
- Onde andarás Dulce Veiga? (1990)
- Além do ponto e outros contos (2010)

O AUTOR

Caio Fernando Loureiro de Abreu, nasceu em 12 de setembro de 1948, em Santiago (Rio Grande do Sul). Além da cidade de seu nascimento, residiu em Porto Alegre, São Paulo, Campinas, Rio de Janeiro, Estocolmo, Amsterdã, Londres e Paris. Já exerceu atividades como: escritor, jornalista, dramaturgo, editor, tradutor e ator de teatro. Os gêneros literários que praticou, foram: conto, romance, novela, poesia, teatro, crônica e roteiro. Faleceu em 25 de fevereiro de 1996, em Porto Alegre/RS.

ALÉM DO PONTO E OUTROS CONTOS

CAIO FERNANDO DE ABREU

A OBRA

Além do ponto e outros contos retrata através de 15 contos várias histórias instigantes. São contos que fazem com que nos identifiquemos facilmente com tais personagens. Desilusões, amor, desespero, solidão. Em várias passagens do livro faz com que demos uma pequena pausa para refletirmos nossos valores, nossos preceitos, a atenção que damos aos acontecimentos do dia a dia. As agruras dos personagens, em variadas situações, são relatadas de forma tão vívida que é impossível o leitor não se envolver por completo. São pessoas comuns, sempre em busca de algo além da realidade cotidiana.

O GÊNERO CONTO

- É uma narrativa linear e curta, tanto em extensão quanto no tempo em que se passa.
- A linguagem é simples e direta, não são utilizadas muitas figuras de linguagem ou expressões com pluralidade de sentidos.
- Todas as ações se encaminham diretamente para o desfecho.
- Envolve poucas personagens, e as que existem se movimentam em torno de uma única ação.
- As ações se passam em um só espaço, constituem um só eixo temático e um só conflito.
- A habilidade com as palavras é muito importante, principalmente para se utilizar de alusões ou sugestões, frequentemente presentes nesse tipo de texto.

Referências: ABREU, Caio Fernando. Além do ponto e outros contos. 1ª Ed. São Paulo: Ática, 2010.

Disponível em: <http://www.guroo.com.br/wp-content/uploads/2014/03/Al%C3%A9m-do-Ponto-e-Outros-Contos.pdf> Acessado em Maio/2016.

Disponível em: <http://www.infoescola.com/redacao/conto/> Acessado em: Junho/2016.

Disponível em: <http://limaoalecrim.blogspot.com.br/2013/03/12-on-12-alem-do-ponto-e-outros-contos.html> Acessado em Junho/2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II
Professora orientadora: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott
Estagiárias: Graciela MassironiCarus e Vanessa Custódia Inácio

AUTO DA COMPADECIDA⁵

O LIVRO

O "Auto da Compadecida" consegue o equilíbrio perfeito entre a tradição popular e a elaboração literária ao recriar para o teatro episódios registrados na tradição popular do cordel. É uma peça teatral em forma de Auto em 3 atos, escrita em 1955 pelo autor paraibano Ariano Suassuna. Sendo um drama do Nordeste brasileiro, mescla elementos como a tradição da literatura de cordel, a comédia, traços do barroco católico brasileiro e, ainda, cultura popular e tradições religiosas. Apresenta na escrita traços de linguagem oral (demonstrando, na fala do personagem, sua classe social) e apresenta também regionalismos relativos ao Nordeste.

A HISTÓRIA

A história se inicia quando Chicó e João Grilo tentam convencer o padre a benzer o cachorro de sua patroa, a mulher do padeiro. Como o padre se nega a benzer e o cachorro morre, o padeiro e sua esposa exigem que o padre faça o enterro do animal, mas o clero nega. João Grilo diz ao padre que o cachorro tinha um testamento, que constava com o nome do padre, bispo e do sacristão, assim os três resolvem enterrar o bicho.

Depois de toda a confusão sobre o enterro do cachorro, João Grilo arma com Chicó para também tirarem vantagem da situação. Manda Chicó enfiar moedas em um gato e esconder uma bexiga de sangue por baixo da camisa, para o caso de o primeiro plano falhar, tudo para se vingar dos patrões. Mas a farsa não sai como planejado e João Grilo é descoberto, ficando sem o dinheiro da venda. Logo depois ouvem-se tiros e uma gritaria do lado de fora: a chegada do cangaceiro Severino. Ele entra na igreja, rouba o dinheiro e mata o bispo, o padre, o sacristão, o

⁵Texto retirado na íntegra da referência abaixo citada.

Disponível em: https://prezi.com/sat8we_ftyca/o-auto-da-compadecida/# Acessado em Junho/2016.

padeiro e a mulher. Mas quando chega à hora de João Grilo, este inventa mais uma de suas mentiras, entregando de presente uma gaita abençoada por Padrinho Padre Cícero que teria o poder de ressuscitar as pessoas. Para o cangaceiro acreditar, João dá uma facada em Chicó e estoura a bexiga com sangue; Chicó cai e João Grilo toca a gaita enquanto o amigo levanta dançando no ritmo da música. Severino, então, ordena a seu capanga que lhe dê um tiro e depois toque a gaita para que ele possa ir encontrar com Padre Cícero e depois voltar. O capanga obedece, atira, mas quando toca a gaita nada acontece. Chicó e João Grilo se atacam com o capanga e este leva uma facada. Quando os dois estão fugindo com o dinheiro que pegam do defunto Severino, o capanga reage e mata João Grilo. No céu, todos se encontram para o juízo final. O diabo (O Encourado) e Jesus (Manuel) apresentam as acusações e defesas. João então chama Nossa Senhora para interceder por eles. É o que ela faz. O padre, o bispo, o sacristão, o padeiro e sua mulher são mandados para o purgatório. Severino e o seu capanga são absolvidos e enviados ao paraíso. João simplesmente retorna a seu corpo.

OS PERSONAGENS

João Grilo:

protagonista, personagem pobre e franzino, que usa de sua infinita astúcia para garantir a sobrevivência. Ajuda seu grande amigo Chicó e tem como justificativa de suas traquinagens ser assolado por uma pobreza absoluta.

Palhaço:

é o anunciador da peça e também o grande comentador das situações. Suas falas apresentam muitas vezes um discurso mais direto, que dá a impressão de vir do autor. Na verdade, o Palhaço exerce função metalinguística no espetáculo, ao refletir sobre o próprio mecanismo mágico de produção da imitação e ao suprimir a distância entre realidade e representação.

Chicó:

é o contador de causos, o mentiroso ingênuo que cria histórias apenas para satisfazer um desejo inventivo.

Chicó e João Grilo são como a dupla de palhaços entre os quais a esperteza é mal repartida — um sempre a tem de mais e o outro, de menos.

Padre João:

mau sacerdote local, preocupado apenas em angariar fundos para sua aposentadoria.

Sacristão:

outro exemplo de mau religioso.

Bispo:

juntamente com o padre João e o sacristão, ajudará a compor o quadro de representação da Igreja corrompida.

Antônio Moraes:

típico senhor de terras, truculento e poderoso, que se impõe pelo medo, pelo dinheiro e pela força.

Padeiro:

representante da burguesia interessada apenas em acumular capital, explora seus empregados e tem acordos com as autoridades da Igreja.

Mulher do padeiro:

esposa infiel e devassa, tem amor genuíno apenas por seus animais de estimação.

Severino do Aracajú:

cangaceiro violento e ignorante.

Cangaceiro:

ajudante de Severino, seu papel é apenas puxar o gatilho e executar outros personagens.

O Encourado (o Diabo):

segundo uma crença nordestina, o diabo utiliza roupas de couro e veste-se como um boiadeiro. Funciona como uma espécie de antagonista de João Grilo; como ele, também é astuto, mas acaba sendo derrotado pelo herói.

Manuel (Nosso Senhor Jesus Cristo):

personagem que simboliza o bem, porém um bem sem misericórdia. É representado por um ator negro, a fim de que isso produza um efeito de estranhamento no público.

A Compadecida (Nossa Senhora):

heroína da peça, funciona como uma advogada de João Grilo e de seus conterrâneos, derrotando com seus argumentos cheios de misericórdia os planos do Encourado de levar todos ao inferno.

O FILME

O Auto da Compadecida é um filme brasileiro de comédia e drama lançado em 2000. Dirigido por Guel Arraes e com roteiro de Adriana Falcão. O filme recebeu durante o

Grande Prêmio Cinema Brasil, evento criado pelo Ministério da Cultura, as premiações de melhor diretor, melhor roteiro, melhor lançamento e melhor ator. As filmagens do filme foram feitas em 2000 na cidade de Cabaceiras, interior do estado da Paraíba, conhecida por ser palco de vários outros filmes brasileiros. Estreou em 10 de setembro de 2000, no Brasil, e foi exibido em outros países em eventos de cinema e em mídia para distribuição. Foi recebido com críticas positivas na maioria dos países da América do Sul.

Análise da obra⁶

Auto da Compadecida, de Ariano Suassuna, é uma peça clássica do teatro brasileiro, escrita em 1955 e publicada em 1957. Virou minissérie de televisão e ganhou uma versão para o cinema.

Abordando temas universais como a avareza humana e suas amargas consequências, por meio de personagens populares, Suassuna, nesta obra, prepara o espectador para um desfecho moralizante conforme os preceitos do cristianismo católico.

A visão cristã da vida presente no *Auto* traz uma concepção da religião como algo simples, agradável, doce e não como uma coisa formal e solene, difícil e mesmo penosa. Essa intimidade com Deus, e a idéia de simplicidade nas relações dele com os homens, essa compreensão da vida e fé na misericórdia, parecem aspectos primordiais no sentido religioso da obra: a compreensão das faltas humanas, atribuída à Nossa Senhora, que, como mulher, simples e do povo, explica-as e pede para elas a compaixão divina.

A obra trata-se de uma farsa que é igualmente uma reflexão sobre as relações entre Deus e os homens: um milagre de Nossa Senhora, como os medievais, apresentado sob a forma de uma pantomima de circo. Até o seu catolicismo é popular, favorecendo os humildes contra os ricos, menos por influência política do que por uma profunda simpatia cristã pelos fracos e desprotegidos.

Assim, o que Suassuna passa é que o homem do sertão deve ser perdoado, de seus pecados, por experimentar inúmeras dificuldades, tanto de ordem climática, quanto social. O sofrimento passado em vida já é capaz, por si só, de absolver todos os pecados – consequências de seu cotidiano exigente e de sua luta por sobreviver. O sertão é terra de ninguém, deserto ameaçador donde emergem deuses e diabos, sob a égide do acaso, do caos e da fatalidade. Esses seres-ameaçadores espreitam o homem por dentro e por fora. Em meio ao caos que os alimentam, estabelecem continuamente a recriação da ordem, num processo infinito de auto-eco-organização.

⁶Texto retirado na íntegra da referência abaixo:

Disponível em: http://www.passeiweb.com/estudos/livros/auto_da_compadecida Acessado em Junho/2016.

O autor mostra um povo religioso, de pé no chão, acuado pela seca, atormentado pelo fantasma da fome e em constante luta contra a miséria. Traça o perfil dos sertanejos nordestinos que estão submetidos à opressão a que foram, e ainda hoje são, subjugados por famílias de poderosos coronéis que possuem terras e almas por vastas áreas do Brasil.

Dentro desse contexto, João Grilo é a figura que representa os pobres oprimidos, é o homem do povo, é o típico nordestino amarelo que tenta viver no sertão de forma imaginosa, utilizando a única arma do pobre, a astúcia, para conseguir sobreviver.

Suassuna leva a julgamento almas, diante do tribunal, dirigido por Deus e o diabo, que são pecadoras devido às condições sociais existenciais, que se apresentam mais fortes que os valores morais. São acusados o bispo e o padre João, por se utilizarem da autoridade religiosa para enriquecerem. No entanto, com a intercessão de Nossa Senhora, a sentença é atenuada e eles se encaminham para o purgatório. O padeiro, por ser sovina, e sua mulher, por adultério, também recebem a sentença final de ocuparem, juntamente com o padre, o bispo e o sacristão, os cinco lugares vagos do purgatório. São acusados também o cangaceiro Severino e o cabra dele, por tirarem a vida das pessoas sem autorização divina.

A oposição bem x mal, tipicamente da visão maniqueísta cristã, que conseqüentemente divide o mundo em céu e inferno, é característica que consta na peça. O julgamento é moral, portanto condenam-se os vícios e as vaidades e glorifica-se a modéstia e a humildade.

Se encontra também uma severa crítica aos maus costumes dos representantes da Igreja, que abusam de seu poder, contribuindo para a corrupção da instituição, uma vez que favorecem os ricos e têm hábitos que são condenados pela própria Igreja.

O título da obra remete à noção de que o homem é um ser passível de erro, mas é possível que seja perdoado, por intermédio da “Compadecida”, Nossa Senhora, que, na Igreja Católica, é considerada pelos fiéis a advogada capaz de interceder pelos pecadores junto a Jesus Cristo.

Dessa forma, em diversas passagens da obra, podem-se interpretar tanto o comportamento de Manuel, como o da Compadecida, como mais humanizados e condescendentes com as falhas humanas, retratados, às vezes, até com uma boa dose humor.

O autor permite-se o exercício de um diálogo simultaneamente complementar e antagônico entre morte e vida. Por meio dele abre-se uma brecha, que introduz a dimensão da imortalidade desvelada, por exemplo, na ressurreição do personagem João Grilo.

Em *Auto da Compadecida*, Ariano Suassuna consegue realizar uma magnífica síntese de duas tradições: a dos autos da era medieval e a da literatura picaresca espanhola. Na era medieval, a cultura era indissociável da religião, mesmo porque a Igreja controlava tudo com mão de ferro. A Igreja cultivava os autos dramáticos de devoção aos santos para doutrinar e tolerava os autos cômicos para divertir o povo. A tradição da literatura picaresca espanhola vem da cultura popular e chega ao ápice no *Dom Quixote*, de Cervantes.

SEGUNDO ENCONTRO

1 – Dados de identificação

Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II

Escola: Escola de Educação Básica Maria José Barbosa Vieira

Professoras Regentes: Liliane Zonta Márcia Madalena Kovalek

Estagiária: Graciela MassironiCarus

Disciplina: Língua Portuguesa

Nível de ensino: Médio

Ano escolar: 3º ano

Data: 16/06/2016 (quinta-feira)

Horário: 18h45min às 21h35min

Supervisora: Isabel Monguilhott

Tema: Obras do vestibular e mapas conceituais

2 – Proposta de aula

2.1 – Objetivo geral: Apresentar o projeto de docência extraclasse para os alunos, bem como introduzir a reflexão sobre os principais tópicos abordados nas duas obras do vestibular escolhidas para trabalhar e exemplificar a confecção de mapas conceituais.

2.2 – Objetivos específicos

- Situar o aluno acerca do projeto de docência extraclasse elaborado pelas estagiárias;

- Mediar através da leitura à aproximação dos alunos com os autores: Maria Valéria Rezende e Elvira Vigna;
- Oportunizar o contato dos alunos com o texto literário de diferentes gêneros;
- Possibilitar a escrita criativa e interpretativa por meio da atividade da confecção de mapas conceituais.

2.3 – Conhecimentos abordados: Leitura e interpretação; Gêneros textuais; Criatividade e compreensão para a confecção dos mapas conceituais.

3 – Metodologia

Inicialmente será feita a apresentação das estagiárias e em seguida explicarão que será dada continuidade ao projeto, já iniciado na semana anterior. Ressaltarão que dentre as oito obras escolhidas para o vestibular da UFSC, quatro delas serão contempladas pelo projeto, e que na aula de hoje serão trabalhadas mais duas obras. Posteriormente as estagiárias mostrarão os livros para os alunos, e darão início à explicação e abertura para discussões e dúvidas a respeito das obras. A ordem a ser seguida para explicação será: Quarenta Dias e Vitória Valentina.

As estagiárias distribuirão para os alunos fotocópias com um material acerca das obras, o mapa conceitual já feito da obra Quarenta Dias e fotocópias dos trechos selecionados de cada obra.

Após a distribuição, a estagiária responsável pela aula iniciará discorrendo sobre a obra de Maria Valéria Rezende, explicando algumas características da obra para situar os alunos. Em seguida solicitará a alguns alunos que façam a leitura do trecho selecionado em voz alta, para que todos acompanhem. Continuará fazendo a explicação da obra, ressaltando os principais tópicos abordados, personagens, contexto histórico, gênero textual, etc. e buscando interagir com os alunos, provocando discussões.

Ao final, a estagiária explicará com o auxílio do quadro, a confecção do mapa conceitual acerca da obra Quarenta Dias, demonstrando aos alunos como a organização das ideias presentes na obra pode ficar clara para posteriores consultas. Esclarecerá possíveis dúvidas e solicitará aos alunos que cada um faça o seu próprio mapa conceitual, após a explicação da obra Vitória Valentina. Novamente será feita a leitura do trecho da obra, discutido e serão explicados os principais tópicos do livro. Será solicitado então aos alunos que iniciem a confecção dos seus mapas conceituais e será

ênfâtizado que para que os alunos tenham um melhor rendimento deverãõ realizar a leitura das obras na íntegra.

As estagiárias distribuirãõ folhas brancas e disponibilizarãõ lápis de cor e canetas esferográficas para a confecção dos mapas conceituais. Durante a confecção, as estagiárias percorrerãõ a sala, auxiliando os alunos no que for necessário.

Ao final, passarãõ uma lista para que os presentes assinem seus nomes e ênfatarãõ o simulado que haverã referêntes às obras estudadas. Agradecem e se despedem.

4 – Recursos necessários

- Livros: Vitória Valentina e Quarenta Dias;
- Fotocópias dos tópicos principais abordados nas obras;
- Fotocópias dos trechos que serãõ feitos a leitura;
- Fotocópias do mapa conceitual de Quarenta Dias;
- Quadro branco;
- Caneta para quadro;
- Folhas brancas;
- Lápis de cor;
- Canetas esferográficas.

5 – Avaliação

Nesse encontro, é avaliado o interesse do aluno e seu empenho em participar das leituras, discussões e atividades propostas. O processo de confecção dos mapas conceituais também serã levado em consideração.

6 – Referências

REZENDE, Maria Valéria. Quarenta dias. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

VIGNA, Elvira. Vitória Valentina. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2016.

7 – Anexos

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II

Professora orientadora: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

Estagiárias: Graciela MassironiCarus e Vanessa Custódia Inácio

QUARENTA DIAS – Maria Valéria Rezende⁷

Alice, paraibana e professora aposentada, está deixando a Paraíba para ir morar em Porto Alegre por causa da filha Norinha que deseja se tornar mãe mas não quer abandonar sua carreira profissional. A família e alguns amigos próximos achavam que seria bobagem ela desperdiçar a oportunidade de viver no Sul. No meio da mudança, ela resgata um caderno velho que tem na capa uma Barbie. E esse passa a ser sua companhia. Alice o transforma em um diário e é através do que ela escreve nas páginas velhas da Barbie que acompanhamos a sua nova vida em Porto Alegre.

Logo nos primeiros dias, Alice recebe a notícia de que a filha e o marido Umberto vão morar por quase oito meses na Europa por motivos acadêmicos. A filha já sabia da viagem e escondeu só para não adiar a mudança da mãe. Depois disso, Alice que já estava infeliz e perdida, resolve se trancar no apartamento, preto e branco, e muito sofisticado que Norinha arrumou para ela, e fazer nada, apenas ler alguns livros. A ideia era não se importar com datas, horas, telefone, celular, e para bloquear qualquer contato com pessoas, ela inventa uma viagem para Jaguarão, assim não podia ser incomodada por ninguém.

Após sete dias nesse retiro, Alice recebe uma ligação de Elizete, vizinha de João Pessoa, pedindo ajuda para encontrar o filho de uma amiga, o Cícero, que foi morar em Porto Alegre e já tinha um ano que não mandava notícias. A ideia de encontrar o filho perdido de uma amiga motivou Alice a sair do retiro e começar sua peregrinação pelas ruas desconhecidas daquela cidade grande e vazia de sentido para ela. Nessa busca por alguém que ela não conhecia e não tinha muitas informações, Alice andou pelas ruas de Porto Alegre, dormiu em praças, rodoviárias, hospitais, conheceu pessoas, algumas nordestinas como ela, ouviu histórias de vida, fez amigos. Como a Alice, do País das

⁷ Partes do texto retirado na íntegra de <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/379205/mais-gostaram>.

Maravilhas, viveu inusitados encontros e grandes descobertas pelas tocas e pequenas brechas da cidade.

Excertos da obra “Quarenta Dias” de Maria Valéria Rezende.

O Caderno

“Sei, agora, por que cismeiei de trazer na bagagem este caderno velho vazio, trezentas folhas amareladas, com essa Barbie na capa de moldura cor-de-rosa, sabe-se lá de quem era nem como se extraviou na minha casa”. (REZENDE, 2014, p.7)

“Pronto! Contar a mim mesma, tim-tim por tim-tim, o que me anda acontecendo, desabafar com a boneca loira e o papel pautado, moucos e calados, incapazes de assustar-se, nem de dizer que estou doida, nem me mandar fazer psicoterapia ou sugerir um curso de dança de salão pra fazer amigos, uma oficina literária pra me ocupar, Aqui tem várias, excelentes!, Terra de escritores, e você sempre gostou de escrever, escreve tão direitinho!, nem me encher a cabeça com mil conselhos, Tome cuidado, que isto aqui não é João Pessoa, não, Porto Alegre é uma cidade enorme, moderna, metrópole, violenta...,que eu não conheço e que isso e aquilo”. (REZENDE, 2014, p.14)

Norinha X Alice X Motivo

“Em resumo, o certo pra ela era que eu, afinal, já tinha chegado ao fim da minha vida própria, agora o que me restava era reduzir-me a avó”. REZENDE, 2014, p. 26)

“Disse que se eu não tivesse generosidade pra ajudá-la agora era melhor nem ter tido filha nenhuma, que eu me decidisse logo, se não ia ser tarde demais”. (REZENDE, 2014, p. 27)

Associação (analogia) com a obra Alice no país das maravilhas: “...tão de repente que Alice nem teve tempo de tentar parar antes de despencar no que parecia ser um poço muito fundo. (REZENDE, 2014, p. 73, apud Carrol)

Outra referência com a obra de Alice, “...eu vou continuar a escrever agora mesmo que, finalmente, já estou chegando quase na beirada do buraco em que caí...” (REZENDE, 2014, p.73)

A busca por Cícero Araújo

Notícias de Socorro: “...é que o filho dela, o Cícero, foi-se embora pra aí levado por uma construtora, faz quase dois anos...e agora a Socorro está desesperada porque já faz quase um ano que ele não deu sinal de vida, nem o celular dele não responde, ela chora todo dia, ninguém sabe mais nada dele...vê se você vai lá nessa Vila Maria Degolada...pergunte por aí, vá lá e veja se consegue notícia do Cícero, Cícero Araújo é o nome completo, só isso mesmo” (REZENDE, 2014, p. 92)

“Talvez tenha sido, sem que eu percebesse, a dor da outra mãe tomando o lugar da minha, um alívio esquisito, uma distração, e eu quis, sim, sair por aí, à toa, por ruas que não conheço atrás do rastro borrado de alguém que nunca vi”. (REZENDE, 2014, p. 92)

A Vila Maria Degolada

“Então, lá fui me metendo pela Vila que quanto mais subia mais ar de favela tinha, eu com minha guia, Adelaida, que parecia conhecer o território como a palma da mão e emburacava por tudo o que era beco cuja entrada eu nem tinha percebido...”(REZENDE, 2014, p.115)

“... encontramos baianas, maranhenses, sergipanos e potiguares, duas mulheres da Paraíba, notícia de um chamado Cícero que era cearense e tinha mais de setenta anos, piauienses e alagoanos,... Eu descobri que o mundo era feito em grande parte de gente desaparecida, gente que não deu mais notícia e gente desesperada atrás ou a esperar conformadamente pelos sumidos. Até cópias de fotografias dos seus próprios desaparecidos me deram, Se por acaso...”(REZENDE, 2014, p.118)

Alice – moradora de rua?

Referência com a obra de Alice no País das Maravilhas: “À toa, como minha xará pelos caminhos de Wonderland, zanzei por bosques e gramados até dar num laguinho alongado, com um repuxo de água no meio, junto à margem uma fileira de pedalinhos em forma de aves, não, Barbie, não eram os flamingos da Rainha e nem estavam sendo maltratados, eram cisnes, falsos mas brancos cisnes...” (REZENDE, 2014, p.164)

“Vamos, Einstein, não faz isso, deixa a pobre dormir, coitadinha, que ela não tem casa!(...) Aquele “ela não tem casa” ficou ecoando no meu ouvido. (REZENDE, 2014, p.165)

“Fiquei chateada de que me acreditasse igual a ela, sim, moradora de rua, pedinte, arrastando aquele carrinho enferrujado afanado da porta de um supermercado qualquer ou recuperado de ferro-velho, empanturrado de sobejos do consumismo dos outros, de todo tipo, equilibrando milagrosamente uma montanha maior que ela de latinhas de refrigerante e garrafas pet amassadas, folhas de papelão, montes de trapos...” (REZENDE, 2014, p.196)

“Perambulei por ali, esperei fecharem-se todas as portas, voltei e peguei a manta de plástico, dobrei bem dobradinha, enrolei como um saco de dormir, procurei nos montes de rejeitos às portas das lojas e achei cordões, amarrei o cilindro atravessado no topo da mochilinha, como tantas vezes tinha visto fazerem os jovens andarilhos. Rodoviária, banho, roupinha lavada, ainda tinha um trocado pra jantar o prato feito da Penha. (...) Reassumi meu posto de dormida, o banco num canto escondido da rodoviária, que conforto com o cobertor novo”! (REZENDE, 2014, p. 209)

“...meu aspecto deteriorando-se denunciando minha condição de moradora de rua, até quando?, outras noites, se o frio cedia, o pronto-socorro pra embaralhar meu rastro, o corpo dolorido...” (REZENDE, 2014, p. 213).

MAPA CONCEITUAL

A AUTORA

Nasceu em Santos, SP em 1942, onde viveu até os 18 anos. Em 1965, entrou para a Congregação de Nossa Senhora Cônegas de Santo Agostinho. Dedicou-se sempre à educação popular, primeiro na periferia de São Paulo e, a partir de 1972, no Nordeste, vivendo em Pernambuco e depois na Paraíba, no meio rural até 1986 e, desde então em João Pessoa, onde está até hoje.

TEMAS/CRÍTICAS

- Abuso: como os filhos tratam os pais;
- Descaso com os idosos;
- Personagens estigmatizados;
- O consumismo, a publicidade e a correria do dia a dia;
- As palavras em desuso;
- Pessoas desaparecidas.

ALGUMAS OBRAS

2001- Primeiro conto: Vasto mundo;

2005 – Primeiro Romance: O Vôda guará vermelha;

2014 – Quarenta Dias, vencedora do prêmio Jabuti 2015, o mais tradicional do mercado editorial brasileiro.

QUARENTA DIAS

Maria Valéria

CARACTERÍSTICAS

- Capítulos curtos, iniciando com citações de outros autores;
- Foco narrativo: primeira pessoa;
- Tempo: linear, mas o narrador dinamiza o relato com frequentes retrospectivas (flash-back);
- Espaço: a cidade de Porto Alegre;
- Figuras de panfletos e propagandas entre alguns capítulos;
- Escrita próxima da oralidade com variações linguísticas;
- Pontuação irregular;
- O caderno de Barbie representando o leitor; Diálogos em inglês/francês com a boneca americana;
- Trechos fazendo referências à história de Alice.

PERSONAGENS

- Alice: protagonista e narradora;
- Norinha: filha de Alice;
- Girolamo (Jerônimo): porteiro do prédio;
- Elizete: amiga Socorro: manicure;
- Cícero Araújo: filho da amiga, desaparecido (o coelho branco);
- Vários personagens nordestinos;
- Adelaida: guia/acompanhante da vila Maria Degolada;
- Arturo: o argentino poeta, morador do viaduto Borges (Chapeleiro Louco)
- Lola: a viúva do casarão velho.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II

Professora orientadora: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

Estagiárias: Graciela Massironi Carus e Vanessa Custódia Inácio

Vitória Valentina⁸

O romance vai e volta no tempo, é construído com pedaços de um quebra-cabeça e aos poucos vai adquirindo corpo e sentido(s). Começa com uma tragédia numa favela: um casal mata um outro casal de vizinhos para roubá-los. Só que na fuga eles não encontram sorte melhor e também morrem num acidente de moto. Os filhos dos casais, (Carla) Vitória Valentina e Nando, são amigos e crescem juntos. Nando é negro, é gay, e pra lutar contra seu medo atávico de motos, resolve ser motoboy. Carla torna-se professora, mas também trabalha como uma espécie de "babá-professora" pra ganhar mais uns trocados. E Nando, para complementar a sua renda, vende fotos de interesse para portais da internet. Nando e Carla tornam-se cúmplices, unidos pela força de uma enorme amizade construída a base das adversidades pelas quais passaram e passam na favela. Acontece que um dia Nando vê uma entrega de dinheiro, que sai das mãos de um empresário até então sem máculas e vai parar nas mãos de um traficante. Como fator complicador, temos o fato de que o dono do portal de notícias resolve armar um plano para pegar empresário e traficante em flagrante, só que o plano dá errado, claro, e é aí que os protagonistas têm que buscar usar da sagacidade resiliência pra sair da enrascada.

⁸ Partes do texto retirado na íntegra do site http://www.lamparina.com.br/livro_detalhe.asp?idCodLivro=445, Acessado em 05/06/2016.

Tópicos da obra “VITÓRIA VALENTINA” de Elvira Vigna.

A autora cria uma obra com humor e muitas peripécias, fazendo críticas a alguns valores da nossa sociedade, tais como: a força do poder econômico da sociedade que oprime os menos favorecidos, deixando-os à margem dela, ou seja, marginaliza famílias, que produzem gerações de órfãos.

A novela gráfica é dividida em três partes: Antes, Durante e Depois.

O **ANTES** começa com uma tragédia numa favela: um casal mata outro casal de vizinhos para roubá-los. Só que na fuga morrem num acidente de moto. Os filhos dos casais, (Carla) Vitória Valentina e Nando, são amigos e uma vez órfãos, crescem juntos. A amizade e a cumplicidade construídas e impostas pelas circunstâncias vividas por eles na favela são seus laços mais fortes, que vão seguir por toda a vida.

No **DURANTE** temos Carla e Nando adultos. Nando trabalha como motoboy e vende, para um portal de notícias da internet, fotos e informações de coisas que ele vai vendo por seu caminho enquanto faz entregas. Carla se forma professora, mas faz bicos como babá. Até que, um dia, Nando vê o que não devia ver. Uma entrega de dinheiro, passando da mão de um empresário supostamente respeitável para a de um traficante da favela. Por coincidência, o empresário suspeito é o patrão de Carla. Aí vem a aventura.

No **DEPOIS** há um plano armado pelo dono do portal de notícias para dar um flagrante no empresário e no traficante. Nando ganharia um dinheiro e dividiria com Carla, mas o plano dá errado e os protagonistas seguem em novas peripécias para se safar.

MAPA CONCEITUAL

PRINCIPAIS PERSONAGENS

Carla Vitória Valentina: professora
Fernando: negro, gay e motoboy
Hard: amigo
Lu Tancredo: a criança
Herda Tancredo: mãe de Stan
Silvério Tancredo: é o Stan, patrão
Outros: empresário, traficante e a filha.

AUTORA

Elvira Vigna (Rio de Janeiro, 1947) é uma escritora, ilustradora e jornalista. Hoje mora em São Paulo.

Prêmios: o de ficção da Academia Brasileira de Letras e um prêmio Jabuti de literatura infantil - setor a que se dedicou no início de sua carreira. Tem também um Jabuti como ilustradora.

TEMAS

- Crianças órfãs;
- Violência social;
- A marginalização das famílias;
- Exclusão social;
- O poder econômico.
- Sexo.

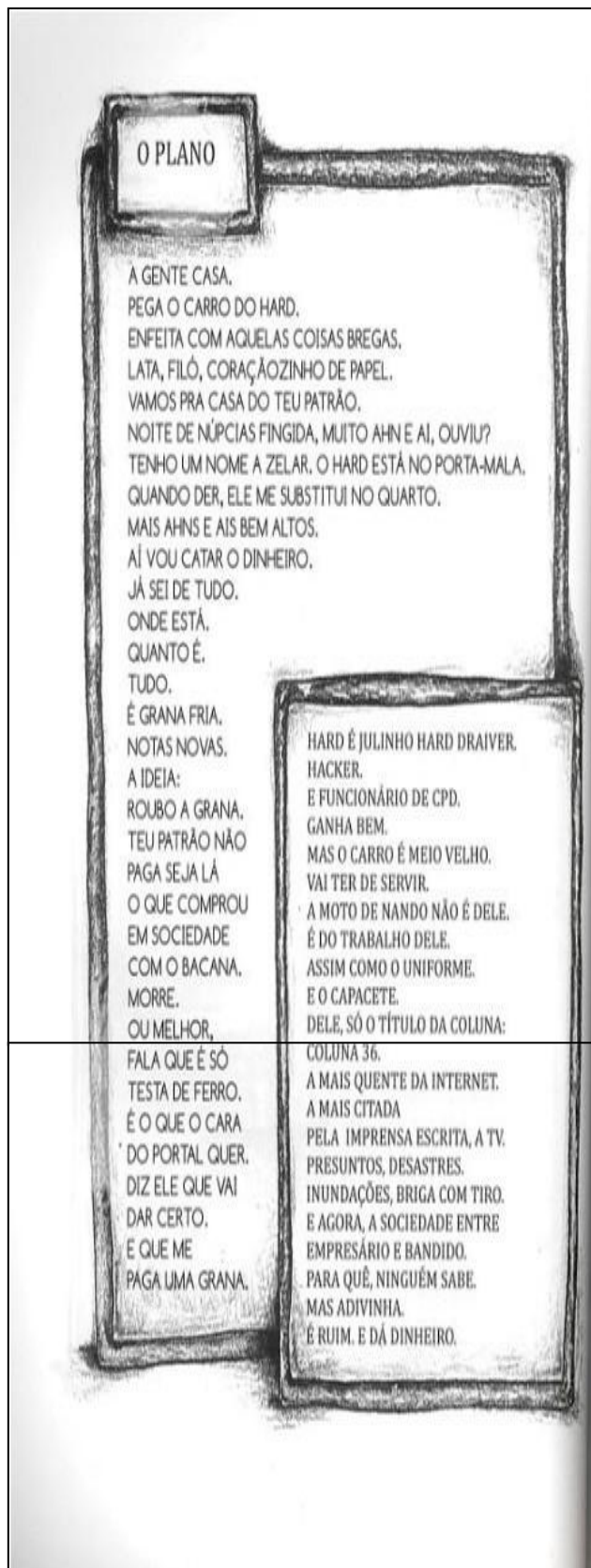
VITÓRIA
VALENTINA
ELVIRA VIGNA

CARACTERÍSTICAS DA OBRA

- Novela gráfica dividida em três partes: antes, durante e depois que totalizam 54 quadrinhos;
- As páginas não são numeradas;
- Ilustrações em P&B;
- Foco narrativo: 3ª pessoa;
- Tempo cronológico;
- Espaço: oscila entre o urbano e o rural;
- Linguagem dupla: imagem e texto;
- As imagens completam os sentidos do texto.

Referências: VIGNA, Elvira. Vitória Valentina. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2016.







VIGNA, Elvira. Vitória Valentina. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2016.

TERCEIRO ENCONTRO

1 – Dados de identificação

Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II

Escola: Escola de Educação Básica Maria José Barbosa Vieira

Professoras Regentes: Liliane Zonta Márcia Madalena Kovalek

Estagiários: Graciela MassironiCarus e Vanessa Custódia Inácio

Disciplina: Língua Portuguesa

Nível de ensino: Médio

Ano escolar: 3º ano

Data: 23/06/2016 (quinta-feira)

Horário: 18h45min às 21h35min

Supervisora: Isabel Monguilhott

Tema: Obras do vestibular e mapas conceituais

2 – Proposta de aula

2.1 – Objetivo geral: Aplicar o simulado.

2.2 – Objetivos específicos

- Refletir acerca das obras trabalhadas;
- Aproximar os alunos com as questões de literatura presentes nos vestibulares;
- Orientar os alunos acerca da importância da leitura das obras na íntegra.

2.3 – Conhecimentos abordados: Leitura e interpretação; Gêneros textuais.

3 – Metodologia

Inicialmente as estagiárias explicarão como ocorrerá o simulado, explicando que os alunos só poderão sair da sala a partir de 1h30min de tempo decorridos do início do simulado e deverão levantar a mão para solicitar a ida ao banheiro. Informarão que o simulado será levado para ser corrigido e será devolvido com a respectiva nota. Em seguida, distribuirão aos alunos fotocópias do simulado, e pedirão total silêncio a partir do momento que derem início ao simulado. Anotarão no quadro o horário decorrido e ressaltam que os alunos só poderão sair da sala, a partir de 1h30min do início do

simulado. Conforme forem terminando, as estagiárias recolherão. Em seguida, o simulado será aplicado ao outro grupo de alunos que participou dos encontros anteriores.

4 – Recursos necessários

- Fotocópias do simulado.

5 – Avaliação

Nesse encontro, será avaliado o desempenho do aluno no simulado.

6 – Referências

ABREU, Caio Fernando. *Além do ponto e outros contos*. 1ª Ed. São Paulo: Ática, 2010.

Disponível em: <http://www.guroo.com.br/wp-content/uploads/2014/03/Al%C3%A9m-do-Ponto-e-Outros-Contos.pdf> Acessado em Maio/2016.

REZENDE, Maria Valéria. *Quarenta dias*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

SUASSUNA, Ariano. *Auto da compadecida*. 1ª Ed. Recife: Agir, 1955.

Disponível em: <http://lelivros.online/book/auto-da-compadecida-ariano-suassuna/> Acessado em Maio/2016.

VIGNA, Elvira. *Vitória Valentina*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2016

7 – Anexos

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II

Professora orientadora: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

Estagiárias: Graciela MassironiCarus e Vanessa Custódia Inácio

Mapeando as obras do vestibular da UFSC – Livros: *Além do ponto e outros contos*; *Auto da compadecida*; *Quarenta dias*; *Vitória Valentina*.

PONTUAÇÃO

ALUNO (A):

TURMA:

SIMULADO

LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA BRASILEIRA

1. Assinale a(s) proposição(ões) **CORRETA(S)** com relação à obra *Além do ponto e outros contos*, de Caio Fernando de Abreu.

01. Na obra de Caio Fernando de Abreu, o autor busca evidenciar sentimentos de felicidade, alegria, sucesso, fazendo com que o leitor seja aproximado do texto através da realidade contida nos contos.

02. A obra *Além do ponto e outros contos* é uma coletânea com 15 contos do autor gaúcho Caio Fernando de Abreu, que além de contos, também escreveu romances, novelas, poesias, crônicas e roteiros.

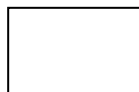
04. No conto intitulado *Holocausto*, a história é contada por um narrador personagem.

08. São características dos contos: a linearidade e a curta extensão; linguagem simples, com as ações direcionando diretamente para o desfecho; muitos personagens, com várias ações e diferentes espaços.

16. Os contos são marcados pela introspecção, os personagens principais são os sentimentos, a descrição é feita em cima do que o personagem está sentindo, do cenário só se sabe o extremamente necessário, o que acaba lhe pondo na pele do protagonista e fazendo sentir tudo o que ele sente.

32. No conto *Retratos*, os dias da semana, segundo o novo acordo ortográfico para o uso do hífen, estão escritos incorretamente, pois não se usa mais o hífen. (Exemplo de como está na obra: segunda-feira, terça-feira,...).

(Exemplo de como deveria ser, segundo o novo acordo ortográfico: segunda-feira, terça-feira, quarta-feira,...).



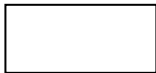
TEXTO 1

Mas chovia ainda, meus olhos ardiam de frio, o nariz começava a escorrer, eu limpava com as costas das mãos e o líquido do nariz endurecia logo sobre os pelos, eu enfiava as mãos avermelhadas no fundo dos bolsos e ia indo, eu ia indo e pulando as poças d'água com as pernas geladas. Tão geladas as pernas e os braços que pensei em abrir a garrafa para beber um gole, não queria que ele pensasse que eu andava bebendo, e eu andava, todo dia um bom pretexto, e fui pensando também que ele ia pensar que eu andava sem dinheiro, chegando a pé naquela chuva toda, e eu andava, estômago dolorido de fome, e eu não queria que ele pensasse que eu andava insone, e eu andava, roxas olheiras, teria que cuidar com o lábio inferior ao sorrir, se sorrisse, e quase certamente sim, quando o encontrasse, para que não visse o dente quebrado e pensasse que eu andava relaxando, sem ir ao dentista, e eu andava, e tudo o que eu andava fazendo e sendo eu não queria que ele visse nem soubesse, mas depois de pensar isso me deu um desgosto porque fui percebendo, por dentro da chuva, que talvez eu não quisesse que ele soubesse que eu era eu, e eu era.

ABREU, Caio Fernando. *Além do ponto*. In: _____. *Além do ponto e outros contos*. São Paulo: Ática, 2009, p. 23-24.

2 - (UFSC) Com base na leitura do texto 1 e no conto Além do ponto, de Caio Fernando Abreu, é CORRETO afirmar que:

01. Narrado em primeira pessoa, o texto que dá título à coletânea de Caio Fernando Abreu explora o ponto de vista de um personagem marginal, isto é, de um sujeito à margem do meio social, descrito como sem dinheiro e um tanto desleixado.
02. O narrador, por medo de rejeição, mostra-se preocupado com a apresentação de si mesmo para o outro, algo que reflete a visão de uma sociedade capitalista que valoriza a aparência em detrimento da essência.
04. Apesar de o narrador ser um homem que está indo ao encontro de outro homem, este conto de Caio Fernando Abreu não versa sobre o amor ou qualquer outra relação de afeto homoerótico.
08. A linguagem empregada pelo escritor, nessa história, denota uma aproximação com a poesia, fato observável pelo uso da pontuação como recurso estilístico, pela repetição rítmica de termos e pela produção de rimas internas.
16. O personagem-narrador, em um momento de reflexão sobre os pensamentos que lhe ocorriam, “por dentro da chuva”, descobre que tem vergonha da própria identidade.
32. O título do conto alude, de modo metafórico, ao fim da jornada de vida do protagonista, pois ir além do ponto, neste caso, significou sua morte.

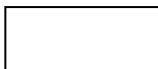


3. (UFSC) Em relação ao texto 1, é CORRETO afirmar que:

01. As formas verbais “ardiam”, “escorrer” e “endurecia” (linhas 01-02) bem como os adjetivos “avermelhadas” (linha 03), “geladas” (linha 04), “insone” (linha 08) e “roxas” (linha 08) evocam a baixa temperatura e a umidade do ambiente externo.
02. Em “meus olhos ardiam de frio” (linha 01), o termo sublinhado expressa ideia de causalidade.
04. Em “eu enfiava as mãos avermelhadas no fundo dos bolsos e ia indo, eu ia indo e pulando as poças d’água” (linhas 02-03), as formas verbais sublinhadas intensificam a duração da ação expressa pelo verbo “ir”.
08. Se a ideia contida em “não queria que ele pensasse” (linha 05) fosse expressa no tempo presente, a construção resultante seria “não quero que ele pensa”, em conformidade com a variedade padrão da língua escrita.
16. A oração “e eu andava”, que aparece repetida várias vezes no segundo período do texto, tem o sentido de “e eu caminhava” e indica que a caminhada

do personagem foi longa, demorada e cheia de obstáculos concretos a serem transpostos.

32. Em “tudo o que eu andava fazendo e sendo eu não queria que ele visse nem soubesse” (linhas 11-12), a sequência sublinhada funciona como complemento verbal de “visse” e “soubesse”.



Texto 2

À noite, sozinha na cama, amargura, culpa, choro envergonhado, desejos inconfessáveis, pensamento em Gonçalo. Olhos nos olhos de Tanira, tão desvairadamente verdes. Os noivos na cama longe dali decerto abraçados, colados, fundidos. Olhos nos olhos mesmo no escuro. A cor dos olhos dele devia brilhar no escuro, como os dos gatos, dos tigres. Um gato no cio miou lá fora, e ela revirandose, mãos buscando água na mesinha de cabeceira, sono pesado, pesadelo verde, cheio de olhos e gatos, valsas e tigres. Na manhã seguinte, a vergonha de si mesma, das coisas que pensara durante a noite — seria doida? O medo de retratar-se em cada gesto, em cada palavra, a fazia cerrar-se áspera à menor tentativa de aproximação dos pais e das irmãs restantes. E à noite, outra vez, o corpo ardia no desejo impossível do do corpo do primo. Os dias atordoados, as noites longas, suores, frustração. O tempo, remédio pra tudo, diziam, passando. As irmãs casando sem parar. Teresa ressecando. Os pais morrendo.

Quando eles morreram, o pai menos de ano depois da mãe, ela não chorou. Já havia esgotado, pensava, sua capacidade de sofrer. Mas pensando na relativamente boa situação financeira em que ficara após a morte deles, a única solteira e desamparada, não podia deixar de lembrá-los com gratidão.

ABREU, Caio Fernando. *O príncipe sapo* in *Além do ponto e outros contos*, Editora Ática- São Paulo, 2009, p.33.

4. (UDESC) Assinale a alternativa incorreta em relação ao conto *O príncipe sapo*, Caio Fernando Abreu, e ao Texto 2.
- A. () O conto “O príncipe sapo” foi a primeira publicação do autor em 1966, publicado em uma das edições da revista *Cláudia* pela escritora e jornalista Carmen da Silva, sem o conhecimento do autor, mais tarde este conto, em versão integral, foi publicado pelo autor na obra *Ovelhas negras*.
- B. () A diferença entre as expressões “À noite” (linha 1) e “as noites” (linha 11) é apenas morfosintaxe, a primeira indica tempo, exercendo, portanto, a função de locução adverbial/adjunto adverbial de tempo, logo deve receber o acento indicador de crase, enquanto na segunda tem-se artigo/adjunto adnominal e substantivo/sujeito, portanto não deve receber o acento indicador de crase.
- C. () Da leitura do conto, depreende-se que, embora não haja essencialmente uma relação amorosa na história que é contada, as cenas de afetividade entre os protagonistas, Teresa e Chico Francisco, ocorrem à medida que a trama do conto vai se desenvolvendo, até que seja entrevisto o desfecho inesperado da revelação do príncipe sapo, última cena do conto envolvendo as personagens.

- D. () Da leitura do segundo parágrafo, deduz-se que Teresa não chorou a morte dos pais, pois a perda deles deixara-a em uma boa posição econômica, fato que lhe facilitaria um casamento.
- E. () Da leitura do conto, infere-se que há pigmentos de erotismo representado pela personagem principal, Teresa, e sugerido no texto pela frase “água na mesinha de cabeceira” (linha 6), assim a palavra destacada sugere a metáfora que contrasta à sensualidade, para aplacar a insaciedade em relação ao sexo, amor.
5. (UDESC) Analise as proposições em relação ao conto *O príncipe sapo*, Caio Fernando Abreu, e ao Texto 2.
- I. Da leitura do conto, constata-se que Teresa já era considerada solteirona - figuração estereotipada, o que foi paulatinamente se diluindo à medida que seu romance com Francisco ia crescendo, assim ela realizou o seu sonho - o casamento com seu príncipe sapo.
- II. O conto é dividido em três momentos distintos, primeiro em que o narrador relata sobre a família de Teresa e o casamento das irmãs, usando Teresa como interlocutora direta, por meio de fluxo de consciência; segundo quando ele narra sobre a morte dos pais dela, e terceiro quando o narrador fala consigo mesmo, ou com uma terceira pessoa não identificada, sobre a frustração e acomodação de Teresa.
- III. No período “Na manhã seguinte, a vergonha de si mesma” (linha 7) a palavra destacada, é adjetivo, logo deve concordar em gênero e número com quem se refere – Teresa, para que o padrão culto da língua seja mantido, quanto à concordância nominal.
- IV. No período “Quando eles morreram, o pai menos de ano depois da mãe, ela não chorou” (linha 14) a primeira oração, em relação à principal, ela não chorou, exerce a função de tempo, invertendo-se a ordem do período, não há prejuízo ao sentido original do texto, há apenas alteração na sintaxe.
- V. Da leitura do conto, depreende-se que o príncipe sapo é representado por uma figura grotesca (caricato), constituída por forma exagerada ou disforme de partes do corpo, reforçando um viés irônico de situações trágicas, que no final do conto a história bizarra e trágica da vivência na guerra é tristemente lembrada pela personagem.

Assinale a alternativa correta.

- A. () Somente as afirmativas II e III são verdadeiras.
B. () Somente as afirmativas I, III e V são verdadeiras.
C. () Somente as afirmativas III e V são verdadeiras.
D. () Somente as afirmativas II e IV são verdadeiras.
E. () Somente as afirmativas I, IV e V são verdadeiras.
6. (UFOP) A respeito do *Auto da Compadecida*, é incorreto dizer que:

- (A) incorporando romances e histórias populares do Nordeste brasileiro, é um texto cuja vinculação com os mistérios e moralidades medievais é bastante nítida.
- (B) tem fortes particularidades de um metateatro, principalmente na construção da personagem Palhaço.
- (C) apresenta uma longa rubrica inicial, com precisas indicações para o diretor, para o cenógrafo e para o sonoplasta.
- (D) desprezando a cultura religiosa das personagens que habitam seu cenário, tem um desfecho inverossímil e incompatível com o contexto que representa.
- (E) é um texto estruturado com excepcional dinamismo, dado que os diálogos são curtos e as ações muito rápidas.

7. (UFOP) Sobre a construção das personagens do *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna, é incorreto afirmar que:

- (A) João Grilo, como protagonista, é um herói no sentido mais clássico do termo, uma vez que combina peculiaridades do herói trágico (a grandeza, p. ex.) e do herói épico (a coragem, p. ex.).
- (B) o Diabo é uma alegoria que detém uma grande funcionalidade, contrastando vivamente com Manuel e com a Compadecida.
- (C) o Padeiro e sua mulher demonstram claramente que o sistema moral da sociedade está totalmente comprometido com o sistema econômico.
- (D) a Compadecida, justificando a metonímia com a qual é designada, apresenta-se como a maior e a melhor advogada de João Grilo.
- (E) o Padre e o Bispo são verdadeiras caricaturas dos maus sacerdotes, o que justifica os traços fortes com que são compostos.

TEXTO 3

João Grilo: Ah isso é comigo. Vou fazer um chamado especial, em verso. Garanto que ela vem, querem ver? (Recitando.)

Valha-me Nossa Senhora, Mãe de Deus de Nazaré! A vaca mansa dá leite, a braba dá quando quer. A mansa dá sossegada, a braba levanta o pé.

Já fui barco, fui navio, mas hoje sou escaler. Já fui menino, fui homem, só me falta ser mulher.

Encourado: Vá vendo a falta de respeito, viu?

João Grilo: Falta de respeito nada, rapaz! Isso é o versinho de Canário Pardo que minha mãe cantava para eu dormir. Isso tem nada de falta de respeito!

Já fui barco, fui navio, mas hoje sou escaler. Já fui menino, fui homem, só me falta ser mulher. Valha-me. Nossa Senhora, Mãe de Deus de Nazaré.

Cena igual à da aparição de Nosso Senhor, e Nossa Senhora, A compadecida, entra.

Encourado, com raiva surda: Lá vem a compadecida! Mulher em tudo se mete!

João Grilo: Falta de respeito foi isso agora, viu? A senhora se zangou com o verso que eu recitei?

A Compadecida: Não, João, porque eu iria me zangar? Aquele é o versinho que Canário Pardo escreveu para mim e que eu agradeço. Não deixa de ser uma oração, uma invocação. Tem umas graças, mas isso até a torna alegre e foi coisa de que eu sempre gostei. Quem gosta de tristeza é o diabo.

João Grilo: É porque esse camarada aí, tudo o que se diz ele enrasca a gente, dizendo que é falta de respeito.

A Compadecida: É máscara dele, João. Como todo fariseu, o diabo é muito apegado às formas exteriores. É um fariseu consumado.

Encourado: Protesto.

Manuel: Eu já sei que você protesta, mas não tenho o que fazer, meu velho. Discordar de minha mãe é que eu não vou.

(...)

Fonte: *Auto da Compadecida*. 15 ed. Rio de Janeiro: Agir. 1979.

8. (UEL) As questões de 08 a 10 referem-se ao texto acima.

A obra “Auto da Compadecida” foi escrita para o teatro:

- a) Por João Cabral de Mello Neto e aborda temas recorrentes do Nordeste brasileiro.
- b) O autor, Ariano Suassuna, aborda o tema da seca que sempre marcou o Nordeste.
- c) Pelos autores do ciclo armorial, abordando temas religiosos e costumes populares.
- d) Por Ariano Suassuna, tendo como base romances e histórias populares do Nordeste brasileiro.
- e) Por João Cabral de Mello Neto e aborda temas religiosos divulgados pela literatura de cordel.

9. Ao humanizar personagens como Manuel e a Compadecida, o autor pretende:

- a) Denunciar o lado negativo do clero, na religião católica.
- b) Exaltar o sentimento da justiça divina ao contemplar os simples de coração.
- c) Mostrar um sentimento religioso simples e humanizado, mais próximo do povo.
- d) Retratar o sentimento religioso do povo nordestino, numa visão iconoclasta.
- e) Fazer caricatura com as figuras de Cristo e de Nossa Senhora.

10. Com base no texto e nos seus conhecimentos sobre a obra, as personagens João Grilo e Chicó identificam-se com:

- a) Os bobos da corte da Idade Média.
- b) Os palhaços dos circos populares.
- c) As figuras de arlequim e pierrô da tradição romântica universal.
- d) Tipos humanos autenticamente brasileiros.
- e) Figuras lendárias da literatura popular nordestina, semelhantes a Lampião e Padre Cícero.

11. Numere as seguintes ações de acordo com a sequência que elas acontecem na obra Vitória Valentina de Elvira Vigna.

() O novo patrão chama-se Stan. O menino chama-se Lu. Moram com a avó. Dona Herda. Carla nunca pensou que alguém de fato se chamasse Herda. Ou Hosta. Período de experiência. Três meses. Vão pagar menos. Porque é experiência. (explicaram.) Mal sabem eles. Vão pagar é muito.

() Jornal da manhã. Grande quantidade de dinheiro espalhou-se, na entrada do Tinguá, quando uma moto chocou-se com um ônibus 474 que vinha pela via expressa. O casal que estava na moto morreu na hora pouco antes, também no Tinguá duas pessoas morreram em tiroteio.

() Muitos anos de asilo. Ninguém os quis. Nem a cor nem a idade certas. Ficaram lá. E ficaram até depois que saíram.

() Dona Hosta achou o dinheiro. Foi bisbilhotar nas coisas de Carla e achou. Consequentemente, chegou à conclusão: coisa do demo. Só podia ser e pegou toda a grana.

a) 3-2-1-4

b) 2-1-3-4

c) 3-1-2-4

d) 4-1-2-3

12. Em relação à novela gráfica, considere as seguintes afirmações.

I – Os desenhos em *Vitória Valentina* traduzem uma realidade contemporânea urbana: moto subindo a favela, postes de luz na favela em contraste com prédios ao longe, pessoas nos bares, etc.

II – *Vitória Valentina* é literatura e artes visuais.

III – Carla, a protagonista tem sua história contada por uma narradora que descreve seus desejos de amor por meio das paixões inventadas por ela.

Quais estão corretas?

a) Somente a I está correta.

b) Somente a I e II estão corretas.

c) Somente a I e III estão corretas.

d) Todas estão corretas.

13. Elvira Vigna na obra *Vitória Valentina* pressupõem diversas temáticas que fazem parte do nosso cotidiano, sendo correto afirmar:

a) crianças órfãos, exclusão social, corrupção, sexo.

b) drogas, sexo, política, poder econômico.

c) corrupção, política, distribuição de renda, exclusão social.

d) crianças órfãos, exclusão social, a marginalização das famílias, poder econômico.

14. “Dia seguinte Carla sabia o que fazer, sempre vinham pedidos para empregada, faxineiro, entregador. Trabalhos mal pagos em casa de gente que queria pagar pior ainda. Não deu outra.”

(VIGNA, Elvira, Vitória Valentina, 1ª Ed. Rio de Janeiro, 2016).

Com base no excerto acima, é correto afirmar:

- a) o relato destaca a questão do poder econômico.
- b) as desigualdades sociais.
- c) a marginalização das famílias menos favorecidas.
- d) todas as afirmações estão corretas.

15. As duas crianças sabem disso. Sabem do silêncio. Sabem quem matou e quem provavelmente morreu. Ficam lá. Escondidos. Ouvindo o silêncio. Não ser assim, quietos, meio mudos, por toda a vida.

(VIGNA, Elvira, Vitória Valentina, 1ª Ed. Rio de Janeiro, 2016).

Em relação a expressão “ouvindo o silêncio”

- a) Podemos afirmar que a autora usou um recurso de figura de linguagem.
- b) É uma metáfora
- c) A metáfora remete a fatos que vão além daquilo que está expresso, cabendo ao leitor dar um sentido.
- d) Todas as questões estão corretas.

16. “Ontem cochilei no sofá, logo que começou a novela, mas acordei assim que entrou o primeiro intervalo comercial, com vários decibéis a mais, como sempre, pra gente ouvir, lá da cozinha ou do banheiro, os gritos ameaçadores de Promoção arrasadora, Só amanhã!

(REZENDE, M. V. (Maria Valéria), Quarenta Dias – I ed. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2014)

Com base no excerto e na leitura da obra, é correto afirmar que:

- a) A autora faz uma crítica ao publicidade exagerada.
- b) A propaganda deve estimular o consumismo exagerado.
- c) A propaganda é aliada do sistema capitalista.
- d) Todas as questões estão erradas.

17. Numere as seguintes ações de acordo com a sequência que elas acontecem na obra “Quarenta Dias” de Maria Valéria Rezende.

() “...é que o filho dela, o Cícero, foi-se embora pra aí levado por uma construtora, faz quase dois anos...e agora a Socorro está desesperada porque já faz quase um ano que ele não deu sinal de vida, nem o celular dele não responde, ela chora todo dia, ninguém sabe mais nada dele...vê se você vai lá nessa Vila Maria Degolada...pergunte por aí, vá

lá e veja se consegue notícia do Cícero, Cícero Araújo é o nome completo, só isso mesmo”

() “Em resumo, o certo pra ela era que eu, afinal, já tinha chegado ao fim da minha vida própria, agora o que me restava era reduzir-me a avó”.

() “Sei, agora, por que cismeiei de trazer na bagagem este caderno velho vazio, trezentas folhas amareladas, com essa Barbie na capa de moldura cor-de-rosa, sabe-se lá de quem era nem como se extraviou na minha casa”.

() “Então, lá fui me metendo pela Vila que quanto mais subia mais ar de favela tinha, eu com minha guia, Adelaida, que parecia conhecer o território como a palma da mão e emburacava por tudo o que era beco cuja entrada eu nem tinha percebido...”

- a) 3-1-2-4
- b) 3-2-1-4
- c) 4-2-1-3
- d) 3-2-1-4

18. Quando Alice faz analogia com a obra de Alice no País da Maravilhas de Lewis Carrol, podemos afirmar que:

- a) Cícero Araújo seria o personagem do coelho branco.
- b) Cícero Araújo seria o personagem o Chapeleiro Louco.
- c) A cidade de Porto Alegre seria o mundo em que a protagonista caiu pelo buraco.
- d) Nenhuma alternativa está correta.

19. A obra “Quarenta Dias” de Maria Valéria Rezende tem como características:

- a) Capítulos curtos, iniciando com citação de outros autores.
- b) Tempo linear, mas com freqüentes retrospectivas. (flash-back)
- c) Foco narrativo em terceira pessoa.
- d) Todas as afirmativas estão corretas.

20. Com base no estudo da obra é correto afirmar:

- a) A obra “Quarenta Dias ganhou o prêmio Jabuti 2015, o mais tradicional do mercado editorial.
- b) Pessoas desaparecidas, idoso, consumismo e propaganda exagerada além do descaso com o idoso são temas abordados e criticados pela autora.
- c) A escrita está próxima da oralidade destaque nas variações linguísticas.
- d) Todas as alternativas estão corretas.

2.2. RELATOS DA DOCÊNCIA NO PROJETO EXTRACLASSE

2.2.1. Relato das aulas

1º Encontro – 09/06/2016

Em primeiro lugar é importante esclarecer que a aula ministrada nesta data foi realizada da seguinte maneira: a primeira e segunda aula com um grupo de alunos para o estudo de duas obras do vestibular, enquanto outros alunos participavam no auditório da escola da aula referente à produção da redação para o ENEM. Depois na terceira e quarta aula os alunos se revezaram nas oficinas.

A primeira aula iniciou com a apresentação das estagiárias aos 13 alunos que compareceram, em seguida a professora estagiária Vanessa explicou o projeto extraclasse. Depois ela solicitou a estagiária Graciela que distribuísse o material impresso referente a obra “Além do ponto e outros contos” de Caio Fernando de Abreu, iniciando a aula com a leitura do texto e na sequência pediu a uma aluna para dar prosseguimento. A aula continuou com a professora estagiária Vanessa fazendo breves relatos de alguns contos que compõem a obra, abrindo uma discussão com os alunos, tornando a aula mais interativa.

Na segunda aula a professora estagiária Vanessa apresentou e discutiu a obra “O Auto da Compadecida”, de Ariano Suassuna. Interessa destacar que apesar da turma ser pequena a aula foi produtiva e os alunos mostraram-se muito interessados.

Após o estudo acerca das duas obras, a professora estagiária Vanessa explicou o que é e como fazer um Mapa Conceitual, enquanto isso a estagiária Graciela distribuiu folhas em branco para que os alunos fizessem a produção dos seus mapas.

Ao final as estagiárias se despediram desse grupo de alunos agradecendo sua presença e participação na proposta do projeto extraclasse, lembrando que todos devem participar dos encontros seguintes.

A terceira e quarta aula iniciou com um grupo bem maior, cerca de 50 alunos e com a apresentação das estagiárias. Em seguida enquanto a professora estagiária Vanessa apresentava o projeto extraclasse, a estagiária Graciela distribuiu o material impresso da obra “Além do ponto e outros contos” de Caio Fernando de Abreu. A professora estagiária Vanessa iniciou a leitura do conto “Retratos” (p.88), e compartilhou trechos da leitura com alguns alunos, abrindo discussões sobre o conto.

Na sequência a professora estagiária iniciou o estudo sobre a obra “O Auto da Compadecida”, de Ariano Suassuna realizando reflexões importantes sobre a temática, contexto histórico e características dos personagens. Depois foi explicado o que é e como fazer um Mapa Conceitual, mas não houve tempo hábil para a confecção dos mapas.

Ao final, as estagiárias se despediram desse grupo de alunos agradecendo sua presença e participação na proposta do projeto extraclasse, lembrando que todos devem participar dos encontros seguintes.

2º encontro – 16/06/2016

As aulas foram ministradas da mesma forma que aconteceram no primeiro encontro, mas com a presença em média de 40 alunos em cada aula.

O encontro iniciou com a apresentação das estagiárias, depois a professora estagiária Graciela explicou o projeto extraclasse enquanto sua colega Vanessa distribuiu o material impresso da obra “Quarenta dias” de Maria Valéria Rezende e na sequência foi realizada a leitura compartilhada com os alunos. Aconteceram algumas discussões sobre excertos da obra lidos em sala, instigando os alunos a refletirem sobre temas que fazem parte do nosso cotidiano, tais como o descaso com os idosos, os personagens estigmatizados, o consumismo exagerado, as pessoas desaparecidas, além da intertextualidade com a obra “Alice no país das Maravilhas”, de Lewis Carrol.

Na segunda aula o estudo foi concentrado na obra contada em HQ (história em quadrinhos), “Vitória Valentina”, de Elvira Vigna. A leitura do material impresso foi realizada parte pela professora estagiária e parte por alguns alunos, proporcionando também discussões relevantes tais como a linguagem dupla: imagem e texto com ilustrações que completam os sentidos do texto e a questão dos principais temas abordados, semelhantes à obra anterior estudada, com personagens estigmatizados, o poder econômico, o menor abandonado, entre outros.

Ao final as estagiárias se despediram dos alunos agradecendo a participação de todos no projeto extraclasse, lembrando que o próximo e último encontro diz respeito à aplicação de um simulado concomitante com a produção da redação.

O terceiro e quarto encontro foi com os alunos que estavam no auditório participando da proposta da redação do ENEM. A professora estagiária Graciela iniciou a aula com a apresentação das estagiárias e do projeto extraclasse, enquanto isso, a

estagiária Vanessa distribuiu o material impresso. Em seguida a estagiária Graciela fez a leitura referente a obra “Quarenta Dias”, de Maria Valéria Rezende em conjunto com os alunos e abriu discussões acerca da história, características, personagens, temas e um pouco sobre a autora. Depois o estudo foi sobre a obra “Vitória Valentina” de Elvira Vigna, a estagiária Graciela compartilhou a leitura e discussão com os alunos e discorreu sobre a história em quadrinhos, fez algumas reflexões sobre a linguagem dupla desenvolvida na obra, ressaltando que as imagens completam o sentido do texto e salientou que os temas abordados se assemelham a outra obra estudada com foco no poder econômico, personagens estigmatizados, pessoas desaparecida, enfim temas contemporâneos que fazem parte da nossa realidade.

Dando sequência a aula a estagiária Graciela explicou o que é e como fazer Mapas Conceituais, não sendo possível fazê-los em aula em virtude do tempo.

Faz-se necessário destacar que apesar do grande número de alunos que participaram ativamente do projeto extraclasse as aulas ocorreram de forma dinâmica, interativa, participativa e produtiva, o que nos proporcionou a sensação de dever cumprido nessa experiência de docência.

Ao final as estagiárias se despediram dos alunos agradecendo a participação de todos no projeto extraclasse, lembrando que o próximo e último encontro diz respeito à aplicação de um simulado concomitante com a produção da redação.

3º Encontro – 23/06/2016

A proposta inicial do projeto extraclasse era proporcionar aos alunos um estudo acerca dos livros do vestibular, simultaneamente com os colegas de estágio que trabalharam a produção da redação em consonância com as cinco competências do ENEM, para que os alunos pudessem sair com êxito desse desafio que em breve terão que enfrentar – Vestibular e ENEM.

Então o último encontro foi realizado no auditório da escola onde todos os alunos presentes, receberam um simulado com questões sobre as obras do vestibular 2017, além de uma folha para a redação e os textos motivadores. Foi destinado as quatro aulas para a realização das atividades propostas. Conforme os alunos apresentavam dificuldades, os estagiários responsáveis por tal atividade esclareciam as possíveis dúvidas.

Foi comunicado aos alunos que posteriormente seria fixado no mural da escola, bem como em outros locais, uma tabela com as devidas notas/resultados para verificação do desempenho de cada um.

Como foi um encontro com todos os estagiários, também foi uma troca enriquecedora de experiências e trabalho em equipe, já que um auxiliava o outro.

E, finalizando o projeto extraclasse, os estagiários e a professora orientadora se despediram dos alunos agradecendo a participação de todos.

2.2.2. Reflexão sobre a prática pedagógica no extraclasse

Sabemos que a literatura está sofrendo um processo de escolarização, cada vez mais sendo discutida a forma como se deve trabalhar o texto literário em sala, não fazendo dele pretexto para o ensino de outras questões (por exemplo, noções gramaticais). No decorrer da trajetória escolar, do infantil ao ensino médio, a literatura deveria ser vista e mais valorizada como um dos caminhos para o aluno desenvolver a criatividade e liberar sua imaginação, bem como tornar mais forte a sua postura crítica. Partindo da necessidade dos alunos do ensino médio em ter contato com as obras do vestibular da UFSC 2017, nosso projeto extraclasse possibilitou aos participantes esse contato com as obras, de forma lúdica e descontraída, e proporcionou uma experiência enriquecedora para ambas as partes.

Nosso público foram alunos do turno diurno da E.E.B. Prof^ª Maria Barbosa José Vieira, pois infelizmente não foi possível realizar com nossos alunos do projeto docente, devido ao choque de horários que daria. No entanto, apesar dos alunos não nos conhecerem o projeto superou as expectativas, tanto de público, como de comportamento e discussões. O objetivo era trazer traços e ideias principais das obras, fazendo com que os alunos relacionassem com suas vivências e conhecimentos, de forma a criar um ambiente enriquecedor, com trocas de informações e aberto para discussões onde todos poderiam participar.

Como trabalhamos com quatro obras distintas (Além do ponto e outros contos, Auto da Compadecida, Vitória Valentina e Quarenta Dias) foi possível criar uma sala de aula interativa, inclusive lendo trechos das obras durante as aulas.

A ideia de apresentar o método de estudo através dos mapas conceituais agradou os alunos, já que possivelmente a leitura das obras será feita durante o ano, com os

mapas conceituais produzidos, os mesmos terão material disponível para a consulta, facilitando lembrar detalhes das obras.

Como o projeto disponibilizou oficinas tanto de literatura como de produção textual, os alunos puderam vivenciar esse universo dos concursos, já que ao final foi pensado para o último encontro um simulado das obras estudadas juntamente com uma redação, aproximando o aluno do universo que o espera.

3. A REALIDADE VIVIDA NAS ESCOLAS

3.1. ENSAIOS INDIVIDUAIS

3.1.1. O que está acontecendo nas aulas de Língua Portuguesa? Por Graciela Carus

É interessante lembrar que há pouco tempo minha atuação como docente era algo que pertencia ao meu imaginário e futuro, mas a partir do desenvolvimento de uma proposta de ensino aprendizagem em sala de aula, unindo a teoria e a prática num contexto real, que ocorreu a partir de etapas sistematizadas de observações, entrevistas, projeto de docência, planejamento das aulas e a prática docente, constatei a necessidade da mudança de paradigma nas aulas de Língua Portuguesa. É nesse contexto, especialmente na experiência do estágio com o Ensino Médio que registro alguns equívocos na proposta de ensino assistida, pois tal paradigma não atendeu as necessidades dos alunos do terceiro ano do ensino médio, estando também em desacordo com o cronograma proposto para o bimestre vigente.

Atualmente existem diversos documentos oficiais parametrizadores voltados para a educação que sugerem e orientam mudanças significativas com a finalidade de melhorar a proposta e a qualidade de ensino em nosso país. Então, considerando a Proposta Curricular de Santa Catarina

A escola, ainda hoje, trabalha com o fundamento comunicativo da linguagem humana, que teoricamente é limitado; por outro lado, pretende desenvolver a expressão do aluno (lado individual, insistindo na criatividade), o que se faz a duras penas, sem muito sucesso, e o processo interacional fica, em última análise, marginalizado. Dá-se, então, uma contradição: no ensino, apela-se para a metalinguagem (ensino de conceitos gramaticais); na aprendizagem (escritura), espera-se expressão individual, mas ao mesmo tempo algo que corresponda ao que foi ensinado. (PCSC, 1998, p.60)

Na prática, se desenvolvem simultaneamente alternativas de ensino da Língua Portuguesa divergentes, ora seguindo as formas tradicionais de transmissão do conhecimento embasadas na metalinguagem, ora seguindo as orientações dos documentos parametrizadores da educação rompendo com a organização canônica, pois é mais flexível e privilegia a autonomia dos alunos e suas necessidades, abrindo espaço para que eles construam seus próprios significados e possam formar sua visão crítica do mundo em que vivem.

Chamo a atenção para a questão da análise linguística, porque essa é a proposta de ensino aprendizagem mais desenvolvida na maioria das aulas de Língua Portuguesa e, como já mencionado, não está em consonância com o que prescreve os documentos parametrizadores da educação, pois em geral são propostas elaboradas a partir do livro didático com foco na gramática tradicional, centradas em conceitos, regras e noções gerais.

Ainda existem muitas contradições no que se refere ao ensino de análise linguística, tais como o que ensinar ou como ensinar a gramática, prevalecendo o ensino tradicional, com informações soltas e fragmentadas - isso é o que de fato está acontecendo nas escolas, contudo, a inevitável presença da gramática que circunda nossas vidas, instiga mudança na concepção de linguagem e segundo Irandé Antunes

A gramática, na perspectiva da linguagem como forma de atuação social, viria incluída naturalmente. Do jeito que está incluída nas situações comuns da interação verbal. A gramática, como vimos, não entra em nossa atividade verbal dependendo de nosso querer; ela está lá, em cada coisa que falamos, em qualquer língua, e é uma das condições para que uma língua seja uma língua. Não existe a possibilidade de alguém falar ou escrever sem usar as regras da gramática de sua língua. Daí que explorando os sentidos do texto, estamos explorando também os recursos da gramática da língua. Não há, pois, razão para que se conceda primazia ao estudo das classes gramaticais isoladas, de suas nomenclaturas e classificações. (ANTUNES, 2003, p.119)

A ideia segue também critérios especificados nos Parâmetros Curriculares Nacionais que diz: "As práticas de linguagem são uma totalidade; não podem, na escola, ser apresentadas de maneira fragmentada, sob pena de não se tornarem reconhecíveis e de terem sua aprendizagem inviabilizada." (PCN, 1998, p. 36)

Nesse contexto muitos professores desenvolvem uma metodologia de ensino contrária, sugerindo não terem igual entendimento ou desconhecimento com o que está posto pelos especialistas e os documentos oficiais da educação, no que diz respeito ao

enfoque dado a questão da língua, linguagem e sujeito. Partindo dos pressupostos apresentados interessa mencionar que

"(...) é na prática sobre a língua e a linguagem que pode se dar a construção de instrumentos que permitirão ao sujeito o desenvolvimento da competência discursiva para falar, escutar, ler e escrever nas diferentes situações de interação.

Em decorrência disso, os conteúdos de Língua Portuguesa articulam-se em torno de dois eixos básicos: o uso da língua oral e escrita, e a reflexão sobre a língua e a linguagem (...)"(PCN, 1998, p.34)

As propostas destacadas acima, conduzem a uma reflexão acerca do ensino de competências linguísticas/gramaticais, textuais e discursivas contribuindo de forma efetiva para a compreensão do funcionamento da linguagem. Aspectos como coerência e coesão passam a serem observados com mais atenção, favorecendo os sentidos de expressão e comunicação.

Portanto, esta foi uma das constantes preocupações que guiaram o meu processo de ensino aprendizagem nas aulas assistidas durante o período de observação do estágio supervisionado II, no qual possibilitou ampliar meu olhar sobre a importância da prática pedagógica, a metodologia escolhida para o desenvolvimento das aulas de Língua Portuguesa e os documentos parametrizadores. Além disso, um projeto pedagógico e um plano de aula bem elaborado contribuem para a relação positiva/favorável entre o professor, o aluno e a proposta curricular da escola.

3.1.2. O período noturno e suas discrepâncias, por Vanessa Inácio

Quando falamos em escolas estaduais, inevitavelmente já nos vêm um pré-conceito embutido. O receio de não ter aparatos suficientes para dar boas aulas é inevitável. No entanto, a escola “Cemajoba” foi uma surpresa bem agradável a esse pensamento, já que tivemos todo o suporte necessário para a produção das nossas aulas. Uma escola com boa estrutura, ainda que precisando de reformas (o que não vem ao caso). Fomos muito bem recepcionados e nos deixaram bem à vontade na escola, diria até que a vontade demais, já que em nenhum momento tiveram a preocupação (com os alunos!) de saberem se as aulas estavam sendo bem conduzidas e produtivas. Como tivemos a oportunidade de trabalharmos com períodos diferentes, isso porque nosso projeto docente foi realizado com uma turma do noturno e nosso projeto extraclasse foi

realizado com as turmas de terceiro ano do período diurno, foi perceptível a diferença com que esses alunos são tratados, e até mesmo como eles próprios aceitam o descaso que é tido com o período noturno.

Com o questionário aplicado aos alunos, com as aulas realizadas no projeto docente e com o vínculo criado entre professor – aluno, algumas questões ficaram mais claras. Como, por exemplo, o sucesso do nosso projeto extraclasse se deu graças ao grande público que tivemos nos três encontros, ou seja, no interesse que os alunos do diurno demonstraram ter. Diferente dos alunos do noturno, que quando questionados, muitos deles afirmaram não prestar vestibular e nem fazer o ENEM (o que é um tanto surpreendente, se tratando de uma turma de terceiro ano). O fato é que geralmente a justificativa utilizada pelos alunos do período noturno é que trabalham, no entanto como consta nas respostas do questionário aplicado, muitos alunos do noturno não trabalham, ou seja, o que faz então esse aluno não demonstrar interesse (pelo seu próprio futuro)?

Sabemos que existe a realidade de muitos alunos não quererem e não realizarem a prova de nenhum concurso, e a escola precisa estar atenta para atender também esse aluno, e não priorizar somente os alunos que podem melhorar os índices da escola em aprovação. Além do mais, a escola tem o dever de despertar nos alunos o prazer de aprender e não fazer com que eles simplesmente aceitem o que lhes é passado, que muitas vezes não condiz com o cronograma. O aluno, por mais que não queira seguir com uma vida acadêmica, não pode ser dar por satisfeito de ter apenas os conhecimentos básicos, a escola precisa formar mais que um aluno com o ensino médio completo e não pode simplesmente aprovar esse aluno e empurrá-lo para o mercado de trabalho sem devidas qualificações. Segundo o PCNEM (2000)

A formação do aluno deve ter como alvo principal a aquisição de conhecimentos básicos, a preparação científica e a capacidade de utilizar as diferentes tecnologias relativas às áreas de atuação. Propõe-se, no nível do Ensino Médio, a formação geral, em oposição à formação específica; o desenvolvimento de capacidades de pesquisar, buscar informações, analisá-las e selecioná-las; a capacidade de aprender, criar, formular, ao invés do simples exercício de memorização. (PCNEM, 2000, p. 5)

Portanto, já não cabe mais aos professores serem meros repetidores de conteúdos e fazerem com que os alunos memorizem, e cabe a escola verificar se tais parâmetros têm de fato servidos de base para os conteúdos selecionados pelos professores, pois infelizmente não foi o que podemos verificar durante a observação das aulas de Língua

Portuguesa, e isso acaba sendo refletido no interesse dos alunos, que muitas vezes se desinteressam por conta do conteúdo selecionado para as aulas.

Como bem postula Irandé Antunes

Aprender é uma das coisas mais bonitas, mais gostosas da vida. Acontece em qualquer tempo, em qualquer idade, em qualquer lugar. Ajudar as pessoas a descobrir esse prazer, a “degustar” o sabor dessa iguaria é ascender às mais altas esferas da atuação humana. A escola existe para estimular a “gula” pelas delícias de poder saber..., pois “a capacidade de sentir prazer não é um dom natural. Precisa ser aprendida [...]” (ANTUNES, 2003, p. 175, apud, ALVES, 2000)

Sendo assim, a escola é a principal instituição capacitada para despertar e estimular o aluno a querer saber, e se a própria escola estiver deixando de lado os alunos que julgar não saber ou não querer saber, que chances reais de fato esses alunos terão? Como o interesse será despertado neles, se a própria escola está o excluindo? Percebe-se então, que não cabe a escola decidir que pode e não pode, mas sim ofertar e possibilitar chances iguais em todos os períodos na escola, e não se esquecer dos alunos do noturno, e principalmente não deixar com que eles esqueçam que são capazes e que podem.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegar nessa etapa do relatório percebemos o quão significativo foi o nosso projeto docente e o nosso contato com os alunos. Ainda que seja o Estágio II, e para muitos é uma experiência repetitiva, para nós foi tão desafiador quanto do primeiro estágio. Ainda que mais preparadas, a sensação é sempre nova e diferente, até porque nossos ouvintes são outros, outras histórias e vivências. Buscamos trazer algo significativo para os alunos, e após analisarmos e conhecermos melhor sobre o planejamento, questionário e os próprios alunos, achamos válido trazer Jorge Amado, em sua obra Capitães da Areia, que se faz tão atual quanto a 80 anos. Tentamos despertar nos alunos o interesse pela leitura na íntegra, bem como demonstrar a importância de uma boa escrita, seja para o ENEM, vestibular ou qualquer momento da vida.

Ficamos satisfeitas com o resultado de modo geral, desde as discussões (que poderiam ter sido mais enriquecedoras) até o produto final, que resultou num foto livro bem reflexivo e profundo. Enfatizamos o fato do respeito mútuo entre estagiárias e

alunos, e que fazem com que nós amadureçamos ainda mais como profissionais da educação.

Não poderíamos deixar passar em branco o projeto extraclasse, que foi um sucesso do início ao fim, desde público, mapas conceituais, discussões, até o simulado que fez com que o aluno vivenciasse um momento de aproximação com os concursos que virão.

Enfim, nossos sentimentos são de dever cumprido e satisfação. Ao fim, apesar dos contratemplos, com o amparo que encontramos uma na outra, com o auxílio da nossa orientadora, conseguimos concluir uma etapa fundamental nas nossas vidas acadêmicas.

5. REFERÊNCIAS

5.1. Referências do espaço escolar

ANTUNES, Irandé. Aula de português: encontro & interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BRASIL, *Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio*. Brasília, 2000. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>, acessado no dia 28 de abril de 2016.

BUNZEN, MENDONÇA, Português no ensino médio e formação do professor. Parábola Editorial, 4ed, 2012.

GERALDI, João Wanderley. A Aula como acontecimento. São Paulo: Pedro & João Editores, 2010.

GERALDI, João Wanderley. Prática da leitura de textos na escola – Texto apresentado no 2º Encontro Anual da APLL/RS em 1983 e publicado na revista *Leitura: Teoria e Prática*, ano 3, nº3, p..25-33, 1984.

Linguagens, códigos e suas tecnologias / Secretaria de Educação Básica – Brasília: Ministério da Educação, 2006. 239 p. (Orientações curriculares para o ensino médio; volume1). Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf Acessado em Abril/2016.

Plano de Gestão Escolar 2016/2019 – Escola de Educação Básica Maria José Barbosa Vieira, São José, 2015.

Projeto Político Pedagógico – Escola de Educação Básica Maria Barbosa José Vieira, São José, 2014.

SANTA CATARINA. Proposta Curricular de Santa Catarina: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio. Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. Florianópolis: COGEN, 1998.

5.2. Referências do projeto de docência

AGUIAR, Vera Teixeira de. BORDINI, Maria da Glória. A formação do leitor. Série Novas Perspectivas 27. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

ANTUNES, Irandé. Aula de português: encontro e interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

CÂNDIDO, Antônio. “O Direito à Literatura”. In: *Vários Escritos*. Duas Cidade/Ouro sobre azul. São Paulo, Rio de Janeiro, 4ª Ed., 2004.

COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. Trad. De Laura Sandroni, São Paulo: Editora Global, 2007.

Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf Acessado em Abril/2016.

Disponível em: http://www.sed.sc.gov.br/secretaria/documentos/cat_view/89-ensino/156-proposta-curricular/158-1998 Acessado em Abril/2016.

LAJOLO, Marisa P. “O texto não é pretexto”. In: Regina Zilberman (org.). *Leitura em Crise na Escola: as alternativas do professor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

LAURIA, Maria Paula Parisi. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/linguagens02.pdf> Acessado em Abril/2016.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Atos de referenciação na interação face a face. Caderno de Estudos Linguísticos: São Paulo, Jul/Dez 2001. p. 37 – 54.

POSSENTI, Sírio. Por que (não) ensinar gramática na escola. São Paulo: Mercado das Letras, 1996. 2ª Ed, 2012.

SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de Linguística Geral. 30ª Edição. São Paulo: Cultrix, 2002.

TODOROV, Tzveran. *A literatura em perigo*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

VIGOTSKY, L.S.A. *A formação social da mente*. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

5.3. Referências dos ensaios individuais

ANTUNES, Irandé. Aula de português: encontro & interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BRASIL, *Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio*. Brasília, 2000. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>, acessado no dia 28 de abril de 2016.

BUNZEN, MENDONÇA, Português no ensino médio e formação do professor. Parábola Editorial, 4ed, 2012.

SANTA CATARINA. Proposta Curricular de Santa Catarina: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio. Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. Florianópolis: COGEN, 1998.

5.4. Referências do projeto extraclasse

AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória, Literatura: A formação do leitor; Alternativas metodológicas, 2 ed. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1993.

BAKHTIN, Michael. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. Marxismo e filosofia da linguagem. 12ª Edição: HUCITEC: 2006. Disponível em:

<http://www.fecra.edu.br/admin/arquivos/MARXISMO_E_FILOSOFIA_DA_LINGUAGEM.pdf> Acessado em Maio/2016.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL/SEMTEC. Orientações curriculares do ensino médio. Brasília: MEC/Semtec, 2004.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. Vários escritos. 4. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades, 1995.

COLOMER, Teresa. Andar entre livros: a leitura literária na escola. Trad. De Laura Sandroni, São Paulo: Editora Global, 2007.

Disponível

em:

http://sis.posugf.com.br/AreaProfessor/Materiais/Arquivos_1/22594.pdf Acessado em Maio/2016.

6. ANEXOS

6.1. Documentação

Anexo 1 - Termo de compromisso do estágio obrigatório – TCE

Anexo 2 – Registro de observação das aulas de português - Ensino Médio

6.2. Descrição do espaço escolar

Anexo 3 – Entrevista com a professora – Liliane Zonta

Anexo 4 – Questionário para os alunos

6.3. Projeto de docência

Anexo 5 – Amostra de atividade: Produção Textual

Anexo 6– Amostra de atividade: Correção conforme os critérios do ENEM

Anexo 7 – Produto final: Foto Livro


Anexo 8 – Fotos: Turma 3.11

6.4. Projeto Extraclasse

Anexo 9 – Fotos: Extraclasse, estagiária Graciela Massironi Carus

Anexo 10 – Fotos: Docência, estagiária Vanessa Custódia Inácio

Anexo 1 - Termo de compromisso do estágio obrigatório – TCE



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**
Pró-Reitoria de Graduação - PROGRAD
Departamento de Integração Acadêmica e Profissional

Prédio da Reitoria - Campus Prof. João David Ferreira Lima, Florianópolis - SC - Brasil, CEP 88040-900
Fone +55 (48) 3721-9446 - Fax +55 (48) 3721-9296 | www.reitoria.ufsc.br/estagio | estagiosreg@reitoria.ufsc.br

TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO - TCE Nº 655446

O(A) **Secretaria de Estado da Educação**, CNPJ 82.951.328/0001-58, doravante denominado(a) **CONCEDENTE**, representado(a) pelo(a) sr(a), **Marlon Pires Sarmiento**, a Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, CNPJ 83.899.526/0001-82, representada pelo(a) Coordenador(a) de Estágios do Curso, Prof.(a) **Jose Ernesto De Vargas**, e o(a) estagiário(a) **Vanessa Custodia Inacio**, CPF **080.620.659-44**, telefone **4898138648**, e-mail **vaneessinhah_inacio@hotmail.com**, regularmente matriculado(a) sob número **11201910** no Curso de **Letras - Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa** na forma da Lei nº 11.788/08, da Resolução 014/CUn/11 e das normas do Curso, acertam o que segue:


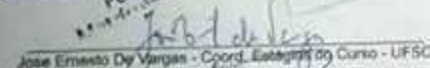
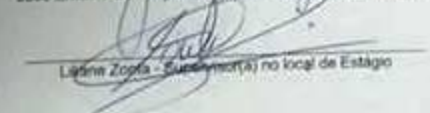

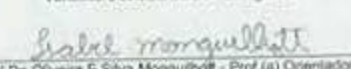
<p>Art. 1º: O presente Termo de Compromisso de Estágio (TCE), fundamentado no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) e no convênio firmado entre a CONCEDENTE e a UFSC em 03/06/2013 e vinculado à disciplina MEN7002.</p> <p>Art. 2º: O(A) Prof.(a) Isabel De Oliveira E Silva Monguilhott, da área a ser desenvolvida no estágio, atuará como orientador(a) para acompanhar e avaliar o cumprimento do Programa de Atividades de Estágio (PAE), definido em conformidade com a área de formação do(a) estagiário(a).</p> <p>Art. 3º: A jornada semanal de atividades será de 14 horas (com no máximo 3 horas diárias), a ser desenvolvida na CONCEDENTE, no(a) Escola de Educação Básica Maria José Barbosa Vieir, de 16/03/2016 a 11/07/2016, respeitando-se horários de obrigações acadêmicas do estagiário e tendo como supervisor(a) o(a) Liliane Zonta.</p> <p>Art. 4º: O(A) estagiário(a), durante a vigência do estágio, estará segurado(a) contra acidentes pessoais pela apólice Nº 81.227 da seguradora Generali Brasil Seguros S/A (CNPJ 33.072.307/0001-57).</p> <p>Art. 5º: O(A) estagiário(a) deverá elaborar relatório, conforme descrito no Projeto Pedagógico do Curso, devidamente aprovado e assinado pelas partes envolvidas.</p> <p>Art. 6º: O estágio poderá ser rescindido por uma das partes a qualquer tempo, através de Termo de Rescisão.</p>	<p>Art. 7º: O(A) estagiário(a) deverá informar a unidade concedente em caso de abandono do curso.</p> <p>Art. 8º: O(A) estagiário(a) realizará o presente estágio sem remuneração.</p> <p>Art. 9º: O(A) estagiário(a) não terá, para quaisquer efeitos, vínculo empregatício com a CONCEDENTE, desde que observados os itens deste TCE.</p> <p>Art. 10º: Caberá ao(a) estagiário(a) cumprir o estabelecido no PAE abaixo; conduzir-se com ética profissional; respeitar as normas da UFSC, respondendo por danos causados pela inobservância das mesmas, e submeter-se à avaliação de desempenho.</p> <p>Art. 11º: As partes, em comum acordo, firmam o presente TCE em 5 vias de igual teor.</p>
---	--

PROGRAMA DE ATIVIDADES DE ESTÁGIO (PAE) do TCE Nº 655446

Durante a vigência do TCE, o(a) estudante desenvolverá as seguintes atividades:

Estágio de observação em turma de 3º ano - Ensino Médio: reflexão sobre os registros efetuados; investigação do contexto socioeducativo; elaboração do projeto de estágio; elaboração dos planos de aula ajustados à realidade presente; estágio de docência; avaliação da consecução dos objetivos; atitudes docentes e aplicação de conhecimentos; elaboração de relatório; socialização dos resultados da experiência na comunidade escolar.

Local e Data: Florianópolis, 16 de março de 2016

<p> Marlon Pires Sarmiento - DIRETOR PO 18.618 - Representante na CONCEDENTE</p> <p> Jose Ernesto De Vargas - Coord. Estágios do Curso - UFSC</p> <p> Liliane Zonta - Supervisor(a) no local de Estágio</p>	<p> Vanessa Custodia Inacio - Estagiário</p> <p> Isabel De Oliveira E Silva Monguilhott - Prof.(a) Orientador(a)</p>
---	--

TCE Nº 655446 - Gerado pelo SIARE em 16/03/2016 às 13:54:12 hs.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Pró-Reitoria de Graduação - PROGRAD
Departamento de Integração Acadêmica e Profissional

Prédio da Reitoria - Campus Prof. João David Ferreira Lima, Florianópolis - SC - Brasil, CEP 88040-900
Fone +55 (48) 3721-9446 - Fax +55 (48) 3721-9296 | www.reitoria.ufsc.br/estagio | estagiopreg@reitoria.ufsc.br

TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO - TCE Nº 655450

O(A) **Secretaria de Estado da Educação**, CNPJ 82.951.328/0001-58, doravante denominado(a) **CONCEDENTE**, representado(a) pelo(a) sr(a). **Marlon Pires Sarmiento**, a Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, CNPJ 83.899.526/0001-82, representada pelo(a) Coordenador(a) de Estágios do Curso, Prof.(a) **Jose Ernesto De Vargas**, e o(a) estagiário(a) **Graciela Massironi Carus**, CPF **408.345.060-68**, telefone **4832337164**, e-mail **gracielamassironi@hotmail.com**, regularmente matriculado(a) sob número **11201843** no Curso de **Letras - Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa** na forma da Lei nº 11.788/08, da Resolução 014/CUn/11 e das normas do Curso, acertam o que segue:

- | | |
|--|--|
| <p>Art. 1º: O presente Termo de Compromisso de Estágio (TCE), fundamentado no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) e no convênio firmado entre a CONCEDENTE e a UFSC em 03/06/2013 e vinculado à disciplina MEN7001.</p> <p>Art. 2º: O(A) Prof.(a) Isabel De Oliveira E Silva Monguilhott, da área a ser desenvolvida no estágio, atuará como orientador(a) para acompanhar e avaliar o cumprimento do Programa de Atividades de Estágio (PAE), definido em conformidade com a área de formação do(a) estagiário(a).</p> <p>Art. 3º: A jornada semanal de atividades será de 14 horas (com no máximo 3 horas diárias), a ser desenvolvida na CONCEDENTE, no(a) Escola de Ed. Básica Maria José Barbosa Vieira, de 16/03/2016 a 11/07/2016, respeitando-se horários de obrigações acadêmicas do estagiário e tendo como supervisor(a) o(a) Liliane Zonta.</p> <p>Art. 4º: O(A) estagiário(a), durante a vigência do estágio, estará segurado(a) contra acidentes pessoais pela apólice Nº 81.227 da seguradora Generali Brasil Seguros S/A (CNPJ 33.072.307/0001-57).</p> <p>Art. 5º: O(A) estagiário(a) deverá elaborar relatório, conforme descrito no Projeto Pedagógico do Curso, devidamente aprovado e assinado pelas partes envolvidas.</p> <p>Art. 6º: O estágio poderá ser rescindido por uma das partes a qualquer tempo, através de Termo de Rescisão.</p> | <p>Art. 7º: O(A) estagiário(a) deverá informar a unidade concedente em caso de abandono do curso.</p> <p>Art. 8º: O(A) estagiário(a) realizará o presente estágio sem remuneração.</p> <p>Art. 9º: O(A) estagiário(a) não terá, para quaisquer efeitos vínculo empregatício com a CONCEDENTE, desde que observados os itens deste TCE.</p> <p>Art. 10º: Caberá ao(a) estagiário(a) cumprir o estabelecido no PAE abaixo; conduzir-se com ética profissional respeitar as normas da UFSC, respondendo por danos causados pela inobservância das mesmas, e submeter-se à avaliação de desempenho.</p> <p>Art. 11º: As partes, em comum acordo, firmam o presente TCE em 5 vias de igual teor.</p> |
|--|--|

PROGRAMA DE ATIVIDADES DE ESTÁGIO (PAE) do TCE Nº 655450

Durante a vigência do TCE, o(a) estudante desenvolverá as seguintes atividades:

Estágio de observação em turma de 3ºano - Ensino Médio; reflexão sobre os registros efetuados; investigação do contexto socioeducativo; elaboração de projeto de estágio, elaboração dos planos de aula ajustados à realidade presente; estágio de docência; avaliação da consecução dos objetivos; atitudes docentes e aplicação de conhecimentos; elaboração de relatório; socialização dos resultados da experiência na comunidade escolar.

Local e Data:

Marlon Pires Sarmiento
Marlon Pires Sarmiento - Representante na CONCEDENTE
Diretor de Ensino
Portaria: 18.199-00
Matrícula: 278.199-00

E.E.B. Profª José Barbosa Vieira
Cód - 779000035220
Pareceres nº 117/87 e 114/86
Rua. João de Deus, 1413 - Praia Comprida
São José - SC
FONE (48) 3257-3010


Jose Ernesto De Vargas
Jose Ernesto De Vargas - Coord. Estágios do Curso - UFSC

Graciela Massironi Carus
Graciela Massironi Carus - Estagiário

Liliane Zonta
Liliane Zonta - Supervisor(a) no local de Estágio


Isabel Monguilhott
Isabel De Oliveira E Silva Monguilhott - Prof.(a) Orientador(a)

Anexo 2 – Registro de observação das aulas de português - Ensino Médio



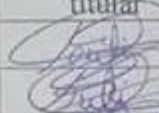
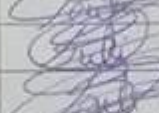



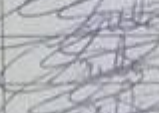
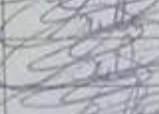

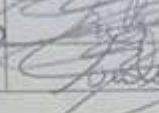
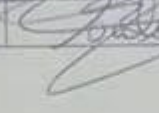
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
COORDENADORIA DE PRÁTICA DE ENSINO E
ESTÁGIO


Campus Universitário - Caixa Postal: 476 - 88040-900 - Florianópolis - SC - Brasil
Fone: (48) 331-9243 - Fax: (48) 331-8703



REGISTRO DE OBSERVAÇÃO DE AULAS DE PORTUGUÊS – ENSINO MÉDIO

Escola: Oxela de Educação Básica Maria José Barbosa
 Turma: 3.11 - 3º ano do Ensino Médio
 Professora: Debiame Zonta
 Estagiário(a): Vanessa Inácio
 Período de observação total: 10 h/a - 18/03/2016 a 13/04/2016

Aula	Dia	Hora	Conhecimentos trabalhados na aula	Assinatura da professora titular
Aula 1	18/03/2016	18:45 - 19:25	Redação	
Aula 2	23/03/2016	20:15 - 20:55	Clases Gramaticais	
Aula 3	23/03/2016	20:55 - 21:35	Clases Gramaticais	
Aula 4	30/03/2016	20:15 - 20:55	Clases Gramaticais	
Aula 5	30/03/2016	20:55 - 21:35	Clases Gramaticais	
Aula 6	03/04/2016	18:45 - 19:25	Bastionário aos alunos	
Aula 7	06/04/2016	18:45 - 19:25	Clases Gramaticais	
Aula 8	08/04/2016	20:45 - 20:55	Clases Gramaticais	
Aula 9	08/04/2016	20:55 - 21:35	Clases Gramaticais	
Aula 10	13/04/2016	18:45 - 19:25	Curso Didático	



Assinatura da Professora da Turma



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
COORDENADORIA DE PRÁTICA DE ENSINO E
ESTÁGIO



Campus Universitário - Caixa Postal: 476 - 88040-900 - Florianópolis - SC - Brasil
Fone: (48) 331-9243 - Fax: (48) 331-8703

**REGISTRO DE OBSERVAÇÃO
DE AULAS DE PORTUGUÊS -
ENSINO MÉDIO**

Escola: Escola de Educação Básica Maria José Barbosa Vieira
Turma: 3.11
Professora: Liliane Zonta
Estagiário(a): Graciela Marilene Carli
Período de observação total: 10h aulas

Aula	Dia	Hora	Conhecimentos trabalhados na aula	Assinatura da professora titular
Aula 1	18/03/16	18:45 - 19:25	REDAÇÃO - correção	
Aula 2	23/03/16	20:15 - 20:55	Breve revisão redação Revisão classes gram.	
Aula 3	23/03/16	20:55 - 21:35	Revisão classes gram.	
Aula 4	30/03/16	20:15 - 20:55	classes gramaticais	
Aula 5	30/03/16	20:55 - 21:35	classes gramaticais	
Aula 6	01/04/16	18:45 - 19:25	questões de socioculturas	
Aula 7	06/04/16	18:45 - 19:25	classes gramaticais	
Aula 8	08/04/16	20:15 - 20:55	classes gramaticais	
Aula 9	08/04/16	20:55 - 21:35	classes gramaticais	
Aula 10	13/04/16	18:45 - 19:25		

Assinatura da Professora da Turma

Anexo 3 – Entrevista com a professora – Liliane Zonta



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
ESTÁGIO DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA
ENTREVISTA COM A PROFESSORA DA TURMA

NOME:

IDADE:

1. Qual a sua formação profissional? Em qual instituição?

Letras Espanhol - UFSC
Administração Comércio Exterior - Unisul

2. Há quantos anos você exerce a atividade docente? Há quanto tempo na EEB
Profª Maria José Barbosa Vieira?

4 anos.
1 mês.

3. Qual a sua carga horária semanal? Em que regime de trabalho (efetivo ou temporário)?

60 h.
Temporário

4. Qual a sua metodologia de trabalho? Como planeja suas aulas? Que materiais costuma utilizar (audiovisuais, músicas, xerox, livros, etc)?

- Livro didático;
- Data show;
- Quadro branco;
- Campo

5. Como você avalia o seu grau de autonomia em relação aos conteúdos aplicados e metodologia?

R. Bem

6. Atualmente você desenvolve algum projeto na escola? Qual e quanto é o período de envolvimento?

R. Não.

7. Você faz uso da biblioteca na escola? Como é a aceitação dos alunos com idas a biblioteca?

R: Ainda não utilizei devido ao pouco tempo de trabalho na escola.

8. Como você avalia o suporte dado pela escola para os docentes?

Excelente.

9. Como você descreve a experiência de trabalhar com turmas do Ensino Médio?

R: Troca de conhecimentos, facilidade na compreensão dos assuntos e maiores

10. Como você administra suas aulas em relação à oralidade, leitura, escrita e debates?

R: É dado o conteúdo em primeira estância, após é verificado o conhecimento das alunas em relação ao conteúdo e tirada as dúvidas através da explicação, e o teste do conhecimento através das atividades e participação;

11. Você, como um profissional docente de Língua Portuguesa, possui o hábito de leitura? Que tipo de livros/autores costuma ler?

R: Sim, além das obras literárias gosto dos livros de auto-ajuda. Augusto Cury, Padre Fábio de Mello,

12. Qual sua concepção de língua? E de sujeito?

R: Sujeito é eu eu formado através do conhecimento da linguagem, a língua é o meio de comunicação da sociedade.

13. Há alguma observação relevante que você gostaria de deixar registrada?

R: Gostaria que me dessem um parecer sobre minhas aulas para poder estar melhorando enquanto professora.

Anexo 4 – Questionário para os alunos

QUESTIONÁRIO SOCIOCULTURAL



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
ESTÁGIO DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA
ACADÊMICAS: GRACIELA CARUS E VANESSA INÁCIO

QUESTIONÁRIO SOCIOCULTURAL

Identificação

Nome:

Idade:

Onda nasceu:

Onde mora:

Utiliza meio de transporte para chegar à escola? Qual?

Quantas pessoas moram com você? Identifique-as.

Você trabalha? Se a resposta for sim, qual sua profissão?

E as pessoas que moram com você, trabalham? Quais profissões?

Sobre sua vida escolar

1. Você já estudou em outras escolas? Em que série/ano começou a estudar no EEB Prof^a Maria José Barbosa Vieira?
2. Atualmente você participa de algum projeto na escola? Qual? Qual o período de envolvimento neste projeto?
3. Você gosta da disciplina de Língua Portuguesa? Por quê?

4. Cursando o último ano do Ensino Médio, você tem alguma perspectiva em relação à faculdade?
5. Você gosta de ler? Explique o por quê.
6. Se você gosta de ler, que tipo de leitura lhe agrada (romance, conto, poesia, jornal, revista, etc.)?
7. Quais atividades você mais gosta quando são solicitadas:
- () produção textual individual;
 - () leitura (em voz alta);
 - () exercícios de interpretação de texto;
 - () atividades gramaticais;
8. Você presta mais atenção nas aulas e aprende mais, quando:
- () O professor explica a teoria e passa exercícios no quadro (aulas expositivas);
 - () As atividades são realizadas em grupo;
 - () Apresentações individuais de trabalhos sobre assuntos determinados pelo professor;
 - () Conversam e discutem idéias diferentes a respeito de um texto, de uma história, de um conto, etc. (debates);
9. Por que você acha que deve aprender Língua Portuguesa? (Sendo que você desde seu nascimento já têm contato direto com tal instrumento de comunicação e sabe utilizá-lo para se comunicar).
10. Com base no seu aprendizado ao longo da vida escolar e por estar no “terceirão”, o que seria do seu interesse que as estagiárias trouxessem para ensinar/debater?
11. Caso haja uma oficina de Língua Portuguesa, o que lhe agradaria se fosse abordado, assinale:
- () Temas e dicas relacionado ao ENEM e aos vestibulares;
 - () Ferramentas de trabalho (currículo, ofício, carta de apresentação, etc)
 - () Redação;
 - () Especialmente os livros do vestibular;
 - () Simulados;

Caso outra coisa lhe agrade/interesse, escreva abaixo:

Sobre seu cotidiano e interesses

1. O que você costuma fazer em seu tempo livre (ler, praticar esportes, lazer, etc.)? Comente a importância dessas atividades na sua vida e como refletem na sua vida escolar.
2. O que você gosta de fazer quando usa a internet (redes sociais, jogos, filmes, séries, músicas, blogs, notícias, curiosidades, etc)? Em que sites costuma navegar?
3. Você utiliza a internet para realizar trabalhos escolares? Você acredita que a internet facilita sua vida e é uma boa fonte de pesquisas? Explique.
4. Com que frequência você utiliza o celular? Quais aplicativos você mais usa? Você os considera importantes? Por quê.

Obrigada pela participação.

Se desejar nos fazer alguma observação, utilize o espaço abaixo.

Anexo 5 – Amostra de atividade: Produção Textual

Aluno: [REDACTED]

Data: 10/06/16

PROPOSTA DE REDAÇÃO

A partir da leitura dos textos motivadores entregues e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da Língua Portuguesa sobre a **situação do menor abandonado** OU a **temática da sexualidade na adolescência**. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

Ensinando e prevenindo, seremos mais seguros
Nos dias de hoje não é mais comum as coisas de mulheres passarem despercebidas, que após a perda a responsabilidade em uma idade mais avançada. Com vez mais adolescentes e até mesmo crianças entram no mundo sexual, essa prática na maioria das vezes é resultado de vontade das próprias pessoas, independente do sexo, porém, uma pequena parcela é vítima de estupro, por exemplo.

Atualmente existe uma discussão em torno de aborto, com de tema sexualidade em escolas, muitas instituições, como a igreja, acreditam que a discussão sobre o tema, interfere na prática. No outro lado, profissionais entendem que a abordagem aconselha os jovens para praticar o sexo com segurança, com isso, várias indagações, seriam afetadas como por exemplo, o índice de contaminação por DST's, a taxa de natalidade na adolescência, entre outras.

A conscientização dos jovens é necessária para afetar diretamente o âmbito social. Se um jovem desmpe-se de a luz é uma criança, essa criança tem grandes chances de se tornar um jovem criminoso, seu então uma criança de rua.

A abordagem sobre o tema nas escolas é de extrema necessidade, a escola tem a função de nos ensinar e nos preparar para os desafios do novo, novo, mais justo que os jovens sejam preparados e apresentados ao tema em um lugar, cujo função é ensinar. Essa medida afeta a vida de todos os jovens, prevenindo os de doenças sexualmente transmissíveis e, prevenindo, a longo prazo, a população de crimes e futuros criminosos. É importante não só o momento a prática sexual, e sim, a prática segura.

Anexo 6– Amostra de atividade: Correção conforme os critérios do ENEM

CORREÇÃO

Aluna(o) [REDAÇÃO]

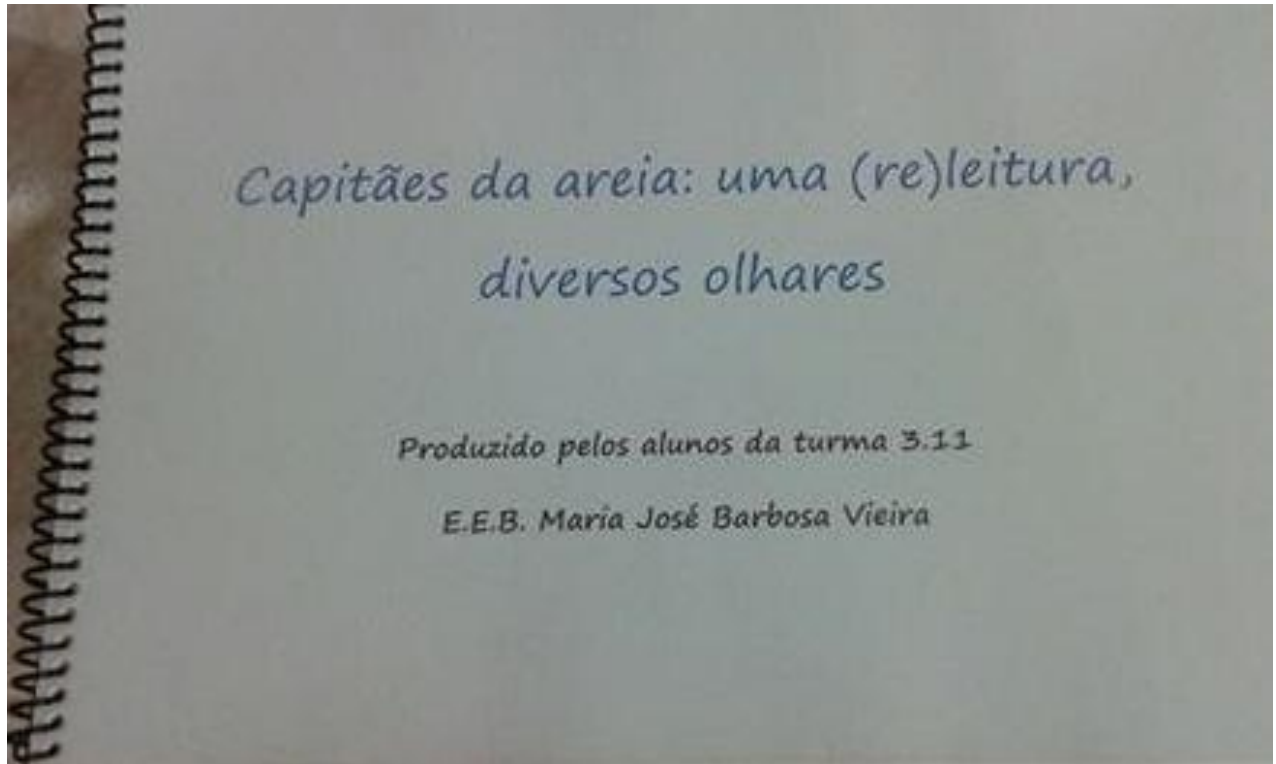
Competência	Situação do texto	Nível	Nota
I	Demonstrar domínio da norma culta da língua escrita	Bom domínio da norma culta com raras desvios gramaticais e de convenções da escrita	2,5
II	Compreender a proposta de redação e aplicar conceitos das várias áreas de conhecimento para desenvolver o tema, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo	Desenvolvimento razoável do tema, e domínio precário do tipo de texto dissertativo-argumentativo.	1,5
III	Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista	A organização não está clara das informações, fatos, opiniões e argumentos pertinentes ao tema proposto em defesa do ponto de vista defendido em seu projeto de texto. No entanto trouxe boas referências.	1,5
IV	Demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação	Não houve boa articulação das partes do texto. Tanto que a tese e os argumentos não ficaram claros.	1,5
Nota Final			7,0

(*) A redação foi corrigida com base nas quatro competências expressas na Matriz do ENEM.

A redação que não atender à proposta solicitada (competência II, tema/tipo de texto dissertativo-argumentativo) receberá o conceito D (desconsiderada). A redação em branco receberá o conceito B (em branco) e a redação com impropriedades, desenhos ou outras formas prepostas de anulação, receberá o conceito A (anulada). Em todos esses casos será atribuída nota zero às redações, sendo que o zero das redações em branco (B) é o único excluído do cálculo da média da nota de redação dos participantes.

Fonte
http://www.rededosalmer.ap.gov.br/portais/Portais/03/arquivos/Criterios_para_a_correcao_das_redacoes.pdf

Anexo 7 – Produto final: Foto Livro



Anexo 8 – Fotos: Turma 3.11



Anexo 9 – Fotos: Extraclasse, estagiária Graciela Massironi Carus



Anexo 10 – Fotos: Docência, estagiária Vanessa Custódia Inácio

